



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



# O desafio da alfabetização global



*Um perfil da alfabetização de jovens e adultos na metade da  
Década das Nações Unidas para a Alfabetização 2003 – 2012*

# O desafio da alfabetização global

*Um perfil da alfabetização de jovens e adultos  
na metade da Década das Nações Unidas  
para a Alfabetização 2003 – 2012*

Preparado e editado por

Mark Richmond

Clinton Robinson

Margarete Sachs-Israel

UNESCO

Setor de Educação

Divisão para a Coordenação das

Prioridades das Nações Unidas na Educação

Publicado em 2009

**pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**  
7, place de Fontenoy, 75352 Paris 07 SP (France)  
UNESCO

Versão em língua portuguesa preparada pela Representação da UNESCO no Brasil

**Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**  
**Representação no Brasil**

SAS, Quadra 5, Bloco H, Lote 6, Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar  
70070-914 - Brasília - DF - Brasil  
Tel.: (55 61) 2106-3500  
Fax: (55 61) 3322-4261  
E-mail: [grupoeditorial@unesco.org.br](mailto:grupoeditorial@unesco.org.br)

*Printed in Brazil*

(ED-2008/WS/52) CLD-1485.9

# Prefácio do Sr. Koïchiro Matsuura Diretor-Geral da UNESCO

É um prazer apresentar esta publicação, *O desafio da alfabetização global*, ao iniciarmos a segunda metade da Década das Nações Unidas para a Alfabetização (2003-2012). Neste momento, cabe fazermos um balanço das dimensões do desafio a fim de avançarmos com um compromisso ainda mais firme.

Agradecimentos especiais são devidos à Sra. Laura Bush, primeira-dama dos Estados Unidos da América que, como embaixadora honorária para a Década das Nações Unidas para a Alfabetização, deu à Década um grande impulso ao promover o desenvolvimento da Iniciativa de Alfabetização para o Empoderamento (LIFE), realizando a Conferência da Casa Branca sobre Alfabetização Global em Nova Iorque, em setembro de 2006, e desencadeando a série de seis Conferências Regionais da UNESCO em apoio à alfabetização global. Tais ações estratégicas atraíram significativamente a atenção do mundo para a alfabetização.

Como uma comunidade global, trabalhamos por muitas décadas para permitir que as pessoas em toda parte se beneficiem da alfabetização, e, sem dúvida, estamos avançando. As taxas de alfabetização estão aumentando, e há uma consciência maior de que as necessidades de alfabetização em toda parte estão mudando e devem ser atendidas de formas inovadoras. Entretanto, mais de 774 milhões de jovens e adultos em nosso mundo hoje – quase um em cada cinco da população adulta – não possuem habilidades básicas de leitura, escrita e domínio das operações matemáticas básicas necessárias para participar plenamente da sociedade. Em algumas regiões com alto índice de crescimento populacional, o número absoluto de analfabetos está até mesmo crescendo.

É comum se falar de “sociedade do conhecimento”, mas é menos comum se reconhecer que a geração, a transmissão e a transformação do conhecimento dependem quase sempre da escrita – seja em papel, na tela do computador seja no celular. Sem a habilidade de ler e escrever, as pessoas são excluídas do acesso a esses círculos de conhecimento, e mesmo da informação mais básica de que podem necessitar em seu cotidiano. A leitura e a escrita são uma parte essencial da abordagem aos grandes desafios globais – segurança alimentar e produção agrícola, HIV e Aids e outras epidemias, crescimento econômico e relações interculturais. As oportunidades de educação

e aquisição de novas habilidades exigem a habilidade de ler e escrever.

Ao iniciarmos a segunda metade da Década das Nações Unidas para a Alfabetização com uma estratégia renovada, a comunidade internacional deve procurar maneiras inovadoras de ajudar e trabalhar com a diversidade de populações marginalizadas que não foram bem atendidas pelas abordagens tradicionais. Sabemos que jovens e adultos aprendem melhor quando a alfabetização atende a suas metas particulares e suas necessidades individuais e se encaixa em seus contextos específicos – não deveria estar além da nossa capacidade coletiva sermos mais efetivos nesse sentido.

Também serão necessários recursos. Desde o Fórum Mundial da Educação em Dacar em 2000, que adotou a alfabetização como um objetivo específico de Educação para Todos (EPT) (*Education for All - EFA*) e um resultado chave da aprendizagem de qualidade, enfatizei a necessidade de um investimento maior na alfabetização. Até agora, a resposta não foi proporcional ao desafio. Como esta publicação deixa claro, deve haver um compromisso mais firme por parte dos governos e doadores para garantir que jovens e adultos não sejam privados da educação básica de qualidade que merecem e de que necessitam.

O desafio que enfrentamos não é fácil, mas nunca antes estivemos tão bem equipados para enfrentá-lo. Há muitos exemplos do que funciona. A segunda metade da Década da Alfabetização nos dá a oportunidade de construir o tipo de cooperação e as parcerias que aceleram o progresso na alfabetização. É imprescindível que mobilizemos nossos esforços e recursos em apoio a esse objetivo vital.



Koïchiro Matsuura

# Agradecimentos

Esta publicação se beneficiou das ideias e da participação de várias pessoas cujas contribuições enriqueceram o documento e cujo apoio ao processo foi generoso e incansável.

O Grupo de Especialistas da Década das Nações Unidas para a Alfabetização devotou tempo e esforços significativos, coletivamente e individualmente, para estruturar e revisar o documento ao longo do processo de elaboração. Os membros do grupo são: David Archer, Shaheen Attiq-ur-Rahman, Aaron Benavot, Teeluck Bhuwanee, Koumba Boly Barry, Mohammed Bougroum, Beverley Bryan, Lene Buchert, Raul Valdés Coterá, Nour Dajani, R. Govinda, César Guadalupe, Abdul Hakeem, Ulrike Hanemann, Heribert Hinzen, Timothy Ireland, Maria Luisa Jáuregui, Joyce Kebathi, Maria Khan, Qutub Khan, Bryan Maddox, Phyllis Magrab, Benita Somerfield, Sobhi Tawil, Ko-chih Tung, Abdelwahid Yousif.

Também agradecemos a Nicole Bella, Nalini Chhetri, Peter Easton, Marta Encinas-Martin, Sabine Kube, Peter Lavender, Bryan Maddox, Carolyn Petersen e Anna Robinson-Pant por documentos de apoio e outros insumos essenciais para garantir um olhar abrangente sobre o tema. Mary De Sousa e Ulla Kalha colaboraram com a edição final e produção.

# Sumário

Prefácio do Sr. Koïchiro Matsuura, Diretor-Geral da UNESCO	3	<b>Política</b>	
Agradecimentos	4	Elaborando políticas de alfabetização	43
		Pondo a política em prática	48
Sumário Executivo	7	<b>Qualidade</b>	
		Promovendo a alfabetização de qualidade	51
<b>A Década das Nações Unidas para a Alfabetização</b>		A questão da língua	57
Alfabetização no século XXI	9	Desenvolvimento de capacidades para a alfabetização	59
A Década das Nações Unidas para a Alfabetização	12	Ambientes letrados	62
A Iniciativa da Alfabetização para o Empoderamento	15	<b>Evidência</b>	
		Avaliando os graus de alfabetização	65
<b>Situação da alfabetização</b>		Monitoramento e avaliação	68
O que significa alfabetização?	17	<b>Apoio à alfabetização</b>	
Domínio das operações matemáticas básicas	20	Financiamento da alfabetização	71
Alfabetização: a base para a aprendizagem ao longo da vida	21	Parcerias para a alfabetização	74
Alfabetização: em que ponto estamos?	23	<b>Chamada para a ação</b>	77
<b>Equidade</b>			
Alfabetização e direitos humanos	27		
Inclusão e equidade: a alfabetização é realmente para todos?	29		
Ter a oportunidade da alfabetização	33		
Alfabetização e gênero	36		
Alfabetização e redução da pobreza	39		
Alfabetização em áreas afetadas por conflitos	41		

# Sumário Executivo

A Década das Nações Unidas para a Alfabetização (UNLD, 2003-2012) chegou à metade, com iniciativas e mudanças nas políticas que fornecem uma base mais sólida para as ações de alfabetização hoje e no futuro. O aumento da taxa global de alfabetização de adultos (pessoas com mais de 15 anos de idade), de 76% a 83,6% nas últimas duas décadas, apresenta um progresso constante, com as taxas nos países em desenvolvimento mostrando um aumento ainda mais acentuado, de 68% para 79%. A Iniciativa da Alfabetização para o Empoderamento (LIFE) deu novo ímpeto aos esforços em países com grande demanda por alfabetização. Entretanto, os avanços de modo geral não são suficientes para atender ao objetivo da educação para 2015 de reduzir à metade as taxas de analfabetismo. A África Subsaariana, a região dos Estados Árabes e da Ásia Meridional e Ocidental demonstram as maiores carências na alfabetização. Ao abordar o desafio global em que quase um adulto em cinco não tem habilidades de escrita e leitura, novos conceitos de alfabetização e de ambiente letrado colocam a alfabetização no contexto da aprendizagem ao longo de toda a vida, vinculando-a a outras competências básicas. O domínio das operações matemáticas básicas muitas vezes é associado à alfabetização, mas exige abordagens distintas.

Como um resultado-chave da educação e um instrumento para a aprendizagem adicional, a alfabetização é parte do direito à educação e facilita a consecução de outros direitos. Oportunidades equitativas de alfabetização não estão disponíveis para determinados grupos como populações indígenas, comunidades nômades, jovens marginalizados, populações em áreas rurais, prisioneiros, migrantes ou pessoas com necessidades especiais. É fundamental que sejam oferecidas formas apropriadas de alfabetização, seja por intermédio da educação formal, programas de equivalência, alfabetização familiar seja por educação a distância. Questões de gênero são estruturadas distintamente nas diferentes regiões: as mulheres compõem a proporção mais alta de pessoas analfabetas na África Subsaariana

e na Ásia Meridional e Ocidental, ao passo que no Caribe e em alguns países da Europa são os meninos e homens que têm as taxas mais baixas de alfabetização. Assim como gênero, a pobreza é mais um parâmetro transversal de desvantagem, e é preciso maior integração entre a alfabetização e as estratégias de redução da pobreza. Nas áreas afetadas por conflitos, onde as oportunidades de aprendizado foram comprometidas, a alfabetização pode desempenhar um papel significativo na recuperação, particularmente quando vinculada à construção da paz, ao empoderamento e ao treinamento de habilidades de subsistência.

Políticas nacionais de alfabetização abrangentes, baseadas no compromisso firme com a alfabetização e uma compreensão de seu escopo, devem ser elaboradas com base em evidência sólida do que funciona e em dados relevantes sobre graus e necessidades de alfabetização; as políticas devem levar à implementação e ser apoiadas por recursos adequados. Os governos devem assumir a liderança na formulação das políticas, com a participação da sociedade civil e dentro do marco de objetivos amplos de desenvolvimento. Pôr uma política em prática exige articulação entre diferentes órgãos do governo, pois a alfabetização é fundamental em outros setores como a saúde, o bem-estar social, o desenvolvimento rural e a agricultura. A coordenação vertical, a partir do centro para os níveis comunitários, deve distribuir as responsabilidades de modo apropriado.

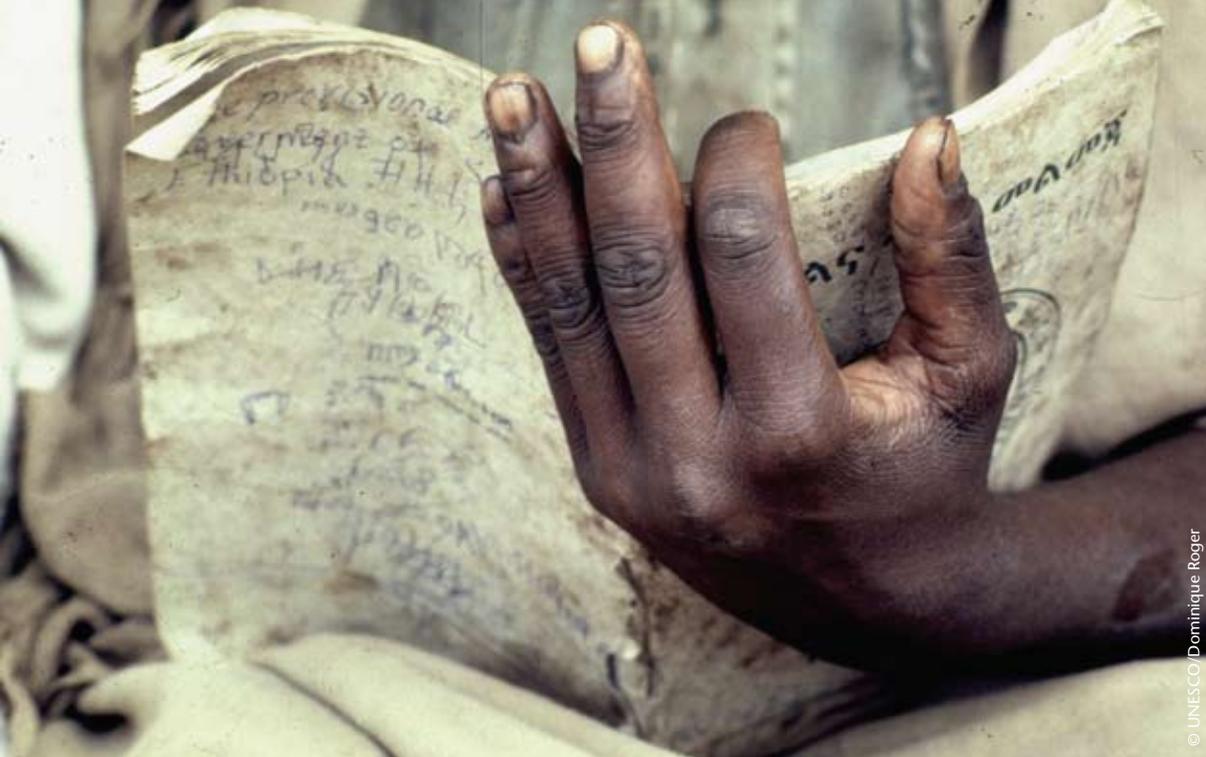
A alfabetização efetiva depende em parte da qualidade dos programas. Pesquisa, intercâmbio de boas práticas e capacitação são aspectos-chave da qualidade que necessitam de investimento maior. Questões relacionadas à língua, aos métodos de alfabetização, à participação da comunidade, à avaliação da aprendizagem e ao conhecimento das necessidades do aluno são alguns dos fatores que exigem atenção para tornar um programa de alfabetização eficaz em um contexto específico. Em termos de capacitação, o treinamento do facilita-

dor é essencial, mas o desenvolvimento e a capacitação institucional para a pesquisa e a avaliação também são áreas importantes de investimento. Compreender e enriquecer o ambiente letrado, com produção adequada de materiais, irá facilitar o uso da alfabetização para atender necessidades de comunicação cotidiana; a autoria e a publicação no nível local são estratégias úteis, particularmente onde as línguas de minorias e de povos indígenas são usadas.

As formas de avaliação dos graus de alfabetização estão cada vez mais focadas no que as pessoas realmente conseguem fazer em termos de leitura e escrita, usando testes diretos. Esses métodos, entre os quais o Programa de Avaliação e Monitoramento da Alfabetização (LAMP), se afastam da dicotomia alfabetização/analfabetismo e se aproximam de um *continuum* de graus de alfabetização, assim permitindo um foco melhor para os programas. É preciso construir uma cultura consistente de monitoramento e avaliação global, nacional e programático, que documente o progresso, indique estratégias eficazes e os principais desafios, e demonstre onde a alfabetização se insere em uma ação educacional mais ampla, particularmente no contexto não formal.

A alfabetização não é financiada adequadamente; tanto os governos quanto as agências internacionais de ajuda precisam aumentar seu nível de investimento para que os objetivos da UNLD e as metas de Educação para Todos sejam alcançados. São necessários mais estudos sobre os custos da alfabetização e do analfabetismo para mostrar qual nível de financiamento é realmente necessário para garantir a alfabetização de qualidade, e quais recursos socioeconômicos são atualmente desperdiçados devido ao analfabetismo e baixo grau de alfabetização. Dadas as múltiplas conexões da alfabetização e suas dimensões complexas, as parcerias para a alfabetização devem reunir governos, sociedade civil, comunidades, setor privado, universidades e agências internacionais. A cooperação Sul-Sul tem grande potencial, assim como as redes emergentes de universidades com foco na alfabetização.

A Chamada para a Ação enfatiza três áreas para o futuro: 1) mobilizar um compromisso mais firme com a alfabetização; 2) reforçar a oferta de programas de alfabetização mais efetivos; e 3) captar novos recursos para a alfabetização. As linhas de ação propostas apontam para estratégias de apoio a essas prioridades, em nível nacional e internacional.



© UNESCO/Dominique Roger

## Alfabetização no século XXI

**A** alfabetização nunca foi tão necessária para o desenvolvimento; é essencial para a comunicação e a aprendizagem de todos os tipos, e uma condição de acesso fundamental às sociedades do conhecimento de hoje. Com o aumento das disparidades socioeconômicas e as crises mundiais de alimento, água e energia, a alfabetização é uma ferramenta de sobrevivência em um mundo de concorrência acirrada. Conduz ao empoderamento, e o direito à educação inclui o direito à alfabetização – requisito fundamental para a aprendizagem ao longo da vida e um meio vital de desenvolvimento humano e de consecução dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs).

# A Década das Nações Unidas para a Alfabetização

A alfabetização também é ponto central na agenda da iniciativa Educação para Todos (EPT), com seus seis objetivos para melhorar o acesso à educação básica de qualidade. A alfabetização está no cerne da aprendizagem para crianças pequenas, alunos na escola, jovens fora da escola e adultos. A partir dessa perspectiva, a alfabetização tornou-se um componente essencial em todos os aspectos dos programas de aprendizagem, mas deve agora ir além da aquisição de habilidades básicas de leitura e escrita para tornar-se um meio de agregar diversas formas de conhecimento, entendimento e comunicação.

Em algum nível, os ambientes sociais são ambientes letrados. A comunicação por meio da leitura e da escrita é parte de cada sociedade – órgãos internacionais, governos nacionais e organizações comunitárias dependem da alfabetização para tomar decisões, comunicar conhecimento, fazer planos e documentar ações. Indivíduos contam com a leitura e a escrita para transações diárias, aprendizagem, lazer e contato através do tempo e da distância.

*[As taxas mundiais de analfabetismo]... seriam cifras devastadoras em qualquer época, tanto para indivíduos quanto para sociedades; o fato de ocorrerem no contexto da sociedade de informação de hoje deve determinar a urgência de esforços para promover a alfabetização em todo o mundo.*

Ban Ki-moon  
Secretário-geral das Nações Unidas  
Dia Internacional da Alfabetização 2008

A alfabetização parece algo normal para quem é letrado, mas parece um objetivo quase inatingível para muitos. Aproximadamente um em cada cinco adultos no mundo de hoje – 774 milhões de homens e mulheres – não tem acesso à comunicação escrita por meio da alfabetização, 75 milhões de crianças estão fora da escola e outros tantos milhões de jovens saem da escola sem nível de alfabetização adequado para uma participação produtiva em suas sociedades.

Para essas pessoas, grande parte do mundo onde vivem é inacessível, distante e impossível de conhecer. Dependem de outros que sabem ler e escrever para tomar decisões importantes sobre suas vidas. A situação é inaceitável e exige um compromisso para garantir que todos possam participar nas sociedades letradas. O desafio é urgente e compete a todos os parceiros a aprofundarem seu compromisso e fortalecerem suas ações.

### *Este perfil ...*

...mostra a situação de alfabetização de jovens e adultos na metade da Década às Nações Unidas para a Alfabetização (UNLD - 2003-2012), a partir de informações colhidas para a Revisão de Meia-Década da UNLD apresentada à Assembleia Geral da ONU em 2008. Enfoca jovens e adultos analfabetos ou com baixo grau de alfabetização. Para a maioria dos países, a alfabetização de adultos se refere a programas voltados para a faixa etária de 15 anos ou mais, e, dentro desta, a alfabetização de jovens geralmente se refere à faixa etária de 15 a 24 anos.

Esse perfil não é nem um relatório de progresso detalhado, nem um manual sobre como empreender o trabalho de alfabetização. Ao contrário, apresenta as muitas dimensões da alfabetização que o amplo leque de atores deve considerar no planejamento e na implementação de programas de alfabetização. A publicação situa a alfabetização no contexto do desenvolvimento

e mostra como está ligado a outros desafios da sociedade – como a desigualdade de gênero, marginalização, pobreza, desigualdade de renda e a falta do respeito para com os direitos humanos – evidenciando as questões em jogo e dando exemplos ocorridos em todo o mundo. Contém seções sobre tópicos como políticas, elaboração e implementação de programas de alfabetização, avaliação dos graus de alfabetização e monitoramento e avaliação, citando exemplos de iniciativas recentes. Discute o que torna um programa de alfabetização bom, enfatizando o fato de que melhores dados são necessários para a tomada de decisões. Financiamento adequado, coordenação e apoio internacional também são abordados como elementos essenciais para uma ação eficaz de alfabetização em todo o globo. O perfil termina com uma *Chamada para a Ação* a todos os atores envolvidos com a alfabetização.

O pano de fundo para esse perfil do desafio da alfabetização global é o progresso indiscutível atingido nas últimas décadas. Imensos avanços foram alcançados, mas ainda falta muito para atingir o objetivo da iniciativa Educação para Todos, isto é, aumentar as taxas de alfabetização em 50% em todo o mundo, até 2015 (ver quadro abaixo). Uma forma de alcançar esse objetivo é reconhecer que a oferta de oportunidades de alfabetização é um processo complexo que exige a mesma abordagem profissional de qualquer outro aspecto da educação.

Mesmo fornecendo uma visão abrangente da situação atual e de suas diferentes facetas, esse perfil não esgota o tópico e, portanto, faz sugestões de leituras adicionais.

As questões abordadas por esse perfil, as linhas de argumento e as recomendações para ações adicionais são de particular relevância para as pessoas envolvidas na promoção ou no apoio da alfabetização: formuladores de políticas e tomadores de decisões, planejadores e gestores de programas, órgãos governamentais e organi-

zações internacionais, associações da sociedade civil e da comunidade, técnicos e pesquisadores, assim como o público interessado. As energias combinadas desses atores e de muitos outros são essenciais para abordar o desafio global da alfabetização.

*Não deveria ser preciso dizer,  
mas ao que parece tem que ser.  
A alfabetização é a base  
de toda a aprendizagem.*

Nadine Gordimer  
África do Sul

A imagem e a palavra,  
em *O alfabeto da esperança:  
escritores pela alfabetização*.  
UNESCO, Brasília, 2009.

### **Interpretando o objetivo da EPT sobre a alfabetização**

O quarto objetivo da EPT fala de “aumentar as taxas de alfabetização em 50%”. Estritamente interpretado, este objetivo é impossível de ser alcançado em países onde a taxa de alfabetização já é de mais de 67%. Conforme proposto no relatório de Monitoramento Global EPT 2006, Alfabetização: um desafio inadiável, é mais prático falar de “reduzir as taxas de analfabetismo em 50%”, e tal formulação é empregada no restante desta publicação.

# A Década das Nações Unidas para a Alfabetização

A **Década das Nações Unidas para a Alfabetização (UNLD, 2003-2012)** propõe uma nova visão da alfabetização, situando a Alfabetização para Todos (Literacy for All) no contexto da Educação para Todos. A Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou a Década em dezembro de 2001, reafirmando o papel central da alfabetização no desenvolvimento. A visão de *Alfabetização como Libertação e Alfabetização para Todos* continua tão relevante agora quanto no início da Década.

A Década priorizou os seguintes grupos da população:

- Jovens e adultos analfabetos, especialmente mulheres.
- Crianças e jovens fora da escola, especialmente meninas.
- Crianças na escola sem acesso à educação de qualidade, para que não se juntem à população de adultos analfabetos.

O Plano de Ação Internacional da UNLD, adotado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 2002 (A/57/218), sinalizou seis áreas-chaves de ação: políticas públicas, implementação dos programas, desenvolvimento de capacidade, pesquisa, participação da comunidade, e monitoramento e avaliação. A mobilização de recursos e a coordenação internacional apoiam tais prioridades. Esta publicação examina muitas dimensões nas citadas áreas.

Ao estabelecer a Década, a Assembleia das Nações Unidas delegou à UNESCO o papel de coordenação da UNLD, especificamente para “estimular e catalisar as atividades no nível internacional dentro do marco da Década.”

A UNESCO inseriu a ação da Década no contexto do movimento da EPT, procurando vincular a promoção da alfabetização aos objetivos específicos da EPT que se referem à alfabetização (objetivos 4 e 6), da mesma forma em relação à agenda da EPT como um todo. A questão da alfabetização se manifesta em todos os objetivos da EPT porque é uma ferramenta de aprendizagem e um dos resultados principais da educação.

Entretanto, desde o Fórum Mundial da Educação de Dacar em 2000, a ênfase no âmbito da EPT tem sido principalmente nas crianças e na escola. A relativa negligência registrada na alfabetização de adultos, documentada nos Relatórios de Monitoramento Globais da EPT de 2006, 2007 e 2008, motivou a preocupação da UNESCO de que a coordenação da UNLD deve apoiar e ser apoiada por outros compromissos educacionais. Tem sido um desafio garantir um engajamento focalizado e específico por parte de parceiros internacionais com a UNLD em seu formato atual. O risco é de que os países não encontrem um eco adequado de seus próprios interesses na promoção da alfabetização entre seus parceiros internacionais, particularmente com relação a jovens e adultos carentes cujas necessidades não são atendidas pelo sistema regular de ensino escolar.

Considerando essas questões, o *Relatório Oficial do Secretário-geral das Nações Unidas à Assembleia Geral da ONU sobre a Implementação do Plano de Ação Internacional para a Década das Nações Unidas para a Alfabetização* conclamou a UNESCO a “fortalecer seu papel de coordenação e catalisação, e utilizar os resultados desta Revisão de meia-Década e os resultados das Conferências Regionais em Apoio à Alfabetização Global de 2007-2008 para desenvolver uma estrutura estratégica de cooperação renovada e ações de alfabetização, em cooperação com os parceiros internacionais na alfabetização, incluindo as agências do sistema das Nações Unidas” (Documento da Assembleia das Nações Unidas A/63/172).

*O risco é que os países não encontram entre seus parceiros internacionais um eco adequado de seus próprios interesses de promoção da alfabetização.*

## Destaques da UNLD

A primeira metade da Década (2003 – 2007) testemunhou avanços positivos e encorajadores nas principais áreas de ação e na promoção da alfabetização.

■ **A Década como chamada e uma bandeira por um compromisso internacional renovado com a alfabetização.**

Ao estabelecerem a Década das Nações Unidas para a Alfabetização, os países estavam claramente determinados a chamar a atenção do mundo para a alfabetização e estimular esforços maiores. Em seu ponto intermediário, a Década continua a ser uma bandeira sob a qual devemos buscar ainda mais vigorosamente a visão da “alfabetização para todos como a fundação da aprendizagem ao longo da vida e uma ferramenta de empoderamento para indivíduos e suas comunidades” (Plano de Ação Internacional da UNLD, p.4)

■ **Aumentar a consciência internacional e criar novo ímpeto.**

A conscientização da comunidade internacional sobre a alfabetização e sua importância crucial recebeu um grande impulso na Conferência da Casa Branca sobre Alfabetização Global, realizada em Nova Iorque, em 18 de setembro de 2006, tendo como anfitriã ex-primeira dama Bush, embaixadora honorária para a Década das Nações Unidas para a Alfabetização. As seis Conferências Regionais em Apoio à Alfabetização Global realizadas em 2007 e 2008, organizadas pela UNESCO em Catar, China, Mali, Índia, no Azerbaijão e México, deram novo ímpeto para a alfabetização de jovens e adultos.

■ **Novo compromisso com a alfabetização por meio da Iniciativa da Alfabetização para o Empoderamento (LIFE).**

A LIFE é uma estrutura estratégica global da UNLD para ação colaborativa em 35 países que têm uma taxa de alfabetização de menos de 50% ou uma população adulta de mais de 10 milhões sem competências de escrita e leitura. Já é um catalisador eficaz para o planejamento, a capacitação, a construção de parcerias e a mobilização de novos recursos para a alfabetização.

■ **Fortalecimento de ações de alfabetização em diversos países, conduzindo a uma diminuição notável no número total de analfabetos.**

Mudanças de estratégia maiores no âmbito das políticas de desenvolvimento internacionais – especificamente, a atenção ao crescimento equitativo, à governança e à inclusão social – também conferiram um foco maior à alfabetização.

■ **Novo impulso, novas políticas e instituições mais fortes.**

Em um certo número de países na África, na Ásia e na América Latina e Caribe, novas políticas priorizaram a alfabetização, em alguns casos com a criação de novos ministérios, aumentos no orçamento e maior cooperação entre ministérios.

■ **Novas coalizões entre atores relevantes.**

As ONGs e redes da sociedade civil desempenham agora um papel protagônico na defesa e promoção da alfabetização, bem como na realização de ações significativas na ponta; as universidades empreenderam novas iniciativas de construção de redes para a cooperação na alfabetização.

■ **Evidência mais clara fornece uma plataforma mais consolidada para a promoção da alfabetização.**

As edições recentes do Relatório de Monitoramento Global de EPT forneceram as análises que demonstram os benefícios da alfabetização. Também revelaram a necessidade de desenvolver políticas melhores e de encontrar recursos novos para a alfabetização; além de desafiar a comunidade internacional a responder às imensas necessidades de alfabetização no mundo.

■ **Mais visibilidade das boas práticas na alfabetização.**

O intercâmbio de boas práticas na série de seis Conferências de Apoio à Alfabetização Global em 2007-08 permitiu um melhor entendimento dos fatores que fazem parte de programas eficazes de alfabetização, gerando conhecimento que servirá para melhorar os esforços em toda parte.

- **Melhoria da avaliação e do monitoramento para aperfeiçoar o planejamento e as ações.** Os métodos tradicionais de avaliação dos níveis de alfabetização das populações não geram dados confiáveis e tendem a subestimar as necessidades de alfabetização. O Programa de Avaliação e Monitoramento da Alfabetização (LAMP) desenvolvido pelo Instituto de Estatística da UNESCO (UIS) está sendo pilotado para chegar a uma avaliação mais detalhada dos níveis atuais de alfabetização, como base para aprimorar a análise do desafio e de focalização das ações.

Na área da oferta de alfabetização, a UNESCO desenvolveu um Sistema de Informação de Gestão da Educação Não Formal (NFE-MIS). Este permite que os países mapeiem a oferta de educação não formal e alfabetização, monitorem e avaliem a implementação de seus programas de educação não formal, e mensurem o progresso no alcance dos objetivos de suas políticas de alfabetização.

## A Década tem um potencial não realizado

Há duas áreas principais onde a Década ainda não alcançou seu potencial pleno:

- Mobilização de todos os parceiros necessários em torno da agenda comum da alfabetização para todos.
- Aumento significativo do nível de recursos disponíveis para a alfabetização.

Apesar do fato estarrecedor de que quase um em cada cinco adultos ainda não sabe ler ou escrever, e apesar da negligência em relação aos direitos humanos e ao potencial individual não realizado que tais números representam, o impacto real da Década sobre as agendas internacionais de educação e desenvolvimento tem sido limitado. A alfabetização é um elemento transversal de EPT e, mesmo assim, é negligenciada. Isso reflete a experiência em EPT na década de 1990, que se repete desde 2000, na qual a educação básica é cada vez mais equiparada à escola primária, ignorando as necessidades de alfabetização dos adolescentes, jovens e adultos, e ofuscando o papel central da alfabetização e do domínio das operações matemáticas básicas para todas as idades.

A Década das Nações Unidas para a Alfabetização chamou atenção para a alfabetização, criou um ambiente de política mais positivo e assistiu à formação de novas coalizões, mas o desafio continua imenso. Na metade da Década para a Alfabetização, há necessidade evidente de uma nova dinâmica na alfabetização.



© UNESCO/Dominique Roger

## Fontes e leitura adicional

UN General Assembly. 2002. United Nations Literacy Decade: education for all; International Plan of Action; implementation of General Assembly Resolution 56/116. [http://portal.unesco.org/education/en/file\\_download.php/f0b0f2edfeb55b03ec965501810c9b6caction+plan+English.pdf](http://portal.unesco.org/education/en/file_download.php/f0b0f2edfeb55b03ec965501810c9b6caction+plan+English.pdf)

UN General Assembly. 2008. Implementation of the International Plan of Action for the United Nations Literacy Decade [http://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=A%2F63%2F172&Submit=Search&Lang=E](http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A%2F63%2F172&Submit=Search&Lang=E)

# Iniciativa da Alfabetização para o Empoderamento

A Iniciativa da Alfabetização para o Empoderamento – LIFE – é uma estrutura estratégica que a UNESCO implantou para implementar a Década das Nações Unidas para a Alfabetização, com foco nos países onde o desafio da alfabetização é mais crítico.

## Países da LIFE

**África:** Benin, Burquina Fasso, República Centro-Africana, Chade, República Democrática do Congo, Djibouti, Etiópia, Eritreia, Gâmbia, Guiné, Guiné-Bissau, Madagascar, Mali, Moçambique, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa

**Estados Árabes:** Egito, Mauritânia, Marrocos, Iraque, Iêmen, Sudão

**Ásia e Pacífico:** Afeganistão, Bangladesh, China, Índia, Indonésia, Irã, Nepal, Papua Nova Guiné, Paquistão

**América Latina e Caribe:** Brasil, Haiti

85% da população analfabeta do mundo, ou 650 milhões de pessoas, residem em apenas 35 países. Cada um dos 35 países tem uma taxa de alfabetização de menos de 50% ou uma população de mais de 10 milhões de pessoas que não sabem ler ou escrever. Dois terços dessas pessoas são mulheres e meninas. A LIFE é uma estrutura para acelerar o progresso

no enfrentamento do enorme desafio.

A oferta de alfabetização é responsabilidade dos governos e seus parceiros – o objetivo da LIFE é de estimular a ação, criar espaço para uma cooperação maior e mobilizar apoio adicional para os países. A LIFE é uma estratégia para aumentar a efetividade das ações de alfabetização, e aumentar seu escopo para alcançar a imensa população analfabeta daqueles 35 países.

## Apoio para a LIFE

- Um fundo de múltiplos doadores para o desenvolvimento da capacidade de EPT canalizou US\$6,6 milhões por intermédio da UNESCO para os programas de alfabetização em seis países da Life durante 2006-2007.
- O Afeganistão recebeu uma doação de US\$13 milhões do governo japonês para um programa da LIFE que beneficiará cerca de 300.000 alunos, principalmente mulheres.
- A União Europeia e o Japão prometeram financiar grandes programas de alfabetização dentro das estratégias projetadas na estrutura da LIFE, na Mauritânia e em Papua Nova Guiné, respectivamente.
- Em Níger, o desenvolvimento de um plano plurianual estimulou o interesse do Pnud, do Banco de Desenvolvimento Africano e do Banco Mundial para financiar a alfabetização e atividades de educação não formal.



## Progresso na ponta

- Dezesseis países realizaram análises de situação aprofundadas para identificar áreas estratégicas que farão diferença nos esforços de alfabetização, e oito países – Bangladesh, Haiti, Mali, Marrocos, Níger, Nigéria, Paquistão e Senegal – desenvolveram planos de ação nacionais, e a maioria dos países estão implementando planos de trabalho anuais.
- Seis países da LIFE – Bangladesh, Egito, Marrocos, Níger, Paquistão e Senegal – estão trabalhando intensamente para fortalecer sua capacidade, melhorar as políticas e programas e ajudar os parceiros a trabalharem melhor juntos. O trabalho é possível graças às doações especiais dos países nórdicos em torno de US\$1 milhão para cada país e o apoio dos escritórios da UNESCO nos países.
- Bangladesh, Egito, Paquistão e Senegal treinaram centenas de gestores de alfabetização de nível sênior e médio para integração de abordagens inovadoras em suas atividades de alfabetização.
- Bangladesh, Marrocos e Paquistão estão operando ou implantando centros comunitários de aprendizagem para vincular a alfabetização a outros aspectos da vida local.
- Paquistão e Senegal desenvolveram currículos nacionais melhores para a alfabetização e a NFE para que os alunos possam transitar mais facilmente entre a educação formal e a não formal.
- Bangladesh, Benin, Egito, Moçambique, Níger, Nigéria, Senegal e Sudão realizaram eventos nacionais de promoção da alfabetização, mobilizando a vontade política para enfrentar o desafio da alfabetização.
- Marrocos está pilotando as novas ferramentas do Programa de Avaliação e Monitoramento da Alfabetização (LAMP) da UNESCO para obter uma noção melhor dos níveis de alfabetização entre a população, adaptando o programa LAMP ao contexto marroquino.
- Na África, a LIFE contribuiu para diversos avanços, como a criação de um Ministério para a Alfabetização e Idiomas Locais no Senegal, com um orçamento três vezes maior. Da mesma forma, seguindo as recomendações da Conferência Regional em Apoio à Alfabetização Global em Bamako, 2007, os governos de Benin e Mali decidiram criar ministérios especiais para a alfabetização, com orçamentos maiores. Em Burquina Fasso, Moçambique e Níger, as primeiras-damas de cada país lideraram a mobilização de recursos para a alfabetização.
- Bangladesh, Marrocos, Níger e Senegal estão implantando um Sistema de Gestão de Informação sobre Educação Não Formal (NFE-MIS).
- Em toda parte, as pessoas envolvidos estão trabalhando mais próximas graças à Life. Entre as regiões, a cooperação Sul-Sul está crescendo. O Brasil vem executando uma rede de programas de capacitação em Guiné-Bissau, Moçambique e outros países lusófonos.



O Instituto para a Aprendizagem ao Longo da Vida, da UNESCO, localizado em Hamburgo (Alemanha), coordena a iniciativa LIFE.

## Fontes e leitura adicional

Hanemann, Ulrike. 2008. The Literacy Initiative for Empowerment (LIFE) 2006-2015. *International Review of Education* 55.

UNESCO Institute for Lifelong Learning. 2007. *Literacy Initiative for Empowerment 2006-2015. Vision and Strategy Paper* (3rd edition). UIL: Hamburg.



## O que significa a alfabetização?

**A**lfabetização foi definida estritamente como a habilidade de ler e escrever, mas um conceito mais amplo de alfabetização evoluiu em resposta a mudanças dos padrões de comunicação e das demandas do trabalho. No lugar de assumir uma divisão entre alfabetizado e analfabeto, os pesquisadores propõem um *continuum*, com diferentes graus e usos da leitura e da escrita, de acordo com o contexto. Assim, não há uma noção única da alfabetização como uma habilidade que as pessoas possuem ou não, mas sim, de múltiplos níveis- de leitura e escrita. Todos nós praticamos a comunicação oral e escrita, e adquirimos novas habilidades em diferentes etapas de nossas vidas, por exemplo, para atender às demandas das tecnologias digitais. O conceito de “alfabetização situada” chama atenção para o modo como o contexto social, cultural e político molda a forma de as pessoas se alfabetizarem e utilizarem a leitura e a escrita.

Para enriquecer ainda mais a nossa compreensão sobre a alfabetização, precisamos saber para que serve, quem aprende a ler e escrever, quem ensina a ler e escrever, por que as pessoas podem não ter acesso à alfabetização, e o que ela permite às pessoas fazerem em seus próprios contextos. Essas são questões importantes porque a alfabetização é tanto um direito quanto um meio de desenvolvimento.

### Podemos definir a alfabetização

No relatório de uma Reunião de Especialistas sobre Avaliação da Alfabetização, a UNESCO publicou uma definição da alfabetização que reflete a ênfase no contexto e na utilização:

“A alfabetização é a habilidade de identificar, compreender, interpretar, criar, comunicar e assimilar, utilizando materiais impressos e escritos associados a diversos contextos. A alfabetização envolve um *continuum* de aprendizagem que permite que indivíduos atinjam seus objetivos, desenvolvam seus conhecimentos e potencial e participem plenamente na sua comunidade e na sociedade em geral” (UNESCO 2005: 21).

Como a alfabetização é um conceito plural e dinâmico, nem esta nem qualquer outra definição tem caráter permanente.

Nota: Esta publicação emprega os termos analfabeto e analfabetismo para indicar a ausência da habilidade de ler e escrever, sem as conotações pejorativas por vezes associadas a esses termos.

Tal compreensão plural da alfabetização serviu de base para estudos como a Pesquisa Internacional sobre Alfabetização de Adultos (IALS) realizada pela OCDE:

*Muitos estudos anteriores trataram a alfabetização como uma condição que o adulto tem ou não tem [...] níveis de proficiência ao longo de um continuum denotam se os adultos fazem bom uso da informação para atuar na sociedade e na economia. Assim, a alfabetização é definida como uma capacidade e um comportamento específicos: a habilidade que um indivíduo possui de compreender e empregar a informação impressa em atividades diárias, no lazer, no trabalho e na comunidade – para atingir seus objetivos e para desenvolver seu conhecimento e potencial. Diferenças nos níveis de habilidade de leitura e escrita são economicamente e socialmente relevantes: a alfabetização afeta, inter alia, a qualidade e a flexibilidade do trabalho, o emprego, as*

*oportunidades de formação e a capacitação, a renda do trabalho e a participação plena na sociedade civil. (www.oecd.org > alfabetização de adultos)*

A “**visão renovada para a alfabetização**” da **Década das Nações Unidas para a Alfabetização** enfatiza a importância do contexto social e da interação complexa entre a alfabetização e a mudança social. O Plano de Ação Internacional da UNLD destaca o planejamento e a implementação de programas de alfabetização ‘em contextos locais de língua e cultura’ e a necessidade de relacionar a alfabetização às ‘diversas dimensões da vida pessoal e social, bem como ao desenvolvimento’ (UNGA 2002: 4).

A ideia do **ambiente letrado** tornou-se central para a discussão sobre como vincular a alfabetização ao uso da leitura e da escrita. Na vida diária, as pessoas – tanto alfabetizadas quanto analfabetas – já utilizam diversos formatos de texto: textos visuais como pôsteres, sinalização nas ruas, contas, livros, jornais, bem como textos orais, como mensagens de telefone, programas de rádio e discursos políticos. É o caso nas áreas rurais, frequentemente consideradas ambientes pouco letrados, bem como nas cidades. Mais do que criar um ambiente letrado, é necessário primeiro compreender o ambiente existente e como enriquecê-lo. Com muita frequência, os programas de alfabetização não consideraram o que os alunos realmente podem fazer com a alfabetização em suas vidas diárias. Por isso, é importante considerar quem está produzindo o texto e por que e onde a leitura e a escrita se encaixam nos padrões de comunicação de indivíduos e de comunidades. Essa pode ser uma forma de explorar como a alfabetização interage com cada um dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio - por exemplo, as práticas de alfabetização associadas ao monitoramento da saúde infantil e materna. (Ver também a seção Ambientes letrados).

**A alfabetização é um meio para o desenvolvimento**, permitindo que as pessoas acessem novas oportunidades e participem na sociedade de novas maneiras. A alfabetização também é um direito em si mesma – precisamente porque, sem ela, as pessoas não terão oportunidades iguais na vida. Nas sociedades hoje – tanto as desenvolvidas

quanto as em desenvolvimento – o ritmo da mudança econômica e social é de modo que impõe o aprendizado contínuo ao longo da vida. Assim, o uso da leitura e da escrita também deve mudar e se adaptar – por exemplo, quando os contadores têm que usar programas complexos de computador em vez de registrar os números em um livro-caixa, suas necessidades de leitura e escrita mudam. À medida que a sociedade vai criando mais riqueza por meio da coleta de informações e processamento de tais informações em conhecimento útil, as demandas de leitura e escrita também mudam. Aprender uma nova língua também exige novas habilidades de leitura e escrita, às vezes em um alfabeto diferente.

*A alfabetização é um direito em si mesma – precisamente porque, sem ela, as pessoas não têm oportunidades iguais na vida.*

A alfabetização é sempre parte de **oportunidades de aprendizagem adicional**, seja em contextos formais como a escola, seja em programas de aprendizagem não formal, como cursos rápidos de informática, de desenvolvimento de habilidades ou capacitação para a certificação profissional. Entretanto, existem pontos de vista diferentes sobre as conexões entre a alfabetização e o desenvolvimento: a alfabetização deve preceder a aprendizagem de outras habilidades, ou as duas ações devem ocorrer simultaneamente? Inclusive, devemos deixar a alfabetização para quando surgir a necessidade, e não presumir que se trata de um primeiro passo necessário? A resposta depende dos alunos, de suas necessidades e do propósito da leitura e da escrita. Em algum momento, a alfabetização – comunicação que envolve texto – fará parte da **aprendizagem ao longo da vida** que é necessária hoje (ver também a seção *Alfabetização: a base para a aprendizagem ao longo da vida*).

### **Nem todas as línguas são escritas...**

É verdade que nem todas as línguas são escritas, mas existem técnicas bem difundidas para desenvolver sistemas de escrita, portanto, a alfabetização pode ocorrer em qualquer língua. A pergunta mais importante é se a comunicação escrita (alfabetização) se encaixa nos padrões mais amplos da comunicação oral em uma determinada sociedade. A oralidade e a leitura e escrita costumavam ser vistas como opostas; hoje reconhecemos que são apenas diferentes aspectos da comunicação e podem existir em contextos específicos em diferentes níveis. Não obstante, a alfabetização tem impacto mesmo em uma sociedade predominantemente oral, pois as pessoas que tomam decisões que afetam suas vidas o fazem por meio de texto escrito.

---

## *Fontes e leitura adicional*

- Barton, D., Hamilton, M. and Ivanic, R. (eds). 2000. *Situated Literacies*. London, Routledge.
- Barton, D. and Hamilton, M. 1998. *Local Literacies: Reading and writing in one community*. London, Routledge.
- Kress, G. 2003. *Literacy in the new media age*. London, Routledge.
- OECD. 2000. *Literacy in the Information Age. Final Report of the International Adult Literacy Survey*. Paris, OECD.
- Street, B.V. (ed). 2005. *Literacies across Educational Contexts*. Philadelphia, Caslon.
- UNESCO. 2004. *The Plurality of Literacy and its Implications for Policies and Programmes*. Position paper. Paris, UNESCO. <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001362/136246e.pdf>
- UNESCO. 2005. *Aspects of Literacy Assessment: Topics and issues from the UNESCO Expert Meeting, 10–12 June, 2003*. UNESCO: Paris.

# Domínio das operações matemáticas básicas

O domínio das operações matemáticas básicas é uma habilidade fundamental: lidar com números, volumes, medidas, relações e quantidades é um aspecto básico da vida em qualquer lugar. Manter-se a par da renda, das despesas ou do estoque, e compreender porcentagens, tendências, descontos ou proporções são parte das atividades diárias. Adultos com pouco domínio das operações matemáticas básicas sofrem uma série de desvantagens sociais, pessoais e econômicas, particularmente quando a dificuldade é combinada com pouca ou nenhuma habilidade de leitura e escrita. Políticas governamentais podem ter um impacto enorme se focalizarem o domínio das operações matemáticas básicas, além da alfabetização.

O domínio das operações matemáticas básicas é reconhecido como uma área pouco desenvolvida, diante da tendência de se priorizar a alfabetização. Muitas pessoas sabem ler e escrever, mas não conhecem as operações matemáticas básicas, o que afeta sua autoestima, sua confiança e o desempenho de suas atividades. Muitas vezes, esse perfil de habilidades tão desigual fica encoberto pela visão global representada por dados de alfabetização. Na maioria dos países, os dados sobre os diferentes níveis de habilidade matemática e seus efeitos são limitados. Contudo, há boas notícias: o maior foco na empregabilidade e na educação financeira pode atrair a atenção dos formuladores de política para o domínio das operações matemáticas.

No plano internacional, a Pesquisa Internacional de Alfabetização para Adultos (IALS) na década de 1990 avaliou a alfabetização quantitativa, e também a subsequente Pesquisa de Alfabetização e Habilidades de Vida para Adultos (ALL, 2003) usaram uma escala de domínio das operações matemáticas básicas projetada para ser mais ampla do que a escala quantitativa da alfabetização, indo além da aplicação de habilidades aritméticas para uma escala mais ampla de habilidades matemáticas (por exemplo, uso de sentido numérico, de estimativa, de estatística). Nos EUA, a Avaliação Nacional da Alfabetização de Adultos (2005) incluiu a alfabetização quantitativa na pesquisa, verificando como os adultos encontram números

dentro do texto e usam a informação matemática resultante, adotando quatro níveis de competência paralelos àqueles usados para a alfabetização.

A oferta de educação em operações matemáticas básicas para adultos é menos fácil de identificar do que programas da alfabetização e, além disso, não existem programas de matemática da mesma forma como programas de alfabetização. Onde existe oferta de educação em operações matemáticas básicas, ela pode ser de menor qualidade do que a alfabetização. Há menos treinamento de professores ou materiais de ensino de matemática para adultos do que para a alfabetização e, muitas vezes, a expectativa é de que os alfabetizadores ensinem as operações matemáticas básicas sem qualquer treinamento adicional ou especializado.

Há muito debate sobre que habilidades e práticas básicas de matemática são as mais apropriadas para os adultos e sobre o quanto tais habilidades e práticas devem atender ao contexto específico dos alunos. As operações que envolvem números não são necessariamente equivalentes entre diferentes culturas e idiomas. Outras questões incluem de que forma apoiar os adultos no desenvolvimento e uso dos números para diferentes finalidades, quais estratégias de ensino e aprendizagem são mais eficazes, e como medir o impacto da aprendizagem. O debate precisa ser fortalecido para darmos respostas a essas perguntas cruciais sobre a oferta de educação em operações matemáticas básicas.

---

## Fontes e leitura adicional

Coben, D. 2003. *Adult numeracy: review of research and related literature*. London, NRDC.

Department for Innovation, Universities and Skills. 2008. *Numeracy for employability: a national implementation plan – Executive summary*. London, DIUS.

National Center for Educational Statistics. 2005. *A First Look at the Literacy of America's Adults in the 21st Century*. (National Assessment of Adult Literacy). Washington D.C., U.S. Department of Education

Parsons, S.B. 2005. *Does numeracy matter more?* London, NRDC.

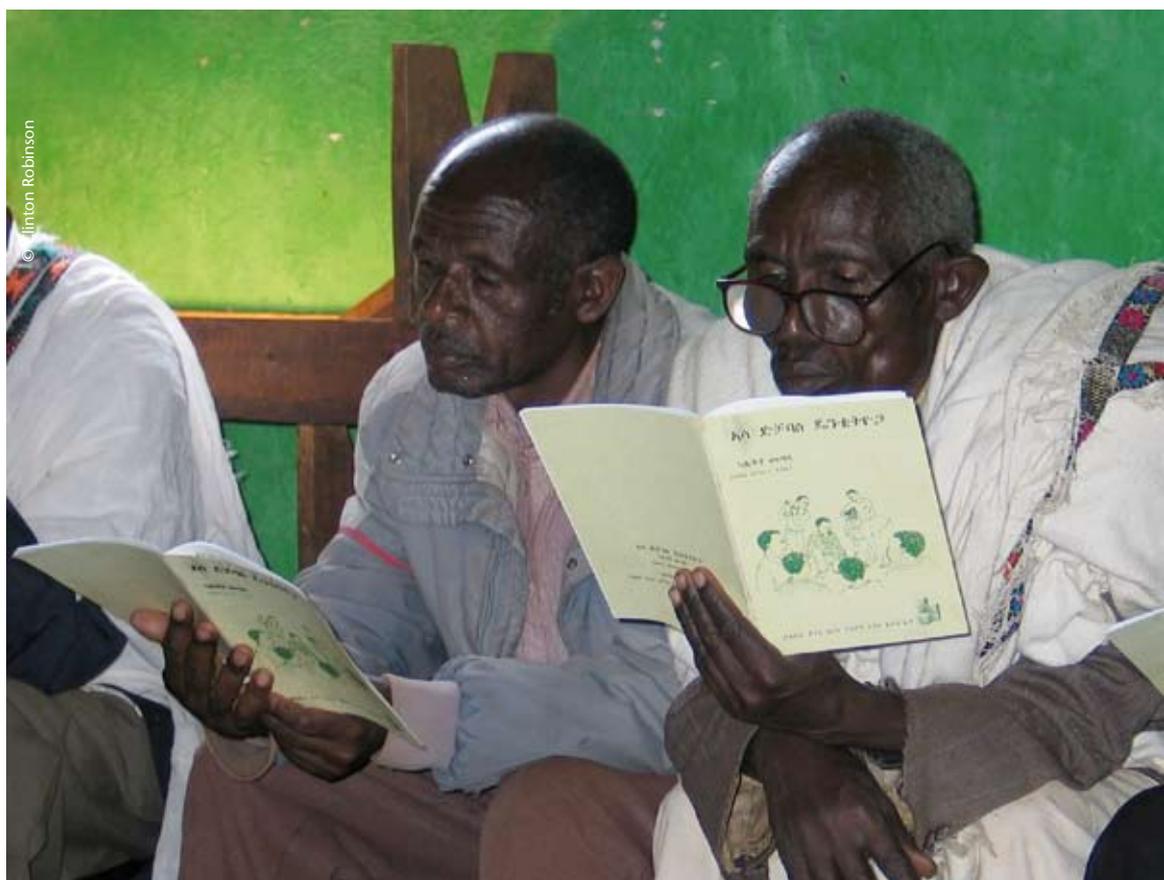
Swain, J., E. Baker, D. Holder, B. Newmarch and D. Coben. 2005. *'Beyond the daily application': making numeracy teaching meaningful to adult students*. London. NRDC.

# Alfabetização: a base para a aprendizagem ao longo da vida

*A alfabetização tem a ver com empoderamento. Ela aumenta a consciência e influencia o comportamento dos indivíduos, das famílias e das comunidades. Melhora as habilidades de comunicação, garante acesso ao conhecimento e constrói a autoconfiança e a autoestima necessárias para tomar decisões.*

Koichiro Matsuura  
Diretor-geral  
UNESCO

Dia Internacional da Alfabetização  
2008



A alfabetização é um processo, não um ponto de chegada. Na verdade, é o ponto de entrada para a educação básica e um passaporte para a aprendizagem ao longo da vida. Aprendemos novas maneiras de usar a escrita e a leitura à medida que surgem novas demandas no trabalho, nos estudos e em nossa vida pessoal. A alfabetização é um elemento necessário para o uso de novas tecnologias, para aprender novas línguas, para assumir novas responsabilidades e para nos adaptarmos a um ambiente de trabalho em constante evolução. O objetivo final não é a erradicação do analfabetismo, mas permitir que as pessoas aprendam ao longo da vida por meio do acesso universal à cultura escrita.

A aprendizagem ao longo da vida é cada vez mais o princípio organizador fundamental dos sistemas de educação e treinamento e da construção das sociedades do século XXI. A mudança de foco da educação para a aprendizagem também transformou a alfabetização em um conceito mais amplo e mais holístico. A globalização econômica e cultural significa que a aprendizagem é essencial para a sobrevivência, para melhorar a qualidade de vida das pessoas e para o desenvolvimento de todo tipo – humano, social, econômico e cultural.

Uma compreensão mais ampla da alfabetização e do domínio das operações matemáticas básicas como práticas sociais e

*A alfabetização é o ponto de entrada para a educação básica e o passaporte para a aprendizagem ao longo da vida.*

fundação da aprendizagem ao longo da vida está vinculada a competências básicas como: pensar criticamente, gerir informações e transformá-las em conhecimento, negociar e resolver problemas, e nos comunicarmos em redes complexas e diversas de relacionamentos. Os usos da leitura e da escrita tornaram-se mais amplos e cada vez mais complexos, incluindo a alfabetização digital, em todas as sociedades, ricas e pobres, do Norte ou do Sul, desenvolvidas e em desenvolvimento. Essa compreensão mais ampla revelou uma carência de habilidades de leitura e escrita mais frequente do que se pensava, até mesmo entre adultos (ver quadro). Não é nenhuma surpresa, portanto, que programas de alfabetização façam cada vez mais parte do aprendizado de outras habilidades e conhecimentos, na medida em que as pessoas buscam novas oportunidades de trabalho e na vida.

A aprendizagem ao longo da vida como um princípio norteador dos sistemas de educação fortalece o papel da alfabetização e do aprendizado de adultos na inclusão social e no desenvolvimento humano. Como partes integrantes de sistemas mais flexíveis e articulados de aprendizagem, a alfabetização e a aprendizagem de adultos precisam oferecer novas oportunidades de aprendizagem. Os alunos devem poder, por exemplo, mover-se facilmente entre sistemas formais e não formais. O reconhecimento da aprendizagem não formal e informal por meio de certificados abre mais caminhos da aprendizagem básica para níveis mais altos, criando demanda por aprendizagem ao longo da vida e construindo sociedades de aprendizagem.

### **Leitura e escrita e outras habilidades básicas no mercado de trabalho europeu em constante mudança**

A Europa tem 80 milhões de trabalhadores com baixo nível de qualificação, ou seja, cerca de um terço da força de trabalho. Estimativas indicam que até 2010 somente 15% dos empregos criados serão destinados a pessoas com escolaridade básica, ao passo que 50% dos empregos adicionais exigirão nível superior. Ao mesmo tempo, pesquisas internacionais mostram que uma parcela significativa da população europeia não consegue entender e empregar informações impressas em suas atividades diárias em casa, no trabalho e na comunidade, e que as pessoas que deixam a escola cedo são particularmente vulneráveis. A aquisição de habilidades básicas e de um bom nível de alfabetização permanece um desafio para muitos grupos.

*Questões-chave na alfabetização de adultos na União Europeia*  
Estudo apresentado na Conferência Regional da UNESCO em Apoio à Alfabetização Global, Baku, Azerbaijão,  
14 a 16 de maio de 2008,  
Marta Ferreira  
Comissão Europeia

### **Fontes e leitura adicional**

Medel-Añonuevo, Carolyn (ed). 2002. Integrating Lifelong Learning Perspectives. Hamburg, UIE.

Medel-Añonuevo, Carolyn (ed). 2003. Citizenship, Democracy, and Lifelong Learning. Hamburg, UIE.

Youngs, Gillian, Toshio Ohsako and Carolyn Medel-Añonuevo. 2001. Creative and Inclusive Strategies for Lifelong Learning: Report of International Roundtable, 27–29 November 2000. Hamburg, UIE.

# Alfabetização: em que ponto estamos?

O mundo está avançando na alfabetização, mas o desafio continua enorme. O número de adultos que não sabem ler ou escrever caiu de 871 milhões entre 1985 e 1994, para 774 milhões entre 2000 e 2006. Entre esses períodos, a taxa de alfabetização global de adultos cresceu de 76% para 83,6%, com o aumento maior ocorrendo em países em desenvolvimento – de 68% para 79%. Entretanto, acredita-se que a cifra de 774 milhões esteja subestimada, já que existem muito mais adultos nos chamados países desenvolvidos e em desenvolvimento que não têm um nível alfabetização suficiente para atender às demandas de seus empregos e redes sociais.

Por trás dos números nas manchetes sobre os avanços na alfabetização, nem tudo está progredindo. A desigualdade de gênero

*«... o mundo sofre a vergonha de ter aproximadamente um em cada cinco adultos que ainda não sabe ler ou escrever...»*

Relatório de Monitoramento Global da EPT 2008

quase não se alterou entre os dois períodos: de 1985 a 1994, 63% dos adultos analfabetos eram mulheres, em comparação com 64% de 2000 a 2006. As pessoas que vivem nas áreas rurais têm ainda menos oportunidades – 70% das mulheres e dos homens analfabetos estão nessa categoria. As minorias e os povos indígenas, os nômades, os migrantes, os refugiados e muitos outros grupos marginalizados frequentemente têm as taxas mais baixas de alfabetização, embora seja difícil obter dados precisos. A alfabetização é uma atividade baseada na língua, portanto as pessoas que falam línguas indígenas ou de minorias muitas vezes têm menos oportunidades de alfabetização e uso da linguagem escrita – essa é uma área onde dados mais específicos são necessários com urgência.

Há enormes variações nas taxas da alfabetização entre diferentes regiões do mundo e dentro de determinadas regiões. Nos países em desenvolvimento em geral, os aumentos totalizaram 11%. Analisando regiões específicas, constata-se que os Estados Árabes e a Ásia Meridional e Ocidental tiveram os maiores aumentos, de 13,8% e 16,1% respectivamente. As taxas na África Subsaariana aumentaram 8,3%. Apesar de o aumento médio na América Latina e no Caribe ter sido de apenas 4%, a taxa de alfabetização já estava acima de 86% no período de 1985 a 1994.

Os gráficos abaixo para a região dos Estados Árabes e da África Subsaariana mostram que os países variam muito em seus avanços. Entre os períodos de 1985 a 1994 e de 2000 a 2006, é animador notar que muito do progresso ocorreu nos países com as taxas mais baixas de alfabetização: Argélia (25% de aumento), Egito (27%) e Iêmen (20%) entre os Estados Árabes, e Burundi (22% de aumento), República Centro-Africana (15%), Malawi (22%) e Senegal (15%) na África Subsaariana. Outros países, como Burquina Fasso, República do Chade e Etiópia continuam necessitando de apoio considerável. Mali e Níger, não representados nos gráficos, também estão nessa categoria.

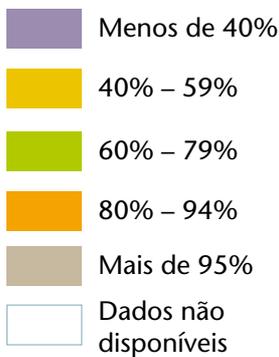
Reduzir as taxas de analfabetismo em 50% é um dos objetivos da iniciativa Educação para Todos, que o Relatório de Monitoramento Global avalia a cada ano. O Relatório de 2008 indica que 26 países atingiram tal objetivo, e que outros 30 provavelmente conseguirão atingir o mesmo objetivo até 2015. O relatório também aponta que 43 países provavelmente não conseguirão atingir o

## Nota sobre os dados

Os dados se referem ao ano mais recente disponível durante o período especificado. Os dois períodos correspondem a antes e depois de Dacar (Fórum Mundial da Educação- 2000).

Os dados foram extraídos do relatório do Instituto de Estatística da UNESCO lançado em agosto de 2008.

## Taxa de alfabetização de adultos



objetivo, e que 25 deles correm sério risco de não atingi-lo. Outros 28 países estão avançando, mas ainda lentamente. Um total de 76 países não tem dados suficientes ou nenhum dado, incluindo alguns em situação crítica, como o Afeganistão.

Em alguns lugares, o quadro do progresso da alfabetização está gradualmente sendo reelaborado, com novas pesquisas que testam os níveis reais de competência em leitura e escrita. Uma pesquisa realizada na França em 2004-2005 mostrou que cerca de 9% da população adulta não tinham habilidades funcionais de leitura e escrita, apesar de muitos estarem empregados. Em 2006, foi realizada no Quênia uma pesquisa sobre o uso da leitura e escrita, em vez de simplesmente registrar se as pessoas se declaravam alfabetizadas ou não. Os resultados mostraram que a taxa de alfabetização de 74% caía para 61,5% quando o teste de competência era utilizado. O quadro torna-se mais complicado quando os parâmetros para níveis adequados de alfabetização mudam constantemente – o que era suficiente há 20 anos não é mais suficiente na era digital.

### Obtendo os dados certos

Qual é a melhor maneira de contabilizar as pessoas alfabetizadas e analfabetas? As taxas nacionais de alfabetização podem refletir dados de censos onde as pessoas respondem se são alfabetizadas ou não, talvez respondendo pelos outros membros da família. Outras formas de contagem incluem registrar como alfabetizados aqueles que concluíram um determinado número de anos de estudo. Esses métodos não produzem dados confiáveis, nem revelam o grau de competência das pessoas no uso da leitura e da escrita em suas vidas – para fins pessoais, sociais ou profissionais.

Portanto, estão sendo cada vez mais utilizados métodos mais focados – que primeiramente avaliam diretamente se uma amostra da população consegue executar tarefas que envolvem leitura, escrita e operações matemáticas básicas – e, em segundo lugar, indicam qual o nível de desempenho da pessoa na execução dessas tarefas. O método se distancia da classificação das pessoas em alfabetizado ou analfabeto, e diferencia níveis ao longo de um *continuum* de competências de leitura e escrita – ver também a seção *Avaliando níveis de alfabetização*.

Os métodos mencionados fornecem um retrato muito mais preciso da situação da alfabetização e do domínio das operações matemáticas básicas em um país. Quando dados melhores estiverem disponíveis, as políticas e os programas de alfabetização podem se tornar mais relevantes e focalizados, com objetivos e métodos mais adequados às necessidades reais de aprendizagem de grupos específicos da população.



O crescimento da população é outro fator importante que tem impacto nas taxas de alfabetização. Mesmo que a porcentagem de adultos alfabetizados esteja aumentando, em algumas regiões a taxa de crescimento da população é tal que os números absolutos de adultos analfabetos continuam a crescer. Os sistemas escolares não podem absorver o aumento da população, nem conseguem oferecer educação de qualidade suficiente para garantir a alfabetização efetiva do imenso número de alunos que passam por eles. Da mesma forma, as oportunidades de aprendizagem de adultos não estão disponíveis para o contingente cada vez maior de jovens com baixa escolaridade, sem escolaridade, ou que abandonaram a escola.

### Em algumas regiões, o crescimento da população está superando os esforços de alfabetização.

	Taxa de adultos alfabetizados (%)		Número de adultos analfabetos (milhão)	
	2000	2006	2000	2006
África Subsaariana	59,5	62,1	151	163
Ásia Meridional e Ocidental	58,9	64,3	390,5	393,2

Fonte: Dados do UIS de abril de 2008

Onde estaremos em 2015, a data-alvo para alcançar os objetivos de EPT? As únicas projeções possíveis são aquelas baseadas em tendências atuais, e, portanto, presumindo as taxas atuais de pro-

gresso, as condições atuais e a disponibilidade de dados. O quadro abaixo mostra as projeções para a alfabetização de jovens e adultos apresentadas no Relatório de Monitoramento Global de EPT. As projeções indicam um progresso tão modesto que só serve como estímulo para esforços muito mais intensos e um investimento maior. De modo geral, o mundo ainda estará longe de atingir o objetivo de EPT para a alfabetização de jovens e adultos, principalmente devido aos imensos e persistentes desafios em determinadas regiões.

### Projeções...

- Taxa global de alfabetização em 2015: 86,9% - aumento de 3,3% desde o período 2000-2006.
- Redução do número de mulheres analfabetas em 2015: de 76 milhões para 50 milhões na faixa de 15-24 anos.
- Proporção de mulheres na população analfabeta: quase inalterada, aproximadamente 64%.
- Consecução do objetivo de reduzir o analfabetismo adulto à metade até 2015: três quartos dos 127 países para os quais foram calculadas projeções provavelmente não atingirão esse objetivo, incluindo a maioria dos países na África Subsaariana, na Ásia Meridional e Ocidental e nos Estados Árabes.

Fontes: Relatórios de Monitoramento Globais de EPT 2008 e dados do Relatório de Dados do UIS de abril de 2008.

## Fontes e leitura adicional

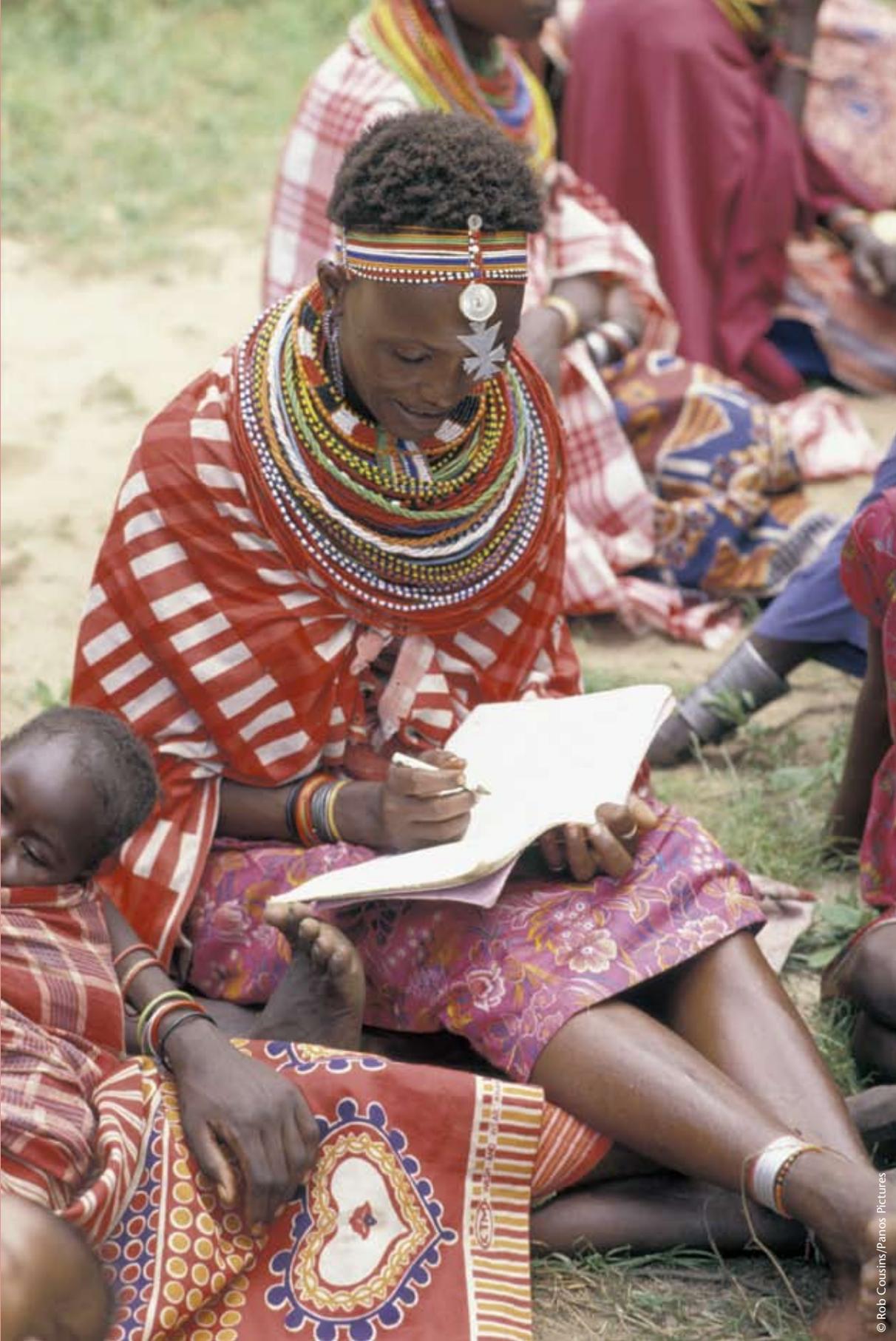
UNESCO BREDIA. 2008. Alphabétisation en Afrique: Etats des Lieux, Défis et Perspectives. Background paper prepared for the UNLD Mid-Decade Review. UNESCO.

UNESCO Institute for Statistics: [www.uis.unesco.org](http://www.uis.unesco.org)

UNESCO-OREALC. 2008. Report on progress and developments in adult literacy in the Latin American region from 2003-2008. Background paper prepared for the UNLD Mid-Decade Review. UNESCO.

UNESCO Regional Bureau for Education in Asia. 2008. UNLD Mid-Decade Progress Report on Literacy in Asia. Background paper prepared for the UNLD Mid-Decade Review. UNESCO.

Warrican, J. 2008. Literacy in the Caribbean: A Mid-Decade Review (2003-2008). Background paper prepared for the UNLD Mid-Decade Review. UNESCO.



# Equidade

*A educação é tanto um direito humano em si mesmo quanto um meio indispensável de realizar outros direitos humanos.*

Comitê da ONU para Direitos Econômicos, Sociais e Culturais  
1999

© Rob Cousins/Panos Pictures

## Alfabetização e direitos humanos

Onde a alfabetização e os direitos humanos convergem:

- A alfabetização é um direito humano e está implícita no direito à educação reconhecido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Nenhuma educação é possível sem a habilidade de ler e escrever. É não se trata somente de ganhar acesso à alfabetização, seja por meio da educação formal seja por meio de programas não formais, mas também da qualidade dos programas de alfabetização.
- Dominar a escrita e a leitura não deve ser visto como um fim em si mesmo, mas como uma ferramenta para a cidadania ativa e um meio para exercer outros direitos civis, políticos, econômicos ou sociais. Aqueles que podem utilizar a escrita e a leitura para defender e exercer seus direitos legais têm uma vantagem significativa em relação àqueles que não podem. Por intermédio da alfabetização, os indivíduos obtêm os meios de participação política na sociedade.
- Relacionar a alfabetização aos direitos humanos também se refere ao conteúdo ensinado nos programas. As aulas de alfabetização proporcionam um ambiente onde os alunos, especialmente as mulheres, podem ser informados sobre seus direitos e onde podem desenvolver sua habilidade de reivindicar, defender e promover seus direitos. Muitos alfabetizadores já combinam a alfabetização com aulas sobre direitos humanos e civis.

Essas conexões garantem empoderamento às pessoas, permitindo que se beneficiem não somente de maior liberdade e escolhas pessoais, mas que assumam um papel mais ativo na reivindicação de seu lugar na sociedade. Empoderamento tem a ver com nova autonomia de ação – a capacidade de iniciar e controlar mudanças, em vez de apenas suportá-las. O uso ativo da alfabetização é uma condição essencial de empoderamento socioeconômico.

A adoção de uma abordagem baseada em direitos na oferta de alfabetização pode ajudar a atingir os objetivos da educação global. Exige a criação de estratégias para alcançar todos os cidadãos de todas as idades, incluindo grupos marginalizados – meninas e mulheres, populações indígenas e populações rurais isoladas, crianças de rua, migrantes e populações nômades, pessoas com necessidades especiais e minorias linguísticas e culturais.

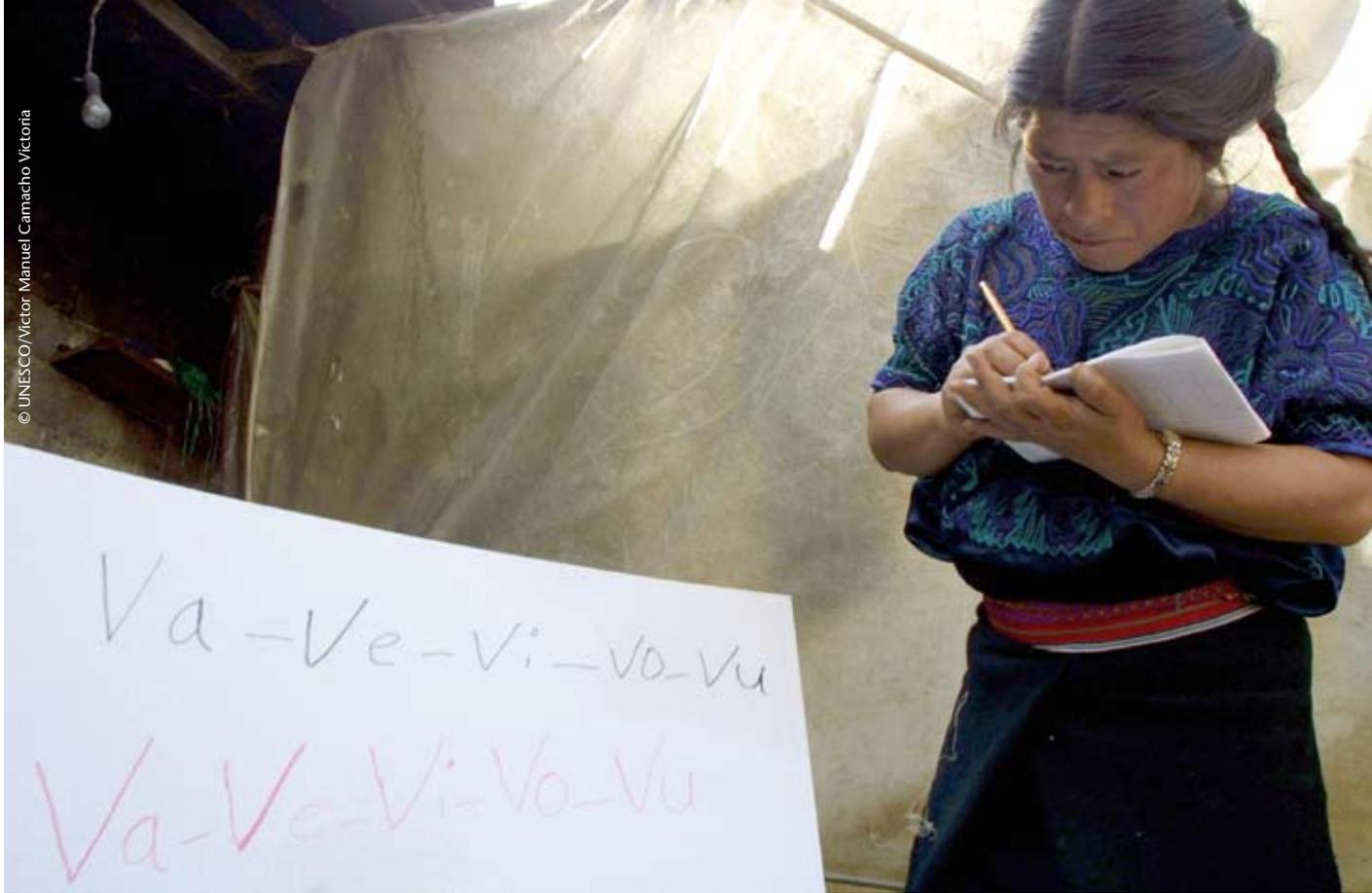
### **Alfabetização dentro do direito à educação: indicações e acordos internacionais**

A educação é reconhecida formalmente como um direito humano desde a adoção da Declaração Universal dos Direitos Humanos (UDHR) em 1948. A Convenção da UNESCO Contra a Discriminação no Ensino (1960) ecoou a UDHR ao afirmar o direito à educação, e o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966) enfatizou a responsabilidade de oferecer educação básica para indivíduos que não puderam concluir o ensino primário. Em 1975, a Declaração de Persepolis mencionou a alfabetização como um direito em si mesmo, e em 1981, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres afirmou o acesso à alfabetização como elemento essencial da consecução da igualdade de gênero. A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1989) afirmou novamente o direito ao ensino primário obrigatório e gratuito para todas as crianças, ao passo que a Declaração de Hamburgo de 1997 colocou a alfabetização no contexto do direito à educação do adulto, com vistas à aprendizagem ao longo da vida.

## *Fontes e leitura adicional*

UNICEF/UNESCO. 2007. A Human Rights-Based Approach to Education. Paris, UNESCO. <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001548/154861E.pdf>

Friboulet, Jean-Jacques, Anatole Niaméogo, Valérie Liechti Claude Dalbera and Patrice Meyer-Bisch. 2006. Measuring the Right to Education. UIL, the Interdisciplinary Institute for Ethics and Human Rights, and Schulthess publishers.



## Inclusão e equidade: a alfabetização é realmente para todos?

No nível global, o desafio das desigualdades na alfabetização não diminuiu. Garantir a oferta de alfabetização adequada e apropriada aos diversos grupos da população exigirá que as melhorias na alfabetização em massa sejam acompanhadas de sensibilidade com relação à diversidade linguística e cultural entre minorias e populações indígenas. Além disso, a oferta de alfabetização para mulheres, jovens, populações rurais e pessoas pobres frequentemente é inadequada.

A alfabetização desempenha um papel central na prevenção da exclusão social e na promoção da equidade e da justiça social. Não saber ler e escrever resulta em falta de participação na educação, no trabalho, na vida em comunidade ou na cidadania. A alfabetização é chave para a inclusão, o empoderamento e a melhoria da qualidade de vida. Quando as pessoas não têm acesso à alfabetização, sua exclusão aumenta e as desigualdades sociais se reproduzem.

Quando países e doadores priorizam financeiramente e politicamente os investimentos na educação, jovens e adultos analfabetos são em grande parte excluídos. Dentro desse enorme grupo de pessoas analfabetas, um número muito maior de mulheres do que de homens não sabe ler e escrever. Como a oferta de alfabetização é frequentemente vista

como educação básica para adultos, os grupos que deveriam ser alcançados por programas de alfabetização não recebem atenção suficiente. Esses grupos incluem crianças, jovens e adolescentes fora da escola que, se não forem incluídos logo, integrarão o contingente de adultos analfabetos. Como muitos programas são direcionados a alunos a partir dos 15 anos de idade, adolescentes e jovens (de 15 a 24 anos) podem ser colocados em turmas com alunos mais velhos cujas necessidades são diferentes. Dado o perfil etário das populações em muitos países em desenvolvimento, é preciso oferecer oportunidades alternativas de aprendizagem relevante para os jovens.

Entre as populações excluídas, determinados grupos são particularmente marginalizados: minorias, populações indígenas, emigrantes, refugiados, nômades, prisioneiros e outros. Tal exclusão social pode ser devida a alguma deficiência, a características atribuídas como etnia, casta ou religião (além de gênero e idade), ou a características adquiridas como pobreza, nível de renda, migração, deslocamento ou encarceramento. O status socioeconômico e a 'classe' muitas vezes são determinantes para o acesso a oportunidades de aprendizagem de qualidade.

É difícil considerar uma dimensão da desigualdade isoladamente, pois há interações significativas entre, por exemplo, gênero e pobreza com relação à alfabetização. Portanto, promover a alfabetização inclusiva não é apenas direcionar as ações de alfabetização ou educação efetivamente para grupos específicos, mas também está relacionado ao impacto que a alfabetização pode ter na transformação das desigualdades tradicionais de gênero, socioeconômicas, culturais e políticas dentro e entre comunidades. Além disso, é pertinente combinar programas de alfabetização com estratégias de desenvolvimento que combatam a pobreza de maneira integrada.

As taxas de alfabetização das **populações indígenas** continuam relativamente baixas em muitos países, em comparação com o restante da população. Na Bolívia e na Guatemala, por exemplo, mais da metade da população é composta por grupos indígenas, que também respondem pelo maior número de analfabetos. As razões principais são que (a) há poucos programas educacionais adequados nas línguas dessas populações indígenas, e (b) o conteúdo da educação não dá atenção suficiente a seus contextos culturais. Os índios frequentemente têm que atuar na cultura predominante, em uma língua que podem não dominar.

**As comunidades nômades** enfrentam problemas semelhantes com relação à exclusão da educação formal. Os valores sedentários são ligados a noções de progresso e moldam as ideias sobre como a educação deve ser oferecida. Tornar-se alfabetizado é frequentemente associado à adoção do estilo de vida sedentário dominante e, em certa medida, à valorização das práticas letradas em detrimento das práticas orais. Por isso, a oferta móvel de alfabetização para adultos – pensada como resposta ao estilo de vida nômade – é vista como excluindo os nômades de que eles veem como educação de mais status em contextos formais. Com números crescentes de crianças sendo alfabetizadas nas escolas formais e em resposta à interação crescente com valores culturais dominantes e práticas comunicativas, as culturas indígenas e nômades estão mudando. É preciso dar mais atenção a abordagens de alfabetização e aprendizado mais amplas, que respeitem o estilo de vida nômade.

A alfabetização e as necessidades básicas da aprendizagem de **jovens** são cruciais para o futuro. Grupos específicos de crianças e jovens foram excluídos da educação regular devido às pressões da pobreza ou da vida em áreas assoladas pela guerra. O grande número de crianças em idade escolar que não estão na escola – atualmente 75 milhões – precisa de oportunidades alternativas e frequentemente menos formais de aprendizagem.

Em muitos países, há um grande número de adolescentes e jovens analfabetos ou semialfabetizados que estão no estágio crítico de início da vida produtiva. Entretanto, não possuem as habilidades necessárias para fazê-lo com sucesso, e a maioria dos países nessa situação não têm políticas bem articuladas para lidar com esse segmento da população. Alunos que abandonaram a escola, soldados infantis, crianças que trabalham, crianças de rua e outros que continuam a ser excluídos da educação formal necessitam de programas de alfabetização adaptados às suas necessidades e circunstâncias. Programas de alfabetização para jovens, geralmente definidos como a faixa etária dos 15 aos 24 anos de idade, devem partir das necessidades, da energia e do entusiasmo específicos desse grupo etário. Um foco maior em moldar suas próprias vidas e suas comunidades oferece um canal para as aspirações e os ideais dos jovens. Entender as subculturas dos jovens é um ponto de partida para lidar com sentimentos de alienação dos valores da sociedade dominante, e um trampolim para a elaboração de iniciativas de aprendizagem relevante. O processo de alfabetização e o conteúdo dos materiais, quando elaborados especificamente para essa faixa

etária, podem estimular os jovens a adotar os hábitos de aprendizagem que podem manter durante toda a vida. Dentro desse grupo, as características dos adolescentes, tanto meninas quanto meninos, necessitam de abordagens focadas, em que a leitura e a escrita e as operações matemáticas básicas são combinadas com o desenvolvimento da autoconfiança e de competências para o trabalho apropriado.

Estimativas indicam que aproximadamente 70% das populações pobres vivem em **áreas rurais** com poucas escolas e que oferecem oportunidades menos desenvolvidas de aprendizagem não formal. Outros fatores como a pobreza, o isolamento e as diferenças culturais podem agravar a desvantagem relativa. Como meio de acesso a fontes novas e ampliadas de informação, a alfabetização permite às populações rurais administrar seu próprio desenvolvimento e tomar decisões mais autônomas. A inclusão de competências que permitem às populações rurais diversificar seus meios de vida – como a alfabetização e o domínio das operações matemáticas básicas, métodos agrícolas, habilidades para atividades fora do campo, bem como para gestão de micronegócios – contribui para reduzir a vulnerabilidade e a pobreza. Em muitas comunidades rurais, outras questões como direitos humanos, resolução não violenta de conflitos, prevenção e tratamento de HIV/Aids e outros problemas de saúde são avaliadas. Qualquer que seja



a configuração do conteúdo, a educação básica deve habilitar os alunos rurais para que possam continuar aprendendo, aplicando pensamento crítico e lidando com as mudanças que encontrarão na vida. Nas áreas rurais, os artesanatos locais, os contadores de histórias e outros são recursos humanos que podem contribuir para o atendimento das necessidades da aprendizagem baseada na cultura e na economia local.

## Meninas adolescentes – um grupo negligenciado

As meninas adolescentes são o grupo mais vulnerável entre as parcelas mais pobres da população: com quase nenhuma educação e habilidades limitadas, enfrentando violência, exploração, carência, discriminação, e tornando-se vítimas de tráfico e da armadilha da prostituição relacionada à pobreza. Tanto as meninas quanto os meninos na adolescência estão em um ponto onde precisam desenvolver habilidades de vida de todos os tipos – intelectuais, sociais, vocacionais, etc. – e onde o potencial para desenvolver uma base sólida de competências é particularmente forte.

Adolescentes Fora da Escola na Ásia Meridional:  
Um estudo nacional transversal  
UNESCO 2004

Em todo o mundo, as **pessoas com deficiência** compõem a maior minoria carente, frequentemente à margem da sociedade. Estima-se que 20% das pessoas mais pobres do mundo são portadores de deficiência: mais de 90% das crianças com deficiência em países em desenvolvimento não frequentam a escola, e a taxa da alfabetização para adultos portadores de deficiência é tão baixa que chega a 3% em alguns países, caindo para 1% entre mulheres portadoras de deficiência. Em muitas partes do mundo, as pessoas portadoras de deficiência sofrem com as atitudes negativas de suas famílias e comunidades, e o sistema de educação chega a negligenciá-las. Além das questões cruciais de acesso, os programas de alfabetização precisam estruturar a aprendizagem de forma que permita às pessoas portadoras de deficiência fazer uso relevante da leitura e da escrita, com um compromisso firme de evitar o estigma e a discriminação nos materiais de aprendizagem.

Os **migrantes** muitas vezes enfrentam os desafios de uma nova língua e possivelmente um novo alfabeto que precisam aprender a fim de viver e trabalhar em seu novo ambiente. Trabalhadores qualificados e experientes são incapazes de atuar em seu nível socioeconômico anterior sem a oportunidade de adquirir novas competências de leitura e escrita. Os migrantes também enfrentam novas práticas de alfabetização, por exemplo, quando mudam do meio rural para o meio urbano.

## Aprendizagem para prisioneiros

Mais de 60.000 pessoas estavam na prisão na Argentina em 2006, e esse grupo tinha uma taxa de analfabetismo dez vezes maior do que da população em geral. Ademais, as oportunidades educacionais eram poucas, e o conteúdo bastante desatualizado. Localizados em duzentas prisões, aproximadamente 20% dos internos participavam de aprendizagem formal e 8% de aprendizagem não formal, de acordo com as estatísticas oficiais. Nessa situação, novos esforços visam aumentar todos os tipos de aprendizagem, oferecer formação profissional, e vincular a aprendizagem na prisão com o que está disponível em centros de aprendizagem regulares. Um aspecto central desses esforços é aumentar a qualidade dos programas e informar os internos sobre as oportunidades disponíveis.

A ênfase tem sido na melhoria do acesso, e será um grande desafio para muitos países nos próximos anos usar a alfabetização como meio de combater as desigualdades sociais. Somente alguns programas exploram as novas abordagens de aprendizagem, de ensino e de currículo que levam em conta as práticas, a língua e a cultura de grupos marginalizados. Alguns exemplos podem ser encontrados na América Latina, particularmente com relação às comunidades indígenas. Tais exemplos sugerem o potencial de se promover a alfabetização como um processo para se abordar criticamente as desigualdades existentes, seja em torno da deficiência, da pobreza, do gênero, do grupo étnico ou da língua, seguindo a tradição freiriana da alfabetização para a transformação social.

A sensibilidade à diversidade cultural significa que uma análise crítica da relevância e da adequação do currículo é tão importante quanto superar obstáculos mais estruturais ao acesso como, por exemplo, a ênfase na alfabetização pelo rádio para grupos remotos.

## Alfabetização para cegos e deficientes visuais no Marrocos

O Projeto Alfabetização para Cegos no Marrocos é uma parceria entre uma ONG local, a Universidade de Marrakesh e o ministério responsável pela alfabetização. É estruturado em torno de quatro atividades principais:

- i. Alfabetização em Braille: as turmas são organizadas em grupos pequenos de três a quatro alunos com base em idade e nível educacional.
- ii. Alfabetização digital: grupos de duas pessoas por facilitador usam um centro de informática provido de equipamentos apropriados, administrado pela Associação.
- iii. Treinamento para a independência pessoal: ensinar à pessoa cega como identificar e mover-se no espaço, como conseguir maior independência na vida diária (realizar tarefas, preparar refeições, realizar tarefas administrativas...). Essas reuniões também são uma oportunidade para que os beneficiários organizem passeios e atividades recreativas em grupo.
- iv. Publicação de livros apropriados: em papel (Braille) ou áudio.

---

## Fontes e leitura adicional

Dyer, C. 2008. Literacies and discourses of development among the Rabaris of Kutch, India. *Journal of Development Studies*, Vol. 44, No. 6, July.

Freire, P. 1970. *Pedagogy of the oppressed*. New York, Continuum.

Gasperini, Lavinia and David Atchoarena. 2005. Education for Rural People to achieve EFA and the MDGs. Background paper for 6th Meeting of the Working Group on EFA, 19-21 July 2005, UNESCO, Paris. [www.fao.org/sd/erp](http://www.fao.org/sd/erp)

Lind, Agneta. 2008. Literacy for All: making a difference. *Fundamentals of Educational Planning* 89. Paris, UNESCO: International Institute for Educational Planning.

Lopez, L. and Hanemann, U. 2006. Adult education for indigenous peoples and minorities: a thematic review. Hamburg, UNESCO Institute for Lifelong Learning.

OEI. 2007. Plan Iberoamericano de Alfabetización y Educación Básica de Personas Jóvenes y Adultas 2007-2015. OEI. <http://www.oei.es/alfabetizacion/FOLLETOPIA2.pdf>.

# Ter a oportunidade da alfabetização



*«Retornarei à minha comunidade uma pessoa mudada, e perdoo a todos que me feriram.»*

Khalil, 15 anos de idade.

Khalil é um adolescente jordaniano que entrou no

Há muitas maneiras de aprender a ler e escrever – na escola, em programas não formais para jovens e adultos, ou informalmente, sem nenhuma instrução estruturada. A alfabetização pode ocorrer sozinha, ser parte de um pacote de competências básicas ou ser um elemento de programas que ensinam outros conhecimentos ou habilidades.

Onde o sistema de educação **formal** oferece educação básica de boa qualidade, esta garante a alfabetização efetiva nas escolas. Ela também reduz a evasão escolar e ajuda na retenção da leitura e da escrita e de outras habilidades. A alfabetização começa a atrair mais atenção como uma área particularmente importante do currículo da escola porque estabelece a base para o sucesso em outras matérias. A situação familiar e comunitária da criança influencia a educação que ela recebe na escola. Crianças em idade escolar têm melhor desempenho se seus pais tiverem uma educação e se livros e outros materiais de leitura estiverem disponíveis em casa ou na comunidade.

Para aqueles que não puderam concluir a educação básica ou reter as habilidades

Questscope, um programa de educação não formal (NFE) que usa o diálogo para ampliar as oportunidades das crianças e reintegrá-las na sociedade. As melhorias na alfabetização são acompanhadas de melhorias na autoconsciência, na cidadania e na preparação para a consecução de objetivos no âmbito da sociedade dominante.

obtidas na escola, as oportunidades **não formais** de aprendizagem oferecem programas de alfabetização adaptados às suas necessidades específicas. Os programas não formais podem ter diversos formatos, conforme exemplos a seguir.

**Programas de equivalência ou de segunda chance** oferecem a jovens e adolescentes fora da escola um caminho alternativo para obter as mesmas qualificações oferecidas no setor formal. Muitos países asiáticos



como a Índia, a Indonésia, as Filipinas e a Tailândia, por exemplo, têm larga experiência na elaboração e implementação de programas de equivalência, que são difundidos em muitas regiões. São geralmente mais flexíveis e podem atender melhor às necessidades específicas dos alunos em termos de horários e abordagens pedagógicas usadas, e também com relação a conteúdo e material de aprendizagem. Para permitir que os alunos em programas não formais retornem para o ensino formal, há um esforço para conectar os sistemas e permitir uma transição fácil. Em Madagascar, o Programa Conjunto do Governo de Madagascar com o Sistema das Nações Unidas para a Promoção da Educação Básica para Todas as Crianças de Madagascar oferece como um de seus componentes a escola da segunda chance, onde o ciclo da escola primária é oferecido em dez meses em vez de cinco anos. No Marrocos, o ensino de equivalência ou de segunda chance, que atende a população fora da escola e crianças entre 9 e 16 anos de idade que abandonaram a escola, é um dos dois principais programas de educação do

Departamento de Alfabetização e Educação Não Formal do Ministério da Educação.

### Escola da Segunda Chance na Bulgária

Com o apoio da DVV-International, uma escola-piloto baseada no modelo de 'Escola de Segunda Chance' atende a segunda maior comunidade cigana urbana na Bulgária, em Stolipinovo, Plovdiv. Os adultos analfabetos dessa população ou pessoas que não concluíram a escola foram incluídas em uma forma de educação não formal em grupo. O foco do programa é a oferta de maneiras adaptadas de capacitação e educação não formal, com vistas no emprego e à inclusão social. Os objetivos são desenvolver as habilidades de leitura e comunicação dos adultos analfabetos nesse grupo da população, para apoiar a conclusão de um nível educacional, para motivar os adultos analfabetos a cruzar a ponte entre a alfabetização e a empregabilidade, e para apoiar a inclusão social e a cidadania ativa.

Às vezes conhecida como **alfabetização familiar**, uma abordagem intergeracional da alfabetização mostrou resultados positivos quando adultos e crianças aprendem juntos, como mostraram programas no Paquistão, na Turquia, em Uganda e nos EUA. A abordagem leva em conta os diferentes estilos de aprendizagem e as necessidades diferentes dos adultos e das crianças. Ao mesmo tempo, as atividades projetadas para os pais e as crianças estimulam a aprendizagem e a criança recebe um apoio valioso. A alfabetização da família permite também que os pais tenham muito mais contato com a experiência de seus filhos na escola e fortalece o vínculo entre a escola e a comunidade.

### O Programa de Educação Materno-Infantil no Lar (Mother Child Home Education Programme – Mocep)

O Programa de Educação Materno-Infantil no Lar (Mother Child Home Education Programme -MOCEP) é um programa de intervenção de qualidade, baseado em pesquisa, que ensina efetivamente as mães a cuidarem de seus filhos, além de capacitá-las para ministrar um curso completo pré-primário a seus filhos, em casa. O programa começou na Turquia em 1993 e foi adaptado e reproduzido a partir de 2000 no Barein e na Arábia Saudita.

Nas áreas remotas, programas formais ou não formais de alfabetização podem não estar disponíveis. Nesse contexto, a educação à distância por meio da

televisão, do vídeo, da rádio e da internet desempenha um papel importante. As tecnologias da informação e da comunicação (TICs) em geral podem ser uma alternativa interessante às modalidades tradicionais de aprendizagem, pois geralmente fornecem oportunidades de aprendizagem mais individualizadas. As TICs raramente são o único meio de alfabetização, mas apoiam os alunos e os facilitadores de várias maneiras: estimulando a conscientização e aumentando a motivação, facilitando materiais gerados pelos alunos, fornecendo insumos aos facilitadores e colhendo o *feedback* dos alunos. O crescimento explosivo do acesso a telefones celulares permitiu que adultos analfabetos utilizem mensagens de texto para melhorar seus meios de vida. Por exemplo, pescadores em Bangladesh comparam preços por meio do envio de mensagens de texto a possíveis compradores do mercado. Um programa de aprendizagem a distância bem-sucedido na Mongólia atendeu às necessidades de famílias de pastores nômades ao lançar mão de competências básicas mais fortes e novas habilidades adaptadas às novas realidades econômicas. Usando rádio, materiais impressos, centros de aprendizagem distritais, famílias núcleo de aprendizagem e facilitadores itinerantes, o programa fez diferença para as famílias de todo o país.

### Agarrando a oportunidade

Sob o lema Tornando os livros parte de uma infância saudável, a ONG Reach Out and Read encontrou um nicho especial por meio do qual incentiva a alfabetização de crianças novas nos EUA. A partir das visitas regulares dos pais acompanhados de seus filhos a clínicas pediátricas, a organização promove a alfabetização orientando a equipe médica a informar os pais sobre a importância da leitura. Cada criança recebe um livro durante as consultas pediátricas regulares entre os seis meses e os cinco anos de idade, incentivando os pais para que leiam em voz alta para seus filhos pequenos. Em 2006-2007, mais de 2,8 milhões de crianças participaram do programa, envolvendo mais de 3.200 estabelecimentos médicos em todo o país.

Além da aprendizagem formal na escola ou da aprendizagem não formal fora do sistema de educação formal, muitos jovens e adultos podem se alfabetizar por meios informais. Isso pode envolver o aprendizado da leitura de determinados textos necessários para o trabalho, aprender a ler mensagens de texto no telefone celular ou aprender a usar um computador para finalidades específicas. A aprendizagem informal usando a alfabetização é, na prática, a melhor forma de as pessoas melhorarem suas habilidades.

---

### Fontes e leitura adicional

Elfert, Maren and Gabriele Rabkin (eds). 2007. *Gemeinsam in der Sprache baden: Family Literacy. Internationale Konzepte zur familienorientierten Schriftsprachförderung*. Stuttgart, Ernst Klett Verlag.

Reach Out and Read [www.reachoutandread.org](http://www.reachoutandread.org)

Todorova, M. 2008. *School Second Chance in Bulgaria*. Paper presented at the UNESCO Regional Conference in Support of Global Literacy for Europe with a sub-regional focus. Baku, Azerbaijan, 14-16 May 2008.

UNESCO. 2004. *Surch Amidarya – Non-formal Basic Distance Education in Mongolia: an evaluation of its impact*. Unpublished report.

UNESCO. 2006. *Equivalency Programmes (EPs) for Promoting Lifelong Learning*. Bangkok, UNESCO.

Gouvernement du Maroc. 2000. *Charte Nationale de l'Education et Formation*. [www.alpha.gov.ma](http://www.alpha.gov.ma)

# Alfabetização e gênero

Dois terços dos jovens e adultos que não sabem ler ou escrever são do sexo feminino. Em alguns países, a proporção chega a 80%. Entretanto, o relacionamento entre alfabetização e gênero é mais complexo do que esses números sugerem. Na Europa, na América do Norte, no Caribe e em alguns países de renda média, educadores se preocupam com a relativa falta de sucesso dos meninos na alfabetização. Há, portanto, uma diferença impressionante entre o discurso sobre alfabetização e gênero em diferentes regiões do mundo, o que ilustra a importância do contexto com relação a práticas de alfabetização e educação em geral focadas em gênero.

Na maioria dos países da África, da Ásia e do Pacífico, as políticas são focadas na marginalização das mulheres e das meninas na educação, devido à imensa diferença de gênero nas taxas de alfabetização de adultos. O mesmo também se aplica aos países da América Latina com maiorias indígenas. Tanto barreiras estruturais (horários inadequados, falta de atenção pré-escolar, falta de mobilidade, professores homens etc.) quanto fatores sociais (oposição masculina à educação das mulheres, baixo *status* das mulheres na sociedade etc.) afetam a participação das mulheres em programas de alfabetização. As barreiras estruturais são mais fáceis de serem combatidas no planejamento dos programas do que as barreiras sociais e culturais, que exigem uma mudança nas atitudes.

*A fim de alcançar a equidade, os programas devem conscientizar a respeito das premissas, práticas e textos baseados em gênero.*



*Eu frequentei o Programa Mãe-para-Mãe com todos os seus componentes por seis anos. O programa transformou minha vida, depois que eu havia perdido a esperança. Agora sou uma mulher confiante que conhece suas habilidades, estou envolvida na educação dos meus filhos e meu marido me vê como parceira na tomada de decisões e solução de problemas*

Hanan E. (mãe paraprofissional)

**O Programa Mãe-para-Mãe funciona nos Territórios Palestinos e permite que mães se familiarizem com os aspectos essenciais dos processos de desenvolvimento na primeira infância. Após o treinamento, as mães passam o conhecimento recentemente adquirido a outras mães em sua vizinhança. O programa também fortalece o papel das mulheres em seu ambiente social e as incentiva a participar do trabalho comunitário.**

Na Europa e na América do Norte, onde a tendência é de desvantagem dos meninos, as desigualdades do gênero são analisadas em relação ao currículo de alfabetização, que parece ser mais atraente para as meninas. As avaliações das habilidades enfatizam a escrita e a leitura, atividades preferidas das meninas em sala de aula. No Caribe,

a desvantagem que os meninos sofrem reflete o *status* e as circunstâncias socioeconômicas de suas famílias.

Pesquisas revelam correlação entre a alfabetização das mulheres e o desenvolvimento positivo da família e da comunidade em termos de sua situação econômica, educação e saúde. Há evidência de que é mais provável que mulheres alfabetizadas, mesmo aquelas com níveis relativamente baixos de alfabetização, enviem suas filhas à escola do que as mães analfabetas.

No passado, os programas de alfabetização tendiam a focalizar as mulheres como um grupo homogêneo. Hoje há uma compreensão maior das necessidades distintas das mulheres de acordo com a idade, *status* civil, localização e situação econômica. Muitos programas de alfabetização enfocam especificamente as mulheres em seus papéis de esposas e mães e adotam uma abordagem funcional da alfabetização, com lições sobre saúde, cuidados com a criança, economias e clubes de empréstimo e geração de renda. Particularmente as mulheres pobres e as mulheres e meninas em situações de conflito necessitam de atenção especial.

Um aspecto importante é que muitas mulheres são atraídas para turmas de alfabetização pelo valor simbólico da alfabetização e da autoconfiança que o aprendizado gera. Desejam aprender a ler e escrever pelo um valor em si, e aprender sobre melhores práticas de saúde e nutrição – aspectos enfatizados por muitos programas de alfabetização – é secundário. O potencial que a alfabetização oferece para melhorar seu *status* na vida e no trabalho tem um valor maior para muitas mulheres.

Uma avaliação das abordagens da alfabetização e da questão do gênero revela um desafio mais profundo. A maior ênfase tem sido em como mudar estruturas, currículo e abordagens de ensinar para assegurar uma participação maior do grupo marginalizado, sejam meninas ou meninos, mulheres ou homens. Muitas mulheres preferem turmas compostas só por mulheres, por ser um espaço seguro para discutir suas vidas e aprender habilidades novas em um ambiente de apoio. Também é mais

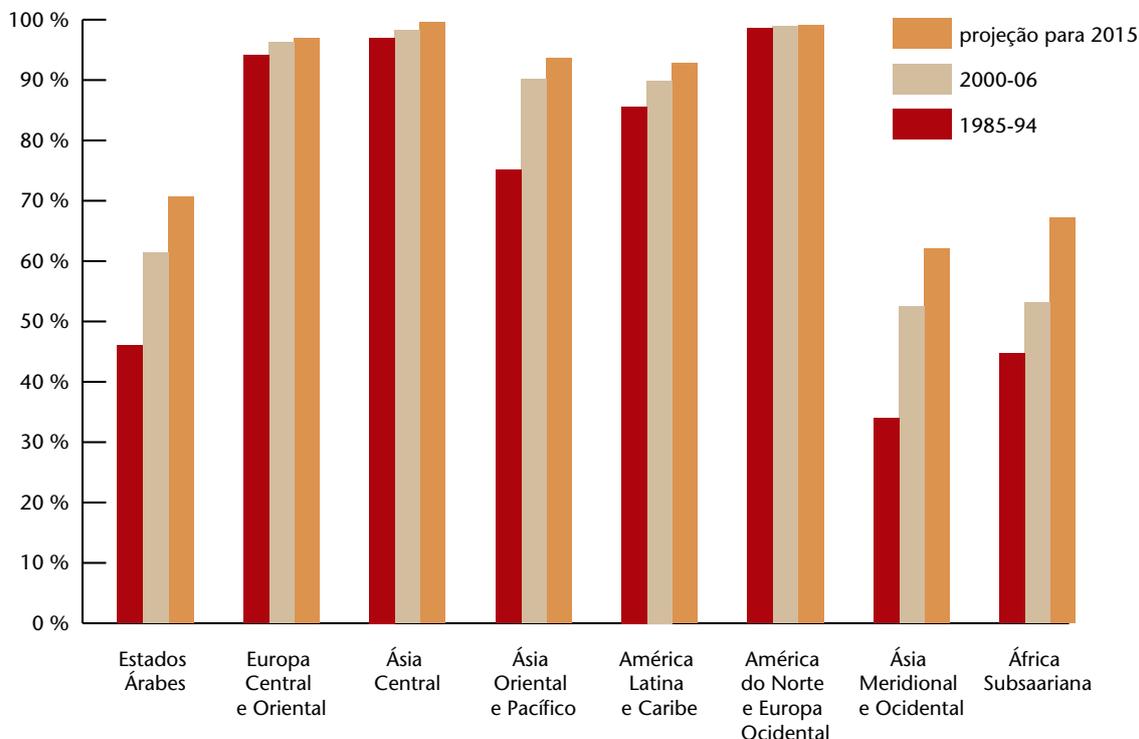
aceitável em muitas comunidades que as mulheres sejam alfabetizadas em locais onde os homens não estão presentes. Entretanto, a fim de questionar as premissas tradicionais de gênero e mudar atitudes com relação às mulheres, os homens também precisam ser incluídos no processo educacional. Há exemplos promissores dos programas Reflect, que empregam uma abordagem participativa para ajudar homens e mulheres a discutir e combater as desigualdades de gênero, como a divisão do trabalho por gênero e a carga de trabalho desigual em casa e na comunidade.

Quando a igualdade de gênero é abordada de forma holística e programas específicos são direcionados a mulheres e homens, os programas de alfabetização têm um impacto na transformação das desigualdades tradicionais de gênero.

### Disparidades de gênero

Em todo o mundo, a porcentagem total de mulheres analfabetas permaneceu praticamente inalterada nos últimos 20 anos: 63% das pessoas analfabetas eram mulheres em 1985-1994 em comparação com 64% em 2000-2006. A disparidade de gênero melhorou na maioria dos Estados Árabes, e na Ásia Meridional, Ocidental e Oriental. Na África Subsaariana, a taxa de alfabetização feminina aumentou de 45% para 53%, mas a proporção de mulheres analfabetas dentro da população analfabeta total aumentou ligeiramente, de 61% para 62%. Em países específicos, há também diferenças consideráveis nas taxas de alfabetização das mulheres e dos homens de acordo com a posição geográfica. No Paquistão, a disparidade de gênero nas taxas de alfabetização é muito maior nas áreas rurais do que nas áreas urbanas. Na Ásia Meridional como um todo, a disparidade de gênero em termos de matrícula na escola é particularmente evidente nas áreas remotas. Na América Latina e no Caribe, as tendências contrastam com as outras regiões discutidas: somente um pequeno número de países ainda mostrando desvantagens para as mulheres no acesso à educação, seis países que mostram paridade e 18 países onde há uma reversão da disparidade de gênero, com mais meninas matriculadas na escola do que meninos. Significativamente, os países da América Latina com comunidades indígenas grandes (Guatemala, Peru e Bolívia) têm as taxas mais baixas de alfabetização de mulheres em comparação com a população como um todo.

## Tendências na alfabetização feminina por região (%)



Fonte: base de dados do ISU

### Fontes e leitura adicional

ActionAid Nepal. 2007. Stories of Change, REFLECT, Creating spaces for self-expression – breaking the culture of silence. Kathmandu, ActionAid.

Attwood, G. (2007) An Action Research Study of the REFLECT Approach in Rural Lesotho, unpublished PhD thesis, University of Wits

Flores-Moreno, C. 2004. Out of school, now in the group: family politics and women's illiteracy in the outskirts of Mexico City.

Robinson-Pant, A. (ed.) Women, Literacy and Development: Alternative Perspectives. London, Routledge.

Fransman, J. (2007) Reading between the lines: a comparative study of policy and practice in Tanzania and Viet Nam in light of the international benchmarks on adult literacy (draft report)

Lind, A. 2006. Reflections on mainstreaming gender equality in adult basic education programmes. International Journal of Educational Development, Vol. 26, No. 2.

Maynard, T. 2002. Boys and literacy: exploring the issues. London. Routledge Falmer.

Robinson-Pant, A. (2004) Women, Literacy and Development: Alternative Perspectives, London, Routledge.

# Alfabetização e redução da pobreza



*«o aumento das potencialidades humanas tende a ser acompanhado de uma expansão das produtividades e do poder de gerar renda.»*

Amartya Sen  
Development as Freedom  
1999:92

A pobreza é um ciclo complexo de carência, com alto nível de vulnerabilidade a mudanças nas circunstâncias sociais, econômicas, ecológicas e demográficas. Não é um fenômeno homogêneo, com uma única solução. Qualquer que seja a medida de pobreza utilizada – por exemplo, US\$1 ou US\$2 por dia para subsistir – a lacuna entre países ricos e pobres continua a crescer. Além disso, há uma correspondência muito próxima entre o mapa das áreas no mundo com altos índices de analfabetismo e o mapa dos altos índices de pobreza, e a alfabetização é um resultado essencial da aprendizagem que contribui para o desenvolvimento econômico. Nessa perspectiva, não é a alfabetização isoladamente que faz a diferença, mas sim o que a alfabetização permite que as pessoas façam para lidar com a pobreza – acessar informações, usar serviços aos quais têm direito e reduzir sua vulnerabilidade à doença ou a mudanças ecológicas. A alfabetização é uma característica universal que está ligada à redução da pobreza, ao crescimento econômico e à criação de riqueza.

No **Malawi**, o Ministério para as Mulheres e o Desenvolvimento Infantil implementou o Programa Social e Econômico Sustentável de Empoderamento para a Redução da Pobreza (SSEEP) para lidar com o analfabetismo, a degradação ambiental e a redução da pobreza. A abordagem integrada combinou a metodologia participativa Reflect com a alfabetização funcional e o desenvolvimento de atividades de subsistência. Promovendo a articulação entre diferentes setores, o programa desenvolveu cartilhas pós-alfabetização sobre temas como o HIV/Aids, crescimento da população e violência de gênero. Também ofereceu capacitação em novas tecnologias e atividades geradoras de renda.

Esse programa, como outros programas de alfabetização funcionais, integrou o desenvolvimento de habilidades para trazer benefícios diretos aos participantes em termos de aumento de renda. O conceito de aprendizagem ao longo da vida tem relevância particular para os pobres, que podem ter que atualizar continuamente suas habilidades para sobreviver na economia informal.

## Alfabetização, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e Estratégias de Redução da Pobreza

Uma análise dos marcos de desenvolvimento que norteiam a política de educação e as políticas de desenvolvimento mais amplas pode oferecer uma visão de como a alfabetização é definida no âmbito das estratégias internacionais e nacionais de redução da pobreza. O marco conceitual dos Documentos de Estratégia de Redução da Pobreza (PRSP) que os países elaboram para a educação é formado por duas teorias: do capital humano e da abordagem integrada ao desenvolvimento. Ambas se apoiam em premissas diferentes sobre a educação: a primeira supõe que mais educação irá melhorar a capacidade de aumentar a renda (isto é, mais educação = menos pobreza), ao passo que a segunda, menos proeminente nos PRSPs, promove a educação como um benefício em si mesmo e como meio de se alcançar metas econômicas, sociais e de infraestrutura em outros setores. Na promoção da alfabetização, uma abordagem integrada responde melhor à lógica de garantia de direitos e à lógica funcional.

O analfabetismo é considerado uma barreira que impede que os pobres melhorem suas vidas.

– Camboja

O analfabetismo é considerado uma das causas determinantes da pobreza: melhorar a alfabetização é uma das prioridades do segundo pilar estratégico da Estratégia de Redução da Pobreza.

– Benin

O analfabetismo é considerado um obstáculo à implementação de um plano de participação para o PRSP: os altos níveis de analfabetismo são considerados a “face social da pobreza”.

– Guiana

Tais declarações extraídas dos Documentos de Estratégia de Redução da Pobreza de três países mos-

tram os fortes elos que parecem existir entre o analfabetismo e a pobreza. Os marcos de políticas de desenvolvimento moldaram e influenciaram as abordagens da alfabetização – especialmente fora do setor escolar formal. Particularmente, a adoção dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio na Assembleia Geral da ONU em 2000 reforçou a priorização do financiamento para a educação primária (Objetivo 2). A falta de referência à alfabetização de adultos ou à educação não formal nos objetivos significou que os elos entre a alfabetização e a redução da pobreza não foram abordados diretamente. Entretanto, a alfabetização tem um papel claramente importante a desempenhar na consecução dos oito ODMs – por exemplo, o efeito intergeracional da probabilidade maior de adultos alfabetizados enviarem seus filhos à escola (Objetivo 2), ou a aprendizagem sobre a prevenção do HIV/Aids por intermédio da alfabetização (Objetivo 6).

A educação é um elemento importante do Documento da Estratégia de Redução da Pobreza. Contudo, uma revisão de 18 PRSPs revelou que, embora a maioria dos países se referiram aos ODMs relativos à educação, houve pouca referência aos objetivos de EPT não focalizados na educação formal. Embora muitos países tenham apresentado correlações entre níveis de pobreza e taxas de analfabetismo e tenham discutido o analfabetismo como causa da pobreza, alguns PRSPs não continham nenhuma ação sugerida para abordar os problemas da alfabetização. Isso se deve em parte à falta de qualquer marco teórico desenvolvido em torno da aprendizagem e do ensino para levar o processo do PRSP para além da recomendação de que os pobres devem aprender habilidades relevantes.

### Mauritânia: unindo a alfabetização e o desenvolvimento

A Mauritânia vem dispendendo esforços específicos para integrar a educação e a alfabetização no Marco Nacional da Estratégia de Redução da Pobreza. O Programa Nacional para o Desenvolvimento do Sistema de Educação para 2001-2010 está articulado especificamente com o desenvolvimento mais amplo e fornece uma estrutura coordenada para a reforma da educação formal e não formal. Nessa estrutura, a *Estratégia Nacional para a Erradicação do Analfabetismo (2006-2015)* da Mauritânia reforça a importância da alfabetização como um componente pleno do Marco Nacional da Estratégia de Redução da Pobreza revisado, e um elemento essencial do desenvolvimento sustentável.

### Fontes e leitura adicional

Bougroum, M., A. W. Diagne, M. A. Kissami and S. Tawil. 2007. Literacy Policies and Strategies in the Maghreb: Comparative Perspectives from Algeria, Mauritania and Morocco. Paper presented at the Arab Regional Conference in Support of Global Literacy, 12-14 March 2007, Doha, Qatar.

Caillods, Françoise and Jacques Hallak. 2004. Education and PRSPs: a review of experiences. IIEP: Paris.

Ministry of Women and Child Development (MOWCD) and UNDP. 2007. End of programme evaluation of the socio-economic empowerment programme for poverty reduction (SEEP). Malawi.

Sen, Amartya. 1999. Development as Freedom. Oxford, OUP.

Street, B. 2001. Literacy and Development: Ethnographic Perspectives. London, Routledge.



© Jeroen Oerlemans/Panos Pictures

## Alfabetização em áreas afetadas por conflitos

Um grande obstáculo para a alfabetização é a proporção elevada de países que estão passando por conflitos ou que recentemente saíram de conflitos. A maioria dos conflitos ocorre hoje em países mais pobres que frequentemente possuem as taxas mais baixas de alfabetização. O prolongamento da violência e da instabilidade pode significar que grupos inteiros perdem a oportunidade de desenvolver habilidades de leitura e escrita.

Os conflitos e suas consequências afetam diretamente a oferta da educação. Os edifícios escolares são destruídos, os professores são mortos ou fogem e os professores subqualificados são trazidos mas, frequentemente, não são nem treinados nem pagos. Não surpreende que as famílias não queiram enviar seus filhos à escola quando não há segurança. As oportunidades para a educação não formal e a aprendizagem de jovens e adultos também podem ser limitadas.

A importância do acesso à alfabetização para populações afetadas por conflitos, particularmente mulheres e jovens marginalizados, precisa ser devidamente destacada. A alfabetização é essencial para a proteção, saúde e o bem-estar durante e após o conflito, bem como para a reintegração e o desenvolvimento social e econômico. Os programas de alfabetização, especialmente quando incluem habilidades de vida e subsistência, empoderamento e iniciativas de construção de paz, têm o potencial de melhorar a segurança humana, promover a reconciliação e impedir conflitos futuros.

Os programas em Serra Leoa, no Afeganistão, Iraque e Kosovo mostram que programas integrados de alfabetização, resolução de conflitos e construção de paz podem ter um papel importante, contribuindo para a reconstrução de sociedades pós-conflito. Mesmo sob circunstâncias normais, é crucial usar abordagens participativas e elaborar programas de alfabetização em pleno diálogo com as comunidades afetadas.

### Alfabetização e a construção da paz

No conflito em Serra Leoa na década de 1990, aproximadamente dois terços da população foram deslocados, criando a maior população de refugiados na África. A população sofreu atrocidades. As estruturas sociais e a infraestrutura física ruíram. A tarefa de lidar com o trauma e reconstruir comunidades fisicamente e psicologicamente era enorme. Em resposta, a Educação para o Desenvolvimento, uma ONG britânica, desenvolveu programas em parceria com ONGs locais combinando a oferta de alfabetização com a resolução de conflitos e a construção da paz. As habilidades recentemente adquiridas de escrita e leitura foram usadas pelos participantes do curso para descrever suas próprias experiências e ler as dos outros. Esta pareceu ser uma abordagem promissora, ajudando as pessoas a lidarem com múltiplos traumas e a partirem para ações construtivas.

Resta uma série de desafios para atingir a alfabetização para todos entre populações afetadas por conflitos. O conflito impõe riscos, responsabilidades e encargos sobre os adultos e os jovens que podem ser impedidos de acessar oportunidades de aprendizagem. Além disso, o conflito pode intensificar os processos de marginalização, aumentando a vulnerabilidade de determinados grupos ou indivíduos devido a *status* econômico, idade, gênero, etnia, nacionalidade, religião, deficiência, localização geográfica ou uma combinação desses fatores.

Os anos fora da escola durante o conflito tornam difícil para muitos jovens concluir até mesmo uma educação básica, especialmente aqueles que já estão além do limite de idade para entrar na escola, ou construir uma base sólida para aprendizagem adicional. É fundamental oferecer oportunidades de aprendizagem adaptadas às necessidades ur-

gentes de tais grupos. Apesar da ênfase crescente no trabalho com adolescentes e jovens, suas necessidades educacionais tipicamente excedem o número e o escopo dos programas disponíveis para atendê-los.

As situações de deslocamento podem apresentar desafios adicionais, pois os alunos são frequentemente forçados a se adaptar a uma língua nova usada nas aulas, seja em campos de refugiados ou de pessoas deslocadas internamente, ou no retorno para casa. Quando há oportunidades de aprendizagem para jovens e adultos nos acampamentos, os ganhos de alfabetização nem sempre são apoiados por estratégias de acompanhamento posterior.

Essas possibilidades e desafios destacam a necessidade de investimento adicional em pesquisa, desenvolvimento de capacidade e programação, para que se atinja a alfabetização para todos entre populações afetadas por conflitos. As situações de reconstrução podem abrir janelas de oportunidade. Como indicado no Relatório de Monitoramento Global 2006, a reconstrução necessária da educação depois de conflitos e outras emergências representa um potencial considerável para a renovação e a melhoria. A mudança de políticas, por exemplo, pode ser relativamente fácil, porque as estruturas velhas podem ter sido completamente erradicadas.

Quando novas oportunidades são abertas durante a reconstrução, é preciso um compromisso sustentado no sentido de fazer com que essas oportunidades sejam significativas e para expandir os programas mais promissores.

---

### Fontes e leitura adicional

Dennis, C. and A. Fentiman. 2007. *Alternative Basic Education in African Countries Emerging from Conflict: Issue of Policy, Coordination and Access*. London: DfID.

Newell-Jones, K. and J. McCaffery. 2007. *Rebuilding Communities: the contribution of integrated literacy and conflict resolution programmes*. *Critical Literacy: Theory and Practices* 1(1): 16-40.

Hanemann, Ulrike. 2005. 'Literacy in Conflict Situations.' Background paper prepared for the EFA Global Monitoring Report 2006.

Sinclair, Margaret. 2002. *Planning education in and after emergencies*. Paris: UNESCO IIEP.

UNESCO. 2005. *Literacy for Life: EFA Global Monitoring Report 2006*. Paris: UNESCO.



## Elaborando políticas de alfabetização

**U**ma política de alfabetização abrangente é o ponto de partida para uma ação nacional efetiva. Políticas fortes e claras, além de estratégias – amparadas pela legislação e adequadamente financiadas – precisam apoiar as diversas oportunidades de alfabetização que os países oferecem a fim de atender as diversas necessidades de muitos grupos diferentes. Entretanto, apenas uma declaração de política no plano nacional de educação não garante a execução na ponta.

A elaboração de políticas e estratégias de alfabetização tem que começar com um processo de reflexão sobre o significado e o escopo da alfabetização – uma definição consistente é necessária para servir de base para o monitoramento. As políticas e um bom planejamento precisam de dados confiáveis e tempestivos sobre os graus de alfabetização de grupos da população, sobre padrões de alfabetização e analfabetismo, e sobre os tipos, a qualidade e os resultados dos programas de alfabetização. Quando não há informação nacional disponível, é mais difícil planejar e a implementação é menos eficiente. Dados comparativos (ver abaixo) oferecem um ponto de referência para estabelecer normas na implementação de políticas de alfabetização.

Na elaboração de políticas de alfabetização, as estratégias nacionais de desenvolvimento, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs), as Estratégias de Redução da Pobreza e outros marcos moldam o contexto maior, ao passo que os planos setoriais de educação, as políticas de gênero e as políticas para as minorias linguísticas moldam a programação da alfabetização.

*A alfabetização deve ser colocada no centro de todos os níveis dos sistemas de educação e esforços para o desenvolvimento.*

Plano de Ação da UNLD

As políticas por si só não são suficientes – elas devem conduzir a estratégias viáveis de implementação e incluir projeções mais robustas que as estratégias envolvem em termos de recursos humanos e financeiros. Disponibilizar esses recursos é uma etapa crítica para a ação.

As estratégias viáveis devem levar em conta quais instituições – governamentais e não governamentais – oferecem alfabetização, e como a educação formal e não formal são articuladas. As parcerias nos níveis nacional e comunitário serão requisito para alcançar efetivamente diferentes grupos da população. Assim como as parcerias com departamentos e unidades do governo, essas parcerias incluirão agências internacionais e associações comunitárias.

Estratégias realistas abordarão os aspectos essenciais da alfabetização a fim de oferecer com sucesso a alfabetização na ponta. Elas incluem a elaboração do currículo, treinamento dos facilitadores, promoção de ambiente que incentive o uso da leitura e da escrita, bem como a avaliação de como as comunidades locais podem administrar e sustentar esforços de alfabetização relevantes. Nenhuma estratégia está completa sem monitoramento e avaliação apropriados e adequados, a fim de medir o progresso alcançado.

Muitos governos nacionais integraram a alfabetização de jovens e adultos em seus planos de educação e estratégias de redução da pobreza. As políticas expressam um compromisso crescente com a alfabetização e seus elos com outros aspectos do desenvolvimento. Durante a primeira metade da Década para a Alfabetização das Nações Unidas, países de todas as regiões fortaleceram suas políticas de alfabetização, por exemplo:

**Brasil:** Coincidindo com o início da Década para a Alfabetização, o governo deu novo impulso à alfabetização de jovens e adultos estabelecendo uma nova secretaria nacional. A Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade enfoca os grupos da população a quem historicamente o acesso foi negado. Houve um aumento de 25% do orçamento em 2005 – resultado de um novo interesse na qualidade dos programas de alfabetização que também conduziram a programas mais longos e a novas ferramentas de monitoramento e avaliação. Os estados e os municípios em particular aumentaram os níveis de investimento. Atualmente, há iniciativas para oferecer educação básica continuada em nível primário e secundário para quem participou do programa de alfabetização *Brasil Alfabetizado*, oferecido pelo governo em 2003-2008.

**Burquina Fasso:** Com o objetivo de aumentar a taxa de alfabetização de 28% para 40% até 2010, a política de alfabetização visa oferecer oportunidades a jovens e adultos que não se beneficiaram da educação primária ou que abandonaram a escola. Centros de alfabetização permanentes e centros de educação básica não formal são a expressão prática dessa política. O número de graduados dos centros cresceu 24% entre 2003 e 2007. Como parte do

acordo com a *Iniciativa de Via Rápida EPT*, o governo incluiu financiamento para a alfabetização de adultos como parte de sua estratégia para promover a EPT de modo holístico no nível local.

**China:** Tendo alcançado aumentos significativos na taxa de alfabetização de adultos nos últimos 15 anos, com mais de 90 milhões de novos alfabetizados, o foco da política de alfabetização na China, agora volta-se para os grupos que sofrem desvantagens específicas: áreas pobres, populações rurais, mulheres e minorias étnicas, especialmente aqueles com uma população de menos de 100.000.

**Índia:** A Missão Nacional da Alfabetização focaliza a alfabetização funcional e enfatiza a alfabetização feminina. Sua meta é atingir uma taxa de alfabetização de 85% (90% para homens e 80% para mulheres) até 2011. Já tendo dado destaque às necessidades de alfabetização entre jovens e adultos mais novos, particularmente meninas e mulheres, uma mudança no foco da política deve acrescentar a população de 35 anos ou mais ao grupo-alvo do programa de alfabetização de adultos, e incluir áreas com baixo grau de alfabetização, particularmente ao norte do país (Bihar, Jharkhand, Rajasthan e Uttar Pradesh), áreas tribais e alguns estados no nordeste da Índia.

**Marrocos:** A *Iniciativa Nacional para o Desenvolvimento Humano*, lançada em maio de 2005, fornece o marco para a Estratégia Nacional de Alfabetização e Educação Não Formal, o que significa que a ação de alfabetização está cada vez mais integrada aos projetos locais de desenvolvimento com vistas na promoção de atividades geradoras de renda e à conscientização para aspectos da saúde, especificamente para mulheres.

**Níger:** O Plano de Desenvolvimento da Educação (2003-2013) visa dobrar a taxa de alfabetização total de 19% (2000) para 38%, com um foco na parceria com a sociedade civil, participação da comunidade, e melhoria da qualidade da oferta da alfabetização.

## Quem faz a política de alfabetização?

Os governos estabelecem as políticas de educação – é parte de sua responsabilidade garantir o direito à educação para os cidadãos do país. Elaborar uma política e um plano coerente para todo o setor da educação é a melhor maneira de organizar oportunidades de aprendizagem para todas as idades, dentro de uma perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. A alfabetização para jovens e adultos que não tiveram possibilidade de estudar quando crianças deve ser parte disso. Em anos recentes, e particularmente desde o Fórum Mundial da Educação de Dacar em 2000, outros atores participaram da formulação de política, pela primeira vez ou de modo mais deliberado – sociedade civil, setor privado e parceiros bilaterais/multilaterais.

*A participação da sociedade civil na formulação de políticas de alfabetização é particularmente importante, pois são organizações da sociedade civil que operam muitos programas na ponta.*

Na alfabetização, a **participação da sociedade civil** é particularmente importante, pois são organizações da sociedade civil que operam muitos programas na ponta. Elas contribuem com experiência e conhecimento e podem apoiar políticas que respondem às realidades das comunidades locais. O setor privado, com seu interesse por uma força de trabalho qualificada, traz um foco claro e alguns recursos ao debate da política, por exemplo, na questão da alfabetização no local de trabalho. Os parceiros externos, particularmente as agências bilaterais e multilaterais, desempenharam um papel crucial no esforço para atingir os objetivos de EPT, mas recuaram com relação à alfabetização de jovens e adultos. Se por um lado o planejamento para a EPT é o fórum óbvio para planejar o atendimento às necessidades de alfabetização, na prática isso aconteceu raramente, ou não foi dado foco suficiente a esse aspecto. É chegado o momento das arenas e fóruns de elaboração conjunta de políticas e planejamento abordarem a alfabetização seriamente, particularmente no nível nacional.

## Bangladesh: formulando a política de alfabetização

No começo da Década da Alfabetização em 2003, Bangladesh desenvolveu seu Segundo Plano Nacional de EPT (2003-2015), com o objetivo de estabelecer uma sociedade baseada no conhecimento e orientada para a tecnologia. Com cerca de 52 milhões de adultos analfabetos, era imperativo incluir políticas para promover a alfabetização sustentável e empoderadora. O objetivo é garantir às crianças o acesso à educação primária e que jovens e adultos se beneficiam das oportunidades formais e não formais de aprendizagem, com metas específicas para cada categoria de aluno. A Campanha para a Educação Popular (Campe), uma rede nacional de ONGs que atuam na alfabetização e na educação, avalia regularmente o status da educação primária e de adultos por intermédio de seu Observatório da Educação, fornecendo dados para os formuladores de políticas. A colaboração entre governo e sociedade civil visa identificar os grupos marginalizados da população que ainda não se beneficiam da educação.

## Parâmetros de avaliação na alfabetização

Um parâmetro de avaliação é uma norma ou um padrão que representa práticas na alfabetização que conduzem à aprendizagem e ao uso efetivos. Há duas razões para se utilizar parâmetros de avaliação na alfabetização. Primeiramente, a oferta da alfabetização de adultos é uma área negligenciada na educação e o controle de qualidade frequentemente está ausente ou não é estruturado – por isso, os parâmetros de avaliação fornecem um ponto de referência valioso. Em segundo lugar, a alfabetização assume diferentes formas em diferentes contextos, e seu conteúdo e abordagem dependem de circunstâncias particulares e de grupos da população – por isso, é difícil estabelecer quais programas são eficazes e em quais programas vale a pena investir. Os parâmetros de avaliação fornecem um marcador externo para avaliar até que ponto um programa está próximo de padrões de qualidade conhecidos.

Quando abordou o tema da alfabetização em sua edição de 2006, o Relatório de Monitoramento Global de EPT encomendou à ActionAid um conjunto de parâmetros de avaliação. Uma extensa pesquisa de mais de 60 programas de alfabetização resultou em um conjunto de 12 parâmetros genéricos, incluindo questões políticas, financeiras, pedagógicas e linguísticas (ver quadro). Os parâmetros não são universais e não são um consenso entre os profissionais da alfabetização, e a sua aplicação irá variar de acordo com o contexto. O refinamento e o uso mais amplo dos parâmetros exigirão mais testes e pesquisas.

### Doze áreas sugeridas como parâmetros na alfabetização:

1. Definindo a alfabetização
2. Continuidade da aprendizagem
3. Conduzindo a alfabetização
4. Programas de avaliação da alfabetização
5. Pagamento dos facilitadores
6. Recrutamento e desenvolvimento dos facilitadores
7. Proporções e horários
8. Contextos multilíngues
9. Métodos participativos
10. O ambiente letrado
11. Custos por aluno
12. Financiamento da alfabetização

*Writing the Wrongs*  
ActionAid  
2005

## A mudança da política de alfabetização em São Vicente e Grenadinas

Em 2002, uma pesquisa nacional de alfabetização conduzida pela Unidade de Educação de Adultos do governo revelou que aproximadamente 20% da população adulta de São Vicente e Grenadinas estava seriamente deficiente em termos de habilidades de leitura escrita e operações matemáticas básicas. Como resposta a esse desafio, o governo lançou uma Cruzada Nacional de Alfabetização em janeiro de 2005, incluindo uma nova Política e Plano de Alfabetização para São Vicente e Grenadinas que destaca uma série de imperativos cruciais, como:

- Mobilizar e sensibilizar a nação para uma Cruzada Nacional
- Capacitar em massa os professores em habilidades específicas, incluindo diagnóstico, avaliação e metodologias inovadoras
- Promover a alfabetização na infância
- Incluir e educar os pais
- Fornecer um número maior de professores especializados em alfabetização
- Expandir o leque de recursos para incluir materiais culturalmente relevantes

A alfabetização é vista como um direito humano e todos os cidadãos devem ter a oportunidade de alcançar um padrão mínimo básico.

Sem um compromisso maior com a alfabetização de adultos em nível nacional por intermédio de políticas robustas, apoiadas por planos e estratégia viáveis, implementadas e monitoradas por instituições eficientes e com financiamento adequado, uma redução das taxas de analfabetismo existentes em muitos países será inatingível, e ainda mais, agravada por pressões demográficas e pela má qualidade do ensino.

---

### Fontes e leitura adicional

ActionAid. 2007. Writing the Wrongs. Call for Action. <http://www.actionaid.org/assets/pdf/Writing%20the%20Wrongs-ABUJA%20Call%20for%20Action.pdf>

Bougroum, M., Kissami, M. A., Diagne, A. W., Tawil, S. 2007. Literacy policies and strategies in the Maghreb: comparative perspectives from Algeria, Mauritania and Morocco. Research paper prepared for the UNESCO Regional Conference in Support of Global Literacy in the Arab States Region, Doha, Qatar, 12-14 March 2007. <http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001611/161156e.pdf>

Evaluation de la Requête EPT/PA présentée par le Burkina  
[www.education-fast-track.org/library/Burkina\\_Faso\\_Endorsement\\_Plan.pdf](http://www.education-fast-track.org/library/Burkina_Faso_Endorsement_Plan.pdf)

Govinda, R. 2007. Literacy Policies and Strategies in South, South West and Central Asia. Challenges and Achievements. Paper presented at the UNESCO Regional Conference in Support of Global Literacy for South, South-West and Central Asia, New Delhi, India, 29-30 November 2007.

Ireland, T. 2006. Literacy in Brazil. reflect online, issue 5. London, NRDC.

Literacy Policy and Plan for St Vincent and the Grenadines. 2004.

UNESCO. 2005. EFA Global Monitoring Report 2006. Literacy for Life. Paris, UNESCO.

Yousif, A. 2007. Adult literacy and adult education in seven Arab states: Bahrain, Egypt, Oman, Sudan, Syria, and Yemen. Research paper prepared for the UNESCO Regional Conference in Support of Global Literacy in the Arab States Region, Doha, Qatar, 12-14 March 2007. <http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001611/161145e.pdf>



© Clinton Robinson

## Pondo a política em prática

A alfabetização requer colaboração entre instituições. A alfabetização não é somente uma responsabilidade do Ministério da Educação. Outros órgãos, como o Ministério de Assuntos Sociais, Ministério do Trabalho, Ministério para Assuntos Relativos às Mulheres, Ministério da Agricultura etc., frequentemente oferecem programas de alfabetização ou articulam outras questões sob sua responsabilidade com a alfabetização devido ao seu papel como ferramenta para todos os tipos de aprendizado. A sociedade civil, o setor privado e os parceiros bilaterais/multilaterais também desempenham um papel de destaque na implementação da alfabetização e na elaboração da política.

## Articulando a alfabetização entre os ministérios

No combate à pobreza, a alfabetização deve ser articulada com as áreas-chave onde as pessoas buscam melhoria na qualidade de suas vidas. No **Nepal**, o governo priorizou os programas de alfabetização para grupos sociais em desvantagem econômica – sem-terra, desempregados, os dalits, grupos étnicos minoritários e aqueles que vivem em áreas remotas e inacessíveis. Nos últimos dez anos, o Nepal começou também a transversalizar a alfabetização nos departamentos de governo. Anteriormente, a alfabetização de adultos ficava geralmente a cargo do Ministério da Educação, mas agora outros ministérios integram a alfabetização como um componente dos programas nas áreas de saúde e agricultura, com pessoal especializado em alfabetização cedido para apoiar essas intervenções.

Os jovens e os adultos têm motivações diferentes para a alfabetização e dela se valem para finalidades diferentes. Conseqüentemente, é natural que uma gama de ministérios e órgãos ofereça alfabetização para grupos diferentes. Iniciativas especiais integraram a alfabetização na aprendizagem para agricultores e pescadores no Marrocos, guardas de fronteira na Tailândia, recrutas do exército na Arábia Saudita e na Mongólia, pessoas que buscam emprego no Reino Unido, artesãos e mulheres no Butão, e grupos de desenvolvimento rural na Etiópia. Em alguns países, particularmente na Ásia Meridional e na África Subsaariana, as organizações da sociedade civil e as ONGs são os principais fornecedores de alfabetização na ponta.

A coordenação entre essas organizações e os departamentos de governo varia muito de um contexto para outro, mas é crucial para alcançar todos os grupos com necessidades de aprendizagem e para conseguir resultados sustentáveis. Fortalecer a coordenação é, portanto, um fator essencial – o melhor cenário é aquele onde há apoio mútuo (ver quadro Abordagem *faire faire*). A esse respeito, três questões importantes exigem atenção para que a qualidade e o escopo da alfabetização melhorem:

- **Coordenação:** o governo está em melhor posição para coordenar as ações, não insistindo na mesma abordagem para todos, mas permitindo que as instituições que atuam na alfabetização aprendam e complementem os esforços uns com os outros. Isso deve ocorrer transversalmente em todos os ministérios envolvidos, bem como na sociedade civil, no setor privado e em outros provedores de alfabetização.
- **Garantia de qualidade:** os governos têm a responsabilidade de estabelecer normas e fiscalizar sua aplicação, recebendo *feedback* dos múltiplos atores envolvidos.
- **Financiamento:** pode não haver um orçamento central para a alfabetização, por isso é importante que o governo aloque recursos suficientes para a alfabetização em todos os ministérios envolvidos. Da mesma forma, parceiros financiadores externos devem estar preparados para ver recursos de alfabetização canalizados por meio de um leque de organizações e intervenções.



© UNESCO/Michel Ravassard

Frequentemente a melhor maneira de realizar a coordenação e direcionar o financiamento é concentrar a atenção no nível local, descentralizando determinados aspectos do trabalho de alfabetização.

### **Descentralização da alfabetização: *faire faire***

Os especialistas reconhecem que a alfabetização de jovens e adultos tem mais êxito quando é relevante para o contexto e as necessidades dos alunos. A descentralização da alfabetização é uma forma de aproximá-la das comunidades, dos seus contextos e das línguas. A abordagem do *faire faire*, da expressão francesa «fazer com que alguém faça algo», terceiriza a alfabetização às organizações locais. O governo do Senegal, enfrentando diversas línguas e comunidades no país, estabeleceu o marco da política, aprovou as organizações executoras, montou processos de consulta e então forneceu recursos para grupos da sociedade civil e ONGs. Beneficiando-se de sua flexibilidade e agilidade, as organizações avaliaram as necessidades locais e depois implementaram programas e reportaram os resultados.

Os desafios, tais como a qualidade variável dos programas e algumas ineficiências no financiamento, exigiram respostas como a capacitação, monitoramento e avaliação adequados. A iniciativa não somente permite que o Senegal aumente o investimento na alfabetização de jovens e adultos, aproveitando os parceiros financiadores internacionais, mas também permite a integração da alfabetização com o planejamento e os programas de desenvolvimento locais.

Burquina Fasso, Mali, Marrocos e Níger também adotaram a abordagem *faire faire*.

---

### **Fontes e leitura adicional**

Diagne, A.W. et B.R.A. Sall. 2006. Eléments de bilan de la stratégie du 'faire faire' en alphabétisation. Document de travail de la Biennale de l'éducation en Afrique, Libreville, Gabon, 27-31 mars 2006. Association pour le développement en Afrique.



## Promovendo a alfabetização de qualidade

**A**s oportunidades de alfabetização para jovens e adultos precisam dedicar a mesma atenção à qualidade atribuída a outros aspectos da educação: educação básica de alta qualidade é um direito de todos aqueles que dela precisam – adultos, jovens e crianças. A baixa qualidade de algumas iniciativas de alfabetização faz com que os tomadores de decisão questionem o valor desse investimento; porém, isso deveria fazer com que os interessados fossem mais exigentes em relação à promoção da qualidade em todos os níveis.

As demandas por alfabetização são muito diversas e não há uma única abordagem ou método de alfabetização que possa atendê-las. Em nível macro, surgiram das Conferências Regionais de Apoio à Alfabetização Global e dos estudos realizados para a revisão da Década das Nações Unidas para a Alfabetização três componentes fundamentais para a melhoria da qualidade das iniciativas de alfabetização: políticas fortes, evidência do que funciona a partir de pesquisas bem fundamentadas e a capacitação de recursos humanos. Em nível programático, o planejamento deverá considerar o estabelecimento do arcabouço em nível macro.

## Definir o âmbito geral

**Políticas** claras (ver quadro) fornecerão um arcabouço no qual todos os atores poderão tornar a alfabetização eficaz e relevante para aprendizes em diversos contextos. Esse arcabouço evitaria que a alfabetização fosse pautada numa abordagem padronizada, centralizada, de cima para baixo, e seria então mais atento às circunstâncias locais. A seção anterior sobre *Elaborando políticas de alfabetização* entrou em mais detalhe sobre esse assunto. Sem políticas claras que facilitem a colaboração, há pouca chance de sucesso na ponta nas diversas dimensões específicas do trabalho com jovens e adultos.

### Em nível nacional, políticas claras de alfabetização irão:

- basear-se em dados confiáveis sobre os níveis de alfabetização e as necessidades das populações
- basear-se em evidência sólida sobre aquilo que funciona
- estabelecer arcabouços institucionais fortes
- promover ampla parceria e coordenação
- estabelecer padrões de qualidade
- respeitar os diversos contextos
- estabelecer relações com os outros aspectos de desenvolvimento
- estabelecer alfabetização no contexto de aprendizado ao longo da vida
- promover um ambiente de alfabetização rico e dinâmico
- fazer planejamento de monitoramento e avaliação

Políticas fortes são baseadas em **evidência** sólida do que funciona e do que não funciona. Há lições a serem aprendidas, tanto a partir dos sucessos quanto dos fracassos – a chave é assegurar que o aprendizado a partir da experiência ocorra de fato. Atualmente, não há pesquisa suficiente para fornecer evidência bem fundamentada para a formulação de políticas. Embora os governos, as organizações da sociedade civil e outros desenvolvam programas específicos, é mais difícil encontrar pesquisas sistemáticas. Os requisitos de pesquisa em alfabetização de adultos serão necessariamente diferentes entre os países. Há muitas áreas de alfabetização de jovens e adultos que poderão se beneficiar de pesquisa mais extensa e vigorosa, incluindo:

- Fatores em nível nacional: a otimização de políticas, estratégias de implementação, orçamentos e coordenação; respostas para a diversidade linguística e os diversos ambientes de alfabetização, incluindo alfabetização digital e TICs.
- Fatores no nível programático: para compreender o que contribui para a qualidade - incluindo conteúdo, abordagens pedagógicas, dinâmica de grupo, facilitadores, materiais, língua da educação, e outros aspectos.
- Finalidades da aprendizagem: para maximizar a relevância, a utilidade e o impacto dos programas da alfabetização.
- Análise de custos e benefícios: para informar necessidades de investimento e recursos, melhorar a qualidade do programa e demonstrar o impacto.
- Análise dos custos do analfabetismo para a sociedade e a economia.
- Sinergia entre a educação das crianças e a alfabetização de adultos: para entender os benefícios intergeracionais e a aquisição da leitura, e os impactos da educação primária expandida nos programas de alfabetização de adultos e no ambiente letrado.

## Uma seleção de pesquisas recentes sobre métodos de alfabetização e impacto

Cabello Martínez, María Josefa (Coord.) (2006). *Educación de personas jóvenes y adultas en Iberoamérica*. Madrid, RIEJA, Ministerio de Educación y Ciencia y Universidad Complutense de Madrid.

Cameron, J. and Cameron, S. (2005) 'Economic Benefits of Adult Literacy Interventions'. *Journal of Educational Planning and Administration*. Vol. XIX, No. 4, October 2005, pp 483-509.

Iversen, V., and Palmer-Jones, R. (2008). Literacy sharing, assortative mating, or what? Labour market advantages and proximate literacy revisited' *Journal of Development Studies*, Vol. 44, No. 6 (July 2008).

Maddox, B (2008) 'What good is literacy? Insights and implications of the capabilities approach' *Journal of Human Development* 9(2): pp. 185-206.

Michel, B. (2006) *Lutte contre l'illettrisme, formation de base des adultes et formation de leurs formateurs en Suisse romande : état de lieux*. Fondation pour le développement de l'éducation permanente (FDEP), Geneva

Planas, J. y J. Rifa (2003), *Consolidación y desarrollo de la formación continua en España*. Fundación Tripartita, Madrid.

Robinson-Pant, A (2008) "Why Literacy Matters": exploring a policy perspective on literacies, identity and social change' *Journal of Development Studies*, Vol. 44, No. 6 (July 2008).

Valerio, A. (2003) 'Estimating the Economic Benefits of Adult Literacy Programmes. The Case of Ghana'. *PhD Thesis*. Columbia University.

Evidências adicionais são fornecidas por meio de documentação e **intercâmbio de boas práticas**. Um programa de alfabetização que funciona em um contexto não funcionará necessariamente em outro. Por outro lado, a troca de experiências traz uma nova perspectiva e estimula novas abordagens. Por um lado, práticas em situações muito diferentes podem questionar os padrões existentes e estimular a mudança. Por outro lado, experiências em contextos similares podem trazer perspectivas altamente relevantes, e é por isso que o intercâmbio regional pode funcionar muito bem. As Conferências da UNESCO em Apoio à Alfabetização Global de 2007-2008 forneceram uma oportunidade útil para isso, e numerosos exemplos de boa prática de todas as regiões do mundo estão disponíveis no endereço eletrônico: <http://portal.unesco.org/educação>

Os Prêmios Internacionais de Alfabetização da UNESCO reconhecem esforços relevantes e inovadores no campo da alfabetização e da educação não formal em todo o mundo. Os três prêmios são:

o Prêmio Internacional da Associação de Leitura, o Prêmio Rei Sejong (Coreia), e o Prêmio Confúcio (China). Desde o início da UNLD, esses prêmios prestigiosos recompensaram projetos e programas de alfabetização – empreendidos por governos e por ONGs – em Bangladesh, Brasil, China, Cuba, Índia, Maurício, Marrocos, Moçambique, Nigéria, Paquistão, Senegal, Espanha, África do Sul, Sudão, Tanzânia, Turquia, e EUA.

**O desenvolvimento de capacidade** é um requisito essencial para a alfabetização de qualidade. Muitos programas de alfabetização funcionam por causa da motivação e do entusiasmo das pessoas envolvidas – frequentemente, da comunidade local, num compromisso com sua educação e desenvolvimento. As habilidades que os alfabetizadores trazem para seu trabalho são muitas vezes derivadas de sua experiência com o sistema de ensino formal, seja como professores, instrutores ou gestores. Entretanto, a alfabetização de jovens e adultos requer abordagens específicas, e a gestão desses programas é diferente daquela das escolas. No mundo de hoje, a escala da demanda por alfabetização e a complexidade dos programas requerem o desenvolvimento de uma capacidade maior no nível nacional – é essencial se afastar dos esquemas amadores e voluntários e adotar uma abordagem inteiramente profissional na alfabetização. O desenvolvimento da capacidade deve ocorrer no nível institucional e programático – ver a seção Desenvolvendo a capacidade para a alfabetização.

## Elaborando bons programas de alfabetização

Um bom programa de alfabetização deve ser acessível, relevante, útil e conduzir a resultados de aprendizagem que os participantes podem aplicar em suas vidas diárias e também para a aprendizagem adicional. A experiência mostra que a alfabetização de jovens e adultos deve reconhecer o conhecimento e experiência pré-existentes e construir em cima disso. Os bons programas evitarão tratar jovens e adultos como crianças – eles trazem experiência considerável de vida para o ambiente de aprendizagem e não raro exigem que as aulas sejam relevantes, com a possibilidade

de aplicar o conhecimento novo e as habilidades diretamente em suas vidas. Essas características significam que o contexto local da alfabetização é crucial – língua (ver a seção seguinte), cultura, relacionamentos sociais, atividade econômica, religião, história e esperanças e aspirações. Significa também que a posse e a gestão locais de programas de alfabetização são a melhor maneira de avançar.

Outro fator importante é a duração dos programas, em termos do número de horas de contato. Há modelos que afirmam que a alfabetização pode ser alcançada com um número relativamente limitado de horas de contato, o que reduz os custos. Entretanto, um estudo da ActionAid concluiu que a maioria dos programas de alfabetização de adultos de boa qualidade envolvem aproximadamente duas horas de contato em duas ou três vezes por semana, por aproximadamente dois anos ou mais – uma estimativa do processo inteiro atingindo aproximadamente 600 horas de contato em quase três anos.

## Qual método de alfabetização?

A primeira metade da Década da Alfabetização testemunhou muita inovação nas abordagens pedagógicas à alfabetização de adultos, e alguma consolidação das abordagens desenvolvidas na década de 1990. Hoje múltiplas abordagens pedagógicas são usadas em programas e campanhas de alfabetização de adultos. Todos têm seus méritos, bem como seus desafios. Nenhum método pode ser considerado o mais apropriado a ser adotado por todos. Abaixo são apresentados exemplos de métodos existentes:

- Alfabetização inicial: inclui abordagens baseadas nas cartilhas convencionais, alfabetização da família, como a Reading with Children da Save the Children americana, por exemplo, no Paquistão, Bangladesh e Afeganistão.
- Abordagens de Alfabetização Comunitária e Alfabetização Social: trabalhando com grupos específicos e suas necessidades de desenvolvimento, por exemplo, na Índia e no Nepal.
- Reflect: com foco em círculos locais de aprendizagem, mobilização comunitária e geração de materiais locais, em pelo menos 55 países.

- Métodos fundamentados no método Laubach de cada um ensina um, por exemplo, em Bangladesh.
- O método cubano Yo sí puedo, que combina radio/TV e a educação sistematizada em alguns países da América Latina e outras regiões.
- Alfabetização Crítica e Alfabetização Jurídica: combinando a alfabetização com outras habilidades para a participação social, na Escócia, Índia, Nepal, Nigéria e Serra Leoa.
- Alfabetização intercultural e multilíngue: combinando a alfabetização e aprendizado de outra língua com a exploração cultural, por exemplo, na Bolívia, Equador, México, Paraguai, Peru, Filipinas, Senegal e África do Sul.

### Qualidade: não se trata apenas do método!

Nenhum método de alfabetização é adequado a todos os contextos, e outros fatores têm também um impacto no sucesso dos programas de alfabetização. Estes incluem:

- características dos alunos*
- níveis da participação do aluno*
- treinamento dos facilitadores*
- níveis de financiamento*
- língua(s) da alfabetização*
- duração da educação*
- ambiente letrado*
- atividades de empoderamento das mulheres*
- articulação com atividades mais amplas, tais como treinar vocacional ou de subsistência*
- mobilização da comunidade*

Em consequência, somente um método bom não pode garantir resultados de aprendizagem de qualidade.

Algumas abordagens adotam uma modalidade de campanha, enquanto outras envolvem programas nacionais, ou iniciativas comunitárias. Há abordagens que incluem o uso de novas tecnologias da informação, e métodos especializados desenvolvidos para trabalhar com pessoas portadoras de deficiência, dificuldades de aprendizagem e dislexia. Programas familiares e intergeracionais têm tido sucesso, por exemplo, no Paquistão, Turquia e EUA.

## Conhecendo as necessidades dos alunos

O *South African NGO Operation Upgrade*, vencedor do Prêmio Internacional Confúcio de Alfabetização da UNESCO em 2008, descreve sua abordagem para garantir que as necessidades dos alunos de alfabetização sejam atendidas:

Os educadores trabalham por intermédio de estruturas comunitárias e órgãos de desenvolvimento locais para recrutar alunos. Também vão de casa em casa buscá-los. O processo de matrícula envolve uma primeira reunião com os alunos, para explicar como será a alfabetização. O conhecimento existente dos alunos é estabelecido por meio de uma avaliação escrita que identifica o grau de alfabetização da língua-materna – ou ausência de alfabetização – e de habilidades na língua inglesa. Descobrimos o que motiva os alunos a permanecerem no programa:

- Temas de aula de interesse para eles
- Lições bem organizadas
- Aulas com bastante participação
- Projetos de geração de renda – essenciais
- Educadores oriundos da comunidade local, que podem acompanhar a situação dos alunos que faltam e incentivá-los a retornar às aulas

A maioria dos alunos desenvolve habilidades de alfabetização da língua-materna primeiramente, até um ponto em que conseguem escrever uma carta fluente e ler um texto em nível equivalente a um jornal na língua-materna. Depois continuam aprendendo inglês coloquial e o domínio das operações matemáticas básicas, ensinados em sua própria língua. Mas as aulas têm muitos outros tópicos...

## Avaliando a aprendizagem efetiva

A 'avaliação formativa' (ver quadro) surgiu como uma maneira útil de avaliar a aprendizagem e melhorar o processo. A abordagem também se estende à avaliação de quanto e quão bem os adultos aprendem. Eles trazem suas experiências de vida ao ambiente de aprendizagem, e abordagens de ensino/aprendizagem efetivas aproveitam esse conhecimento. Uma abordagem interativa e facilitadora demonstrou seu valor em muitos contextos. Se por um lado é importante em contextos particulares avaliar, e possivelmente certificar, os resultados ao final do ciclo de aprendizagem, é igualmente importante certificar-se de que os adultos assumam a responsabilidade por seu próprio progresso e de que tenham noção real sobre o tipo de processo de aprendizagem que melhor atende suas necessidades.

## Participação da comunidade

As comunidades participam da alfabetização não meramente como alunos, mas também em papéis de gestão. Podem selecionar facilitadores, escrever materiais, determinar conteúdos ou organizar o programa. Na Ásia, os Centros Comunitários de Aprendizagem (CLCs) forneceram um foco para a participação da comunidade em 22 países. Como instituição educacional local fora do sistema de educação formal, os centros oferecem oportunidade para que as pessoas se alfabetizem junto com a aquisição de outras habilidades, e podem transformar-se em um foco para atividades de desenvolvimento. Geralmente, as pessoas estabelecem e gerenciam esses centros em nível local, assegurando um forte sentimento de pertencimento com relação às atividades oferecidas neles. Em termos de programas de alfabetização, os CLCs oferecem uma possibilidade melhor de se alinhar mais fortemente a alfabetização com prioridades locais de desenvolvimento, aumentando assim sua relevância e valor.

*A avaliação formativa se refere à avaliação frequente da aprendizagem e do progresso para identificar necessidades e moldar o ensino.*

Janet Looney. 2008. *Teaching, Learning and Assessment for Adults: Improving Foundation Skills*. Paris, OCDE

Em 17 países da Ásia e do Pacífico, os Centros de Recursos de Alfabetização (LRCs) para meninas e mulheres desenvolvem materiais e estratégias de alfabetização e NFE inovadores e fornecem oportunidades de informação e treinamento para a alfabetização e NFE a ONGs, organizações do governo e trabalhadores em campo. Os Centros são integrados em organizações locais, com apoio do Centro Cultural Ásia/Pacífico para a UNESCO (ACCU), no Japão.



### **Pertencimento comunitário no Afeganistão**

O programa de alfabetização em Pashai é firmemente ancorado na liderança local da comunidade e gerido por meio de uma rede de estruturas locais. O projeto de alfabetização visa fortalecer essas estruturas comunitárias para coordenar eficazmente programas de alfabetização em conjunto com a comunidade e o governo. Nesse espírito, o Comitê da Língua Pashai iniciou o planejamento para o programa de desenvolvimento da alfabetização e da língua Pashai e assumiu a responsabilidade de coletar e atualizar materiais em Pashai. Também trabalha para melhorar o sistema de escrita em Pashai e revisa livros-texto para edição. Os membros do Comitê discutem quantas turmas de alfabetização devem ser abertas nas diferentes localidades, e o número de turmas para homens e mulheres. O comitê também incentiva os membros de comunidade a se matricularem no programa de Pashai. O comitê da língua Pashai, junto com pessoas idosas e professores locais, iniciou as aulas de Pashai em 2006, e em junho de 2007, havia 21 turmas - 14 para meninos, duas para meninas e cinco para mulheres.

A alfabetização de qualidade requer uma abordagem inteiramente profissional com atenção para as muitas dimensões focalizadas acima, e para as conexões entre elas. Não há nenhum atalho para a alfabetização que atenda as necessidades e os contextos dos alunos e ofereça-lhes habilidades relevantes, úteis e sustentáveis. A mensagem é clara: a alfabetização da mais alta qualidade exige que os formuladores de políticas, os planejadores e os técnicos deem atenção consistente e abrangente aos fatores no nível macro e às modalidades e métodos dos programas.

---

### *Fontes e leitura adicional*

ActionAid. 2007. Writing the Wrongs. Call for Action. <http://www.actionaid.org/assets/pdf/Writing%20the%20Wrongs-ABUJA%20Call%20for%20Action.pdf>

Looney, Janet. 2008. Teaching, Learning and Assessment for Adults: improving foundation skills. OECD: Paris.

Community Learning Centres: [www.unescobkk.org](http://www.unescobkk.org)

Asia/Pacific Cultural Centre for UNESCO: [www.accu.or.jp/en](http://www.accu.or.jp/en)



## A questão da língua

A alfabetização é uma atividade que se baseia na língua, e em contextos que envolvem mais de uma língua, surge a pergunta: que língua usar para a alfabetização? Há um consenso que a alfabetização se dê na primeira língua ou na língua que o aluno conhece melhor. Também é consenso que isso propicia maior possibilidade à posterior alfabetização em outras línguas. O documento da UNESCO *Education in a multilingual world* (Educação em um Universo Multilíngue) apoia essas abordagens.

Em ambientes multilíngues, as políticas frequentemente propõem a alfabetização na língua-materna, mas há questões práticas a serem consideradas: as línguas que não têm alfabeto, custo elevado, populações pequenas, falta de materiais escritos e de facilitadores treinados. Entretanto, alguns países, frequentemente trabalhando em conjunto com ONGs no nível comunitário, encontraram formas de superar tais obstáculos. A Papua Nova Guiné foi pioneira na adoção do princípio de que a língua vernácula (há mais de 850) deve ser a língua inicial para a instrução de crianças e adultos no processo de alfabetização e domínio das operações matemáticas básicas. Os cidadãos são incentivados a serem alfabetizados em sua própria língua e em uma das duas línguas nacionais, Tokpisin ou Hiri Motu. Na Tailândia, estão testando o piloto de um currículo bilíngue que ensina primeiro P'wo Karen e depois, Thai, em resposta às demandas da comunidade. O Programa Muthande de Alfabetização na África do Sul desenvolveu uma abordagem de alfabetização em duas línguas, zulu e inglês, atendendo às demandas das práticas diárias dos participantes que mudam de uma língua para outra até dentro da mesma frase.

O pluralismo linguístico é a norma em várias partes do mundo, o que requer abordagens multilíngues bem desenhadas para a alfabetização. Contudo, os processos que envolvem aprender uma língua e ser alfabetizado são diferentes. O primeiro passo é a alfabetização na língua do aluno, e depois o ensino da língua adicional que os participantes do programa

querem aprender, utilizando-se métodos de aprendizagem apropriados para esses processos diferentes.

Quando se desenham programas de alfabetização eficazes em um ambiente multilíngue, é essencial compreender como as pessoas utilizam

as diferentes línguas em sua comunicação diária, tanto na forma oral quanto na escrita, e quais são suas atitudes em relação às diferentes línguas. Em situações de línguas indígenas ou de minorias, é particularmente importante consultar as comunidades locais para estabelecer relações entre os alfabetizadores e as instituições e atividades locais.

A produção e autoria de materiais no nível local devem ser a base para o desenvolvimento sustentável do ambiente letrado (ver a seção Ambientes Letrados abaixo) e para a incorporação do conhecimento local como conteúdo de aprendizagem. As abordagens multilíngues da alfabetização implicam a formulação de políticas de língua nacional apropriadas por parte dos governos, e promoverão o uso apropriado e mais relevante das línguas no processo de alfabetização ao fornecer marcos, diretrizes e financiamento para iniciativas locais, e não um programa fixo ou padronizado.

### Trabalhando com várias línguas

Na Indonésia, a *SIL International* desenvolveu uma abordagem em três partes de apoio à alfabetização em ambientes multilíngues que inclui estratégias para produção de materiais em línguas de minorias:

1. Livros pré-formatados em editoração eletrônica, que facilitam a inclusão da língua local, e a produção de materiais de leitura acessíveis em tópicos de interesse.
2. Os alunos da alfabetização também podiam criar livretos em sua língua-materna, baseados em suas próprias histórias, artesanato, receitas e outros aspectos de seu cotidiano.
3. Para as línguas locais faladas e não escritas, o SIL iniciou um processo participativo de desenvolvimento de alfabetos por meio das Oficinas de Criação de Alfabetos.

---

## Fontes e leitura adicional

*Current Issues in Language Planning* 5(1). 2004. *Special Issue on language and literacy topics.*

Kosonen, K., Young, C. and Malone, S. 2007. *Promoting literacy in multilingual settings.* Bangkok, UNESCO.

Ringenberg, K. 2007. *Literacy in a multilingual context.* UNESCO Regional Conferences in Support of Global Literacy; 31 July – 1 August 2007, Beijing, China.

Robinson, Clinton. 2007. *Context or key? Language in four adult learning programmes* *International Journal of Educational Development* 27(5): 542-551

UNESCO. 2003. *Education in a Multilingual World.* UNESCO Education Position Paper. Paris, UNESCO.

UNESCO 2007. *Advocacy Kit for Promoting Multilingual Education: Including the Excluded.* Bangkok, UNESCO Bangkok.

UNESCO 2007. *Mother Tongue-based Literacy Programmes: Case Studies of Good Practice in Asia.* Bangkok, UNESCO Bangkok.

Young, Catherine and Carl Grove. 2007. *Promoting and Delivering Literacy in Multilingual Environments.* UNESCO Sub-Regional Conference in Support of Global Literacy; 29-30 November 2007, New Delhi, India.

# Desenvolvimento de capacidades para a alfabetização

Conforme indicado em muitos encontros internacionais, tais como as conferências regionais da UNESCO em apoio à alfabetização global realizadas em 2007-2008, há três áreas que se beneficiariam de uma abordagem sistemática do desenvolvimento de capacidades:

## *Capacidade institucional*

O trabalho sustentável na alfabetização depende em parte da visão, dos recursos e da capacidade das instituições coordenadoras. Para a alfabetização, esta pode ser uma questão complexa, já que frequentemente envolve mais de um órgão de governo, em conjunto com diferentes organizações não governamentais e comunitárias. É preciso desenvolver capacidades dentro do governo para assegurar o planejamento, a gestão e o controle de qualidade, enquanto no nível dos programas, são as organizações da sociedade civil ou outros executores que requerem diferentes capacidades para realizar o trabalho de alfabetização. Para garantir a capacidade institucional, é essencial capacitar a equipe para passar adiante habilidades de alto nível em gestão e planejamento, orientação e treinamento.

O foco deve estar no nível nacional – com apoio para a integração da alfabetização às estratégias de desenvolvimento e educação. Na implementação de programas de alfabetização, a ênfase deve estar no desenvolvimento de capacidades em todos os aspectos do processo – desde o desenvolvimento de conteúdos, produção de materiais e treinamento de facilitadores, até a gestão, monitoramento, avaliação, pesquisa e planejamento. Nesse sentido, a cooperação produtiva entre sociedade civil e governos poderá agregar valor, com base na comunicação frequente e aberta e no apoio mútuo.

## *Capacidade dentro dos programas*

O desenvolvimento de capacidades dentro do programa inclui várias outras habilidades e níveis:

- Gerentes: planejar o programa em um município ou estado, mobilizar recursos, manter-se a par dos dados do programa, monitorar a qualidade da facilitação e da aprendizagem, e produção de relatórios.
- Supervisores: apoiar e incentivar os facilitadores, *feedback* e monitoramento sobre a implementação do programa, promover a apropriação por parte da comunidade,

coordenação com outras iniciativas de desenvolvimento, coletar dados de campo sobre progresso.

- **Facilitadores:** atores-chave para a alfabetização eficaz, facilitadores bem treinados são cruciais para o sucesso de qualquer programa (ver abaixo).
- **Escritores:** capazes de produzir materiais para aprendizado, entretenimento, ensino de habilidades e técnicas úteis, e de documentar a vida, a cultura e a história locais.
- **Editores e distribuidores de materiais:** edição local com uso de tecnologias apropriadas, e distribuição por meio de canais e redes locais.

A formação de redes, relações comunitárias, contabilidade, coleta e análise de dados, e redação de relatórios também fazem parte do conjunto de habilidades necessárias para o trabalho de campo eficaz.

## Treinando e motivando facilitadores

O sucesso de programas de alfabetização depende em grande parte dos facilitadores, e a eficiência deles depende de treinamento e supervisão regular. Entretanto, os facilitadores da alfabetização representam um dos grupos de educadores menos apoiados ao redor do mundo. Eles recebem pouca - quando alguma - remuneração regular, baixa estabilidade no emprego, têm escassas oportunidades de treinamento e pouco apoio profissional continuado. Esta é uma base inadequada para grandes melhorias na alfabetização de adultos.

Os facilitadores da alfabetização constituem um grupo diverso. A grande maioria, especialmente em países em desenvolvimento, vem das próprias comunidades onde o programa de alfabetização se situa. Geralmente não têm qualificação formal ou experiência prévia de ensino. Muitos não são remunerados. Um segundo grupo é constituído por professores primários qualificados que dão aulas para adultos após sua jornada de trabalho nas escolas, mas não têm treinamento específico para alfabetizar adultos. Os facilitadores precisam de treinamento e *status* profissional. O voluntariado faz uma contribuição valiosa, mas provavelmente insustentável. Pode-se observar

uma lenta tendência em direção à profissionalização, especialmente em países desenvolvidos com treinamento profissional de longo prazo e exigências de qualificações para entrada de facilitadores nos programas de alfabetização.

Professores e facilitadores motivados, respeitados, apoiados e supervisionados são cruciais para o sucesso de programas de alfabetização.

### Reconhecendo e apoiando facilitadores

Três dos doze *benchmarks* de alfabetização de adultos promovidos pela Campanha Global pela Educação e a ActionAid e apoiados por muitas ONGs no mundo inteiro se referem a facilitadores de alfabetização:

- Facilitadores devem receber pelo menos o equivalente ao salário básico de um professor de escola primária por todas as horas trabalhadas.
- Facilitadores devem receber treinamento inicial substancial, treinamentos de atualização regulares, e ter oportunidades de desenvolvimento profissional.
- Facilitadores devem trabalhar com grupos de não mais de 30 alunos e deve haver pelo menos um instrutor/supervisor para grupos de 15 alunos.

## Capacidades para pesquisa e avaliação

As capacidades de pesquisa variam consideravelmente entre países e regiões. Isso fica ainda mais evidente ao se comparar o alto investimento e as capacidades de pesquisa sobre alfabetização na América do Norte e na Europa, onde há centros de pesquisa e periódicos acadêmicos, com recursos de muitos países em desenvolvimento. Em escala global, é preciso melhorar a capacidade de pesquisa para investigar todos os aspectos da alfabetização de adultos. O progresso na área requer uma grande mudança de abordagem, desde a alocação de fundos de pequeno porte dentro dos programas de alfabetização de adultos para 'monitoramento e avaliação', até o investimento em grande escala em programas de pesquisa da alfabetização e em processos de desenvolvimento institucional. Na maioria dos casos, requer colaboração continuada entre alfabetizadores, universidades, e outras instituições de pesquisa especializadas, tais como agências de estatística do governo.



Tratar o enorme desafio da alfabetização global exige uma abordagem inteiramente profissional em todos os níveis e em todas as áreas de expertise. O desenvolvimento de capacidades requer esforços vigorosos e novos investimentos – o desenvolvimento de capacidades inadequado e que foca apenas no curto prazo é uma das principais razões para a falta de progresso na alfabetização. Não há atalhos baratos para o profissionalismo.

---

### *Fontes e leitura adicional*

Rogers, A. 2006. Training Adult Literacy Educators in Developing Countries. Background paper prepared for the UNESCO EFA Global Monitoring Report 2006: Literacy for Life. [http://portal.unesco.org/education/en/files/43496/11315414901Rogers\\_A.doc/Rogers\\_A.doc](http://portal.unesco.org/education/en/files/43496/11315414901Rogers_A.doc/Rogers_A.doc)

Singh, Madhu and Veronica McKay (eds). 2004. Enhancing Adult Basic Learning: Training Educators and Unlocking the Potential of Distance and Open Learning. UIE and UNISA.

UNESCO. 2001. Handbook on Effective Implementation of Continuing Education at the Grassroots. Bangkok, UNESCO Bangkok.

UNESCO. 2002. Guidebook: Video Package for Não formal Education Facilitators. Bangkok, UNESCO Bangkok.

UNESCO. 2004. Training Guide and Training Techniques. Bangkok, UNESCO Bangkok.

# Ambientes letrados

O ambiente letrado é um conceito que está sendo usado para evocar o contexto maior no qual as pessoas adquirem e usam suas habilidades de leitura e escrita. Isso inclui o que as pessoas escrevem e lêem; refere-se a quem produz, publica e distribui textos e materiais e como e por que o fazem; trata das instituições que promovem a alfabetização, bem como as finalidades, línguas, alfabetos, modalidades e métodos de alfabetização. Ou seja, o conceito é uma maneira de compreender e descrever o que significa ser alfabetizado e quais as conexões mais amplas da alfabetização. O ambiente letrado é uma ideia expansível – que oferece maneiras de pensar sobre os diferentes aspectos da promoção da alfabetização de maneira integrada.

A noção de um ambiente letrado rico e dinâmico foi uma das três propostas do Relatório de Monitoramento Global de EPT de 2006, como parte da estratégia necessária para tratar o desafio da alfabetização de forma sistemática. Situada dentro do conceito maior de 'sociedade alfabetizada', considerou-se que a ação para enriquecer o ambiente letrado deve incluir o apoio a bibliotecas, jornais em língua local, publicação de livros, e outras ações relacionadas. Isso reflete a preocupação de que as pessoas não apenas adquiriram competências de leitura e escrita, mas tenham meios e oportunidades de usá-las e mantê-las de forma significativa.

Até o momento, as políticas de alfabetização geralmente não têm se concentrado no ambiente letrado, e é preciso dedicar esforços para compreender como as políticas podem incluir uma visão mais ampla que trate o ambiente letrado de maneira integrada. Como ponto inicial, os formuladores de políticas precisariam de respostas pelo menos para as seguintes perguntas em um dado contexto, embora esta não seja uma lista exaustiva:

- O que as pessoas leem? Com que finalidades – aprendizado, informação, entretenimento, comunicação? Quem lê?
- A alfabetização dá acesso a quê? Emprego e trabalho? Um trabalho melhor? Novas ferramentas de mídia e comunicação? Capacidade de reivindicar direitos e serviços?
- O que as pessoas escrevem? Quem escreve? Como o material é publicado ou disseminado? Em meio eletrônico ou impresso? Quem controla os canais de publicação e distribuição?
- Como as pessoas são alfabetizadas? Em que instituições? Quem alfabetiza e por quê?
- Em que línguas e alfabetos as pessoas são alfabetizadas? Quais os propósitos da alfabetização em diferentes línguas? Como se dá a alfabetização em diferentes línguas? Quais são os padrões de gênero no uso da alfabetização em diferentes línguas?

A noção de um ambiente letrado tem também a flexibilidade de ser aplicada em qualquer nível: individual, familiar, comunidade/distrito/cidade, e para um país inteiro. Em contextos específicos, a promoção de um ambiente letrado depende da compreensão de como os diferentes grupos da população definem as finalidades e os usos da alfabetização para si próprios.

As perguntas acima estão relacionadas a várias esferas da vida – educação, trabalho, comunicação, mídia, e outras – e, em termos de políticas, estão sob a responsabilidade de diferentes órgãos de governo. Consequentemente, a promoção de um ambiente letrado mais rico e mais dinâmico é um empreendimento complexo – trabalhar com essas múltiplas dimensões e promover a cooperação necessária para fazê-lo é um desafio chave para a promoção da alfabetização no mundo contemporâneo.

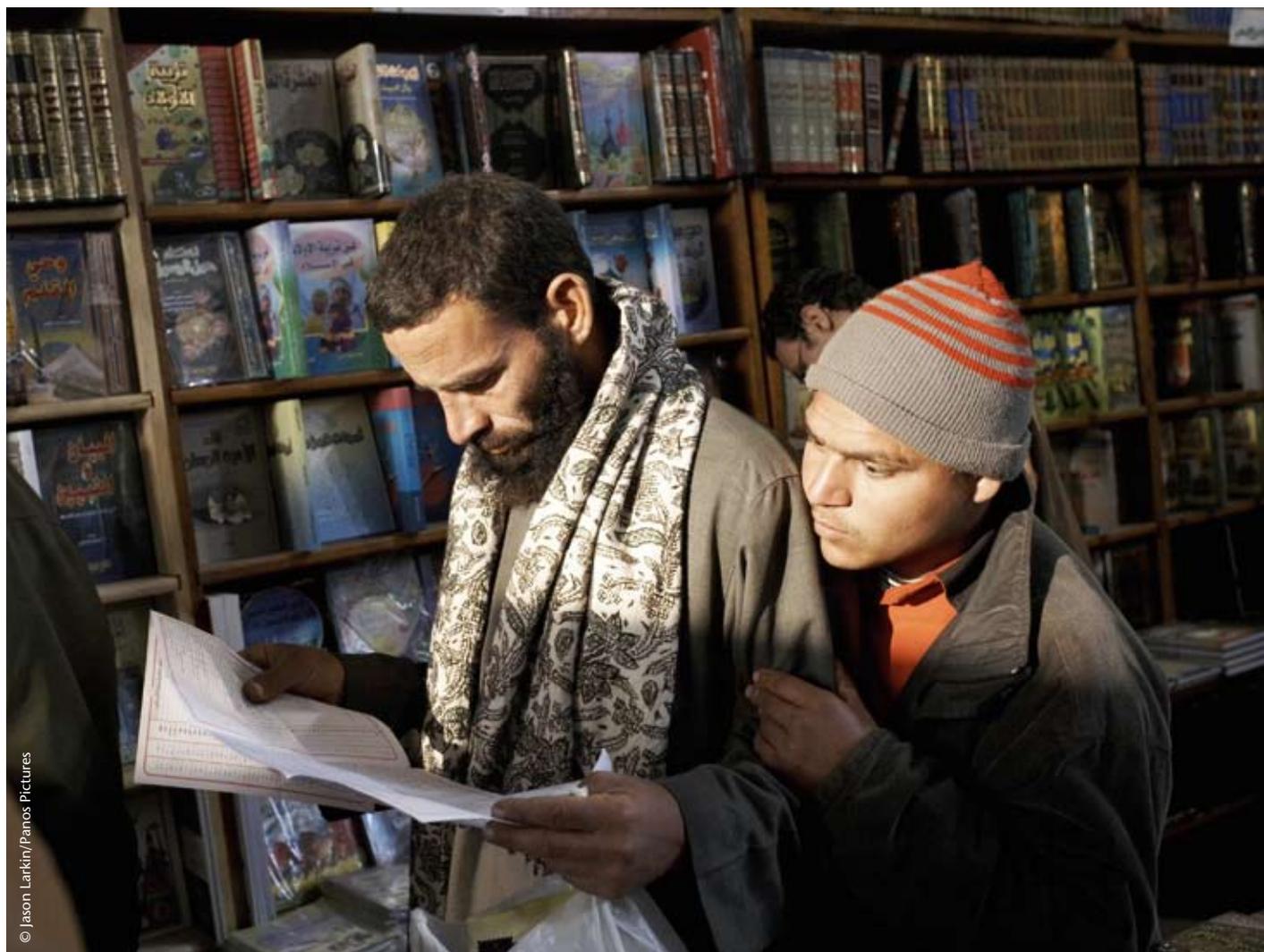
## Algo para ler

O que podemos ler? Essa é uma pergunta comum de adolescentes, jovens e adultos que passam pelos programas de alfabetização, muitas vezes ecoada pelos organizadores dos programas. A disponibilidade – ou falta – de materiais que as pessoas queiram ler é um parâmetro chave para o enriquecimento do ambiente letrado.

Às vezes não há disponibilidade de material culturalmente apropriado para os alunos, ou os livros são muito caros. Em línguas sem uma longa tradição escrita pode ser que simplesmente não existam materiais de leitura. É claro, a leitura e a escrita melhoram com a prática. Assim, oportunidades de leitura e produção de materiais escritos são

*A alfabetização não pode sustentar o desenvolvimento quando é permitido que ela própria perca o vigor e morra pela falta de materiais.*

Koichiro Matsuura  
Diretor-geral  
UNESCO



© Jason Larkin/Panos Pictures

fundamentais para a alfabetização continuada de indivíduos e comunidades. Disponibilizar materiais de leitura é uma estratégia-chave no desenvolvimento de um ambiente letrado rico – possibilitar que os alunos produzam seus próprios materiais e se tornem escritores ajuda a assegurar que o ambiente letrado seja dinâmico, motivando-os a ler e escrever.

Para jovens e adultos recentemente alfabetizados, o material deve ser relevante e familiar, com novos conceitos e linguagens sendo introduzidos subsequentemente. Assim, a produção local de materiais pelas próprias comunidades é um passo importante, especialmente para o aprendizado inicial de alunos totalmente analfabetos. Oficinas para treinar escritores locais em diferentes tipos de literatura mostraram-se uma estratégia valiosa. Materiais Produzidos pelos Alunos (LGM) agora podem ser rapidamente editados e reproduzidos com a utilização de programas de computador, e traduzidos para línguas locais ou formatos bilíngues. Podem incluir a transcrição de testemunhos locais, canções, folclore, épicos e histórias, por exemplo. Exemplos incluem o uso de testemunhos de alunos no Egito, a produção de materiais em CD no Nepal para permitir a adaptação local de acordo com a variação linguística e cultural, e o Reflect em que a produção participativa do material é parte fundamental do método.

*A alfabetização só pode ser mantida se houver uma fonte adequada de material de leitura, para adolescentes, adultos e crianças, tanto para entretenimento como para estudo.*

Educação em um Mundo Multilíngue.  
UNESCO 2003

A produção de materiais de forma flexível requer novas capacidades no nível local e, consequentemente, precisa ser parte do planejamento de treinamento, financiamento, gestão e execução do programa. Isso requer uma mudança: de materiais e currículos centralizados e autorizados nacionalmente para uma abordagem mais diversa e responsiva.

No projeto de alfabetização Tharu no sul do Nepal, as classes de alfabetização são implantadas apenas onde há um forte desejo por parte da comunidade. Com base em toda uma metodologia que leva em conta as línguas, as aulas usam materiais criados pela equipe e pelos participantes do projeto. Os materiais para o programa, na língua local, incluem livros grandes (para a leitura coletiva), canções que refletem a cultura e o conhecimento locais, ouvir histórias, materiais de construção de palavras e sentenças, e materiais de leitura nepalês. Os materiais cobrem temas que são relevantes no nível local, tais como o desenvolvimento de habilidades básicas, negócios, saúde, saneamento, e a cultura Tharu.

Muitos métodos de ensino para a alfabetização agora defendem o uso de materiais literários autênticos, da vida real – que as pessoas precisam ou querem ler em seu cotidiano. Esses usos reais da alfabetização e dos materiais envolvem cada vez mais o uso de computadores e outras formas de tecnologia digital, a exemplo dos telefones celulares.

---

## Fontes e leitura adicional

Chhetri, Nalini. 2008. Literate Environment: Potential and Challenges. Background Paper for the UNLD mid-Decade Review.  
Easton, Peter. 2008. Analyzing Literacy Environments in Africa. Background Paper for the UNLD mid-Decade Review.



## Avaliando os níveis de alfabetização

O desenvolvimento de políticas de alfabetização relevantes requer conhecimento profundo sobre o nível de alfabetização da população como um todo e dos diversos grupos que a compõem. Com a utilização de um conceito consistente do que significa a alfabetização para jovens e adultos, uma compreensão clara dos níveis das habilidades de leitura e escrita tornará os programas mais eficientes.

No entanto, em muitos países, os níveis de alfabetização são avaliados por meio de dados censitários ou com o uso de indicadores indiretos, como o número de anos de escolaridade. Tais métodos conduzem a estatísticas duvidosas quanto aos níveis de alfabetização em uma população. Tornou-se evidente que o número de anos de escolaridade é um indicador inadequado para os resultados da alfabetização, particularmente em contextos de educação de baixa qualidade. Da mesma forma, simplesmente perguntar às pessoas se elas ou os membros adultos de sua família sabem ler ou escrever – como acontece com frequência nos censos – oferece pouca informação sobre como as pessoas realmente usam as habilidades de leitura e escrita e as operações matemáticas básicas, ou se de fato são capazes de usá-las em suas vidas diárias. No momento, aceita-se que a alfabetização e as habilidades e competências básicas fazem parte de um processo contínuo de aprendizagem e são definidas segundo contextos sociais e culturais. Por essas razões, continua a existir uma mudança em direção à avaliação direta: com a utilização de pesquisas domiciliares por amostragem para testar o grau de alfabetização das pessoas. Esses métodos fornecem maior riqueza de informação quanto às capacidades e desigualdades na alfabetização. O aperfeiçoamento da avaliação da alfabetização conduz a um melhor mapeamento das necessidades, melhor formulação de políticas e monitoramento mais confiável dos impactos dos programas de alfabetização.

Tendências atuais da mensuração da alfabetização – por exemplo, a Pesquisa Internacional sobre a Alfabetização de Adultos (IALS), a Pesquisa de Habilidades de Leitura e Escrita e de Vida de Adultos (ALL), ou o Programa de Monitoramento e Avaliação da Alfabetização (LAMP) – focam na avaliação de diferentes níveis e tipos de competências. Em vez de simplesmente contar aqueles que frequentaram a escola ou programas de alfabetização, esses métodos observam o uso aplicado das habilidades na

vida cotidiana – variando desde determinar se as pessoas são capazes de ler jornais, placas simples, ou escrever uma carta, até participar eficazmente em sociedades de conhecimento da atualidade e na vida econômica, política e social. A avaliação da alfabetização evoluiu para além da dicotomia alfabetizado/não alfabetizado e agora sugere outros níveis intermediários.

A mensuração dos graus de alfabetização e das competências básicas também deve levar à obtenção de informações sobre as necessidades de aprendizagem das diferentes populações alvo. Os programas de alfabetização de adultos não objetivam simplesmente alfabetizar pessoas, mas permitir que alcancem graus apropriados de alfabetismo funcional adequados às exigências de suas vidas cotidianas. Descobrir exatamente quem tem qual grau de alfabetização é importante para a elaboração de programas de alfabetização, e isso requer informação detalhada, apropriada, e dados robustos. É igualmente importante determinar as necessidades relevantes de aprendizagem – o que requer também o reconhecimento, a validação e a certificação dos aprendizados práticos e prévios, como também da aprendizagem não formal e informal.

### **Avaliação da OCDE sobre a alfabetização de adultos**

A Pesquisa Internacional sobre a Alfabetização de Adultos (IALS) é a maior pesquisa comparativa sobre a alfabetização de adultos já realizada até então (1994-1998). Foi desenhada para fornecer aos países participantes informações sobre as habilidades de leitura e escrita e domínio das operações matemáticas básicas de suas populações adultas. Um estudo comparativo mais recente foi a Pesquisa de Habilidades de Leitura e Escrita e de Vida para Adultos (ALL, 2005). A Pesquisa mede o grau de alfabetização de adultos em textos em prosa, esquemáticos (documentos), com informações numéricas e habilidades de resolução de problemas por meio de cinco níveis amplos de proficiência. O nível 3 tem sido considerado o mínimo apropriado para lidar com as demandas do mundo do trabalho e da vida diária. A pesquisa examina o impacto de habilidades deficientes no engajamento cívico, na saúde e na participação econômica. Demonstra, por exemplo, que os indivíduos que se encontram nos níveis 1 e 2 (o piso da escala), no domínio das operações matemáticas básicas, têm duas ou três vezes mais chance de ficarem fora da força de trabalho por seis ou mais meses do que aqueles com pontuação mais elevada.

A OCDE está desenvolvendo um Programa para Avaliação Internacional das Competências de Adultos (PIAAC) buscando avaliar a alfabetização na era da informação, compreendida como “o interesse, a atitude e a habilidade dos indivíduos para utilização apropriada de ferramentas socioculturais, incluindo ferramentas de tecnologia digital e de comunicação, para acessar, gerir, integrar e avaliar informações, construir novos conhecimentos, e se comunicar com os outros” (página da internet da OCDE – ver abaixo). O programa entrará em operação em 2011.

## O Programa de Avaliação e Monitoramento da Alfabetização (LAMP)

No início da Década para a Alfabetização, o Instituto de Estatística da UNESCO em Montreal iniciou o LAMP, precisamente para melhorar os dados sobre a alfabetização. O programa tem três objetivos principais:

1. Desenvolver uma metodologia para produção de dados de qualidade sobre a distribuição das habilidades de leitura e escrita de adultos e jovens em países em desenvolvimento. A metodologia, baseada na abordagem da avaliação direta, oferece uma visão detalhada sobre as populações com níveis de alfabetização insuficientes.
2. Obter dados de alta qualidade sobre a alfabetização e promover o uso eficaz desses dados na formulação de políticas nacionais, no monitoramento e elaboração de intervenções apropriadas para melhorar os níveis de alfabetização.
3. Desenvolver capacidades nacionais de mensuração da alfabetização, usando dados e metodologias do LAMP.

Atualmente, o programa está terminando a fase piloto em cinco países: El Salvador, Mongólia, Marrocos, Níger e nos Territórios Autônomos Palestinos. Além disso, o Quênia concluiu uma pesquisa sobre a alfabetização em 2006 inspirada no LAMP. Diversos outros países – incluindo Jordânia, Paraguai, Peru e Vietnã – também expressaram seu interesse pelo LAMP.

## O LAMP no Marrocos

Em países como o Marrocos, onde os baixos níveis de alfabetização são evidentes, a determinação precisa da porcentagem e do número de pessoas com habilidades de leitura e escrita deficientes não basta para os responsáveis pela elaboração de programas de alfabetização. O que mais interessa a esses tomadores de decisões é a descrição e o perfil detalhados da população envolvida.

A atual arquitetura do LAMP oferece meios de alcançar um objetivo duplo: 1) fornecer informações precisas sobre a distribuição dos níveis de alfabetização na população total de adultos por meio da construção de uma escala de alfabetização, e 2) fornecer uma descrição detalhada sobre a população com graus de alfabetização mais baixos. Os dois objetivos são sequenciais e complementares. A construção de uma escala de alfabetização permite uma avaliação da população com habilidades deficientes – aquelas na parte inferior da escala. Então um módulo de “componentes básicos” se concentra nessas pessoas e em fornecer um perfil detalhado dessa população em termos de desempenho nas diferentes tarefas com componentes básicos. Por sua vez, é possível fazer um ajuste fino nos programas de alfabetização em termos de local de residência e de características individuais da população em questão, como gênero ou emprego.

Iniciativas atuais de avaliação dos níveis de alfabetização oferecem possibilidades interessantes para tornar os programas de alfabetização mais eficientes e mais relevantes às necessidades e finalidades das pessoas. Certificar-se de que os métodos de avaliação sejam viáveis, apropriados ao contexto e produzam dados confiáveis, em tempo oportuno e utilizáveis para formuladores de políticas será essencial para otimizar as novas possibilidades.

---

## Fontes e leitura adicional

Bougroum. M. 2007. La mesure, le suivi et l'évaluation dans le domaine de l'alphabétisme: Cas du Maroc. UNESCO Regional Conferences in Support of Global Literacy; 29-30 November 2007, New Delhi, India.

OECD. 2000. Literacy in the Information Age. Final Report of the International Adult Literacy Survey. Paris, OECD.

OECD. 2004. Programme for the International Assessment of Adult Competencies (PIAAC). Draft strategy paper. Paris, OECD. <http://www.oecd.org/dataoecd/3/3/34463133.pdf>

Statistics Canada and Organisation for Economic Cooperation and Development (OECD). 2005. Learning a Living – First Results of the Adult Literacy and Life Skills Survey, Paris and Ottawa, OECD and Statistics Canada.

UNESCO Institute for Statistics. 2005. Literacy Assessment and Monitoring Programme (LAMP) [http://www.uis.unesco.org/TEMPLATE/pdf/LAMP/LAMP\\_EN\\_2005.pdf](http://www.uis.unesco.org/TEMPLATE/pdf/LAMP/LAMP_EN_2005.pdf)



© Clinton Robinson

## Monitoramento e avaliação

O monitoramento e avaliação da alfabetização – com conhecimento sobre a situação geral, o que é eficaz, e os problemas a serem enfrentados – é um passo crucial para a consecução de resultados positivos e sustentáveis. O monitoramento e a avaliação ocorrem em três níveis principais:

- Nível global, que mostra o progresso de objetivos internacionais, como os ODMs e a EPT. O Relatório de Monitoramento Global de EPT (GMR) realiza este trabalho anualmente.
- Níveis nacional e subnacional, em que o monitoramento e avaliação da alfabetização e da NFE permite aos formuladores de políticas e gerentes de programas tomar decisões informadas e medir o progresso dos objetivos da política.
- Nível de programa: a alfabetização deve permitir às pessoas fazerem coisas que não eram capazes de realizar antes de serem alfabetizadas e os programas devem ter objetivos e resultados claros. A única maneira de saber se os programas são bem-sucedidos ou não é monitorar seu progresso e avaliar seus resultados.

### *Monitorando a provisão da alfabetização e outros aprendizados não formais*

O GMR monitora a consecução dos seis objetivos de EPT. O quarto objetivo se refere à alfabetização para jovens e adultos, embora o processo de alfabetização esteja presente em todos os outros objetivos – desde a infância, a educação primária e a paridade de gênero, até os programas de aprendizagem ao longo da vida. O sexto objetivo menciona a alfabetização e o domínio das operações matemáticas básicas como resultado de uma aprendizagem de alta qualidade. Em 2006, o GMR se concentrou particularmente na alfabetização de adultos e continua monitorando o progresso da alfabetização a cada ano. O GMR continua oferecendo análise confiável das estatísticas da alfabetização e requer maior atenção para a alfabetização de jovens e adultos.

## Sistema de Gestão de Informações para a Educação e Alfabetização Não Formais

Apesar do compromisso global com a tão citada 'visão ampliada' da educação básica que está mudando para além do foco em sistemas educacionais do setor da educação formal, há uma clara ausência de informações disponíveis sobre a **educação não formal (NFE)**. Entretanto, o compromisso coletivo de monitoramento sistemático do progresso dos objetivos da EPT implica na necessidade crítica de um retrato **detalhado** do desempenho de todo o setor da educação, incluindo a educação não formal.

A maioria dos países têm Sistemas de Gestão de Informações Educacionais para monitorar a educação formal, mas somente em casos raros tais sistemas incluem a educação não formal. Ao mesmo tempo, os países têm colocado cada vez mais a necessidade de informações e dados confiáveis sobre a educação não formal. A UNESCO respondeu ao desafio com o desenvolvimento de uma metodologia e ferramenta de base de dados de fácil utilização para criar um Sistema de Gestão de Informações sobre a Educação Não Formal (NFE-MIS).

### O que é um NFE-MIS?

O NFE-MIS pode ser definido como um sistema, compreendendo os seguintes componentes:

- Um marco conceitual e uma metodologia para mapear e monitorar a NFE, que são apropriados no nível local e, ao mesmo tempo, consistentes no nível nacional e entre países.
- Protótipos de ferramentas de coleta de dados.
- Uma base de dados computadorizada capaz de gerar diretórios, sínteses de relatórios e relatórios estatísticos.
- Uma estratégia de disseminação que assegure o fluxo de informações em mão dupla entre todas as partes interessadas da NFE.

O manual (2005) para criação desse tipo de sistema está disponível *on-line*, e inclui também um

guia de construção de capacidades para apoiar a implementação do NFE-MIS.

### O que o NFE-MIS faz?

O NFE-MIS visa munir formuladores de políticas e planejadores com dados confiáveis, relevantes e em tempo oportuno, de forma a permitir a tomada de decisão informada, melhor planejamento e melhor provisão de NFE. O sistema permite aos países mapear a provisão de NFE – quem são os provedores; que tipo de programa é realizado, onde, quando, e como; quem são os facilitadores e quem são os alunos – assim como monitorar e avaliar a implementação de programas de NFE e medir o progresso realizado em direção aos objetivos da política.

Os dados permitem que gerentes e executores do programa coordenem e implementem melhor seus programas. Por último, fornece também dados de linha de base sobre os alunos com base em amostras, o que facilita os estudos de impacto.

No momento, o NFE-MIS está sendo introduzido em Bangladesh, Marrocos, Níger, Senegal e Tanzânia.

## Avaliando programas de alfabetização

Governos, financiadores, alfabetizadores, acadêmicos, comunidades e alunos, todos querem a mesma informação sobre programas de alfabetização: 1) Funcionam bem? 2) Qual é o impacto do alfabetização na vida das pessoas?

A fim responder essas perguntas, as avaliações de programas de alfabetização devem abordar vários aspectos:

- Avaliação formativa durante o programa
  - Determinantes de qualidade: quais são os fatores que fazem um programa ser de boa qualidade? Os métodos e os materiais são apropriados para o grupo em questão? Os facilitadores são bem treinados? Quais são os custos do pro-

grama? O conteúdo é relevante para aqueles alunos? O processo prepara os alunos para usarem a alfabetização para melhorar suas vidas?

- Avaliação de resultados imediatos
  - Resultados de aprendizagem: os alunos adquiriram o conhecimento e as habilidades no final do programa conforme planejado?
  - Conquistas de aprendizagem: que tipos e graus de alfabetização os alunos conquistaram?
- Avaliação de longo prazo e estudos de impacto
  - Uso das habilidades de leitura e escrita: até que ponto e de que forma os beneficiários dos programas de alfabetização usam as competências adquiridas?
  - Impacto dos programas de alfabetização: o objetivo é medir o impacto de programas de alfabetização quantitativa e qualitativamente nas vidas e no trabalho dos beneficiários, em suas famílias e comunidades.

Quando houver dados de linha de base confiáveis, os estudos podem usar métodos estatísticos para testar diferenças na renda ou na participação social. Além disso, ou alternativamente, os estudos podem perguntar aos alunos diretamente sobre sua experiência de aprendizagem e as mudanças geradas pela alfabetização. Assim, é possível ver o impacto produzido pela alfabetização, lembrando

que outros fatores não ligados à alfabetização também podem ter contribuído para determinadas mudanças.

Muitos dos exemplos de programas de alfabetização incluídos nesta publicação ilustram as respostas a questões de eficácia e impacto e são extraídos de avaliações de programas.

A produção de mais avaliações de impacto ajudariam a compreender onde a alfabetização pode ser mais proveitosa, tanto em termos da vida das pessoas em suas comunidades quanto em termos de suas conexões com outros objetivos de desenvolvimento. A segunda metade da Década para a Alfabetização deve conferir prioridade a essas avaliações.

### Medindo o impacto no Brasil

Um estudo de impacto do programa Brasil Alfabetizado sugeriu que a alfabetização tem maior efeito e o efeito mais significativo estatisticamente nas áreas de educação infantil, trabalho infantil e acesso ao mercado de trabalho. A recompensa no mercado de trabalho aos indivíduos por eles serem alfabetizados é um aumento médio de pelo menos 19% no salário ao longo de sua vida.

### Impactos múltiplos na Mongólia

Uma avaliação do Programa Surch Amidarya: Learning for LIFE (Educação Básica Não Formal a Distância na Mongólia) examinou seu impacto a partir de diferentes perspectivas. Além de avaliar seu impacto na qualidade de vida dos alunos, o estudo observou o impacto na política nacional, na capacidade técnica e profissional, e nas parcerias. Em termos das implicações desses impactos para trabalhos futuros, a avaliação examinou a relevância da abordagem e do conteúdo, a efetividade do programa, e seu potencial de sustentabilidade e replicação.

---

## Fontes e leitura adicional

Azevedo, João Pedro. 2007. Assessment, Monitoring and Evaluation of Literacy in Brazil. UNESCO Sub-Regional Conference in Support of Global Literacy; 29-30 November 2007, New Delhi, India.

Connal, C. and Sauvageot, C.. 2005. The NFE-MIS Handbook: Developing a Sub-National Non-Formal Education Management Information System. UNESCO: Paris. <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001457/145791e.pdf>

UNESCO. 2004. Surch Amidarya: Learning for Life – Non-formal Basic Distance Education in Mongolia. An evaluation of its impact. Unpublished report.

UNESCO. 2007. Non-Formal Education Management Information System (NFE-MIS). Paris, UNESCO. <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001588/158825e.pdf>



© Clinton Robinson

## Financiamento da alfabetização

**A dimensão do financiamento para a alfabetização de adultos é atualmente insuficiente para o tamanho e a natureza da tarefa.**

**A**s fontes de financiamento para programas de alfabetização de adultos incluem governos nacionais, doadores de organizações de assistência, setor privado, fundações, organizações da sociedade civil, organizações religiosas, e doadores individuais. Uma vez que a alfabetização de adultos está interconectada com outros objetivos da Educação para Todos e dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, a falta de compromisso financeiro com a alfabetização reduzirá o espaço para consecução dos outros objetivos. Nas pesquisas realizadas na metade da Década para a Alfabetização, muitos governos e provedores de alfabetização da sociedade civil identificaram a falta de financiamento como uma questão-chave.

Apoio à alfabetização

O desafio é tamanho que os atuais níveis de financiamento não são suficientes para se atingir os objetivos da Década das Nações Unidas para a Alfabetização. Essa foi a mensagem clara que emergiu da revisão dos primeiros cinco anos da Década, enfatizada pelas conclusões do Relatório de Monitoramento Global de EPT em suas edições desde 2006. A falta de financiamento adequado não é o único desafio para a alfabetização de adultos, mas ainda é o obstáculo mais significativo para o progresso. Afeta os custos do programa, e limita investimentos mais amplos em qualidade, inovação, sustentabilidade e pesquisa.

### **Financiamentos governamentais para a alfabetização**

Muitos países de renda média conseguem atender suas necessidades financeiras para a alfabetização de adultos, incluindo alguns dos países com números elevados de jovens e adultos analfabetos funcionais, como Brasil, China e Índia. A Índia aumentou seus gastos com a alfabetização de adultos em 50% em 2008-9 e planejou triplicar a alocação de recursos. Diversos países participantes da LIFE aumentaram seus orçamentos para a alfabetização. Por exemplo, Burquina Fasso aumentou a parcela destinada à alfabetização no financiamento da educação de 1% para 7%, no Senegal o orçamento aumentou de 1% para 3%, e no Mali de 500 milhões para 4 bilhões de francos CFA. Diversos países estabeleceram novos 'fundos nacionais' para a alfabetização, possibilitando o apoio de uma diversidade de financiadores, e integraram a alfabetização de adultos aos planos nacionais de educação.

Muitos países gastam apenas 1% ou menos de seu orçamento nacional para a educação na alfabetização de adultos, mas outros ministérios também alocam fundos orçamentários para a alfabetização – por exemplo, os ministérios da Saúde, do Trabalho, ou do Desenvolvimento Social. A Campanha Global pela Educação e a ActionAid, na Oficina Internacional de Alfabetização de Adultos em Abuja (2007), fomentaram um *benchmark* de no mínimo 3% do orçamento da educação ser destinado à alfabetização de adultos, uma meta também proposta pela LIFE.

Algumas agências bilaterais e multilaterais fornecem valioso apoio à alfabetização, trabalhando em conjunto com governos para melhorar a provisão da alfabetização.

## *Sociedade civil e fontes privadas de financiamento*

A maior parte dos investimentos da sociedade civil depende de financiamento de organizações doadoras internacionais e outras fontes, de acordo com uma pesquisa de 2008. Muitas organizações da sociedade civil que responderam a pesquisa também destacaram que o acesso adequado a fundos é um desafio, que afeta especialmente a continuidade dos programas e a capacidade de responder às necessidades expressas.

As organizações privadas que financiam a alfabetização incluem corporações multinacionais, fundações filantrópicas, doadores privados, organizações religiosas, e patrocinadores individuais e da comunidade. O setor privado tem potencial para aumentar a fonte de financiamento para a alfabetização, com apoio direto a programas de alfabetização e esquemas de treinamento relacionados ao mercado de trabalho, como parte da responsabilidade social corporativa. Entretanto, há poucos números publicados sobre até que ponto essas fontes de financiamento contribuem para os programas de alfabetização.

### **Qual é o custo da alfabetização?**

Na primeira metade da Década para a Alfabetização, houve algum progresso em termos do estabelecimento de custos dos programas de alfabetização, e pesquisas internacionais mostraram que o custo por aluno por ano deve estar entre US\$ 50-100. Muitos países não gastam sequer o mínimo exigido, o que confere peso ao argumento de que orçar para custos mais elevados significaria resultados de melhor qualidade.

No entanto, é preciso cautela nas comparações de custos, por causa das diferenças no que é incluído e excluído e os resultados que se pode esperar. No Brasil, a pesquisa mostrou que os custos variam entre US\$ 40 e 182, mas advertiu que os custos baixos prejudicaram a capacidade dos programas de manter as normas de provisão, tais como número adequado de horas presenciais. A faixa de US\$ 50-100 por aluno provavelmente também subestima o custo de outros aspectos do programa de alfabetização, como treinamento inicial e estágio, desenvolvimento profissional, capacidade de pesquisa, instalações e equipamento – que geralmente são negligenciados e prejudicam a qualidade.

## Quanto custa o analfabetismo?

Quando as pessoas não conseguem usar adequadamente as habilidades de leitura e escrita para o trabalho e outras finalidades em sua vida cotidiana, há um custo para o indivíduo e um custo potencial para toda a sociedade, tanto econômico quanto social. Tais custos estão sendo mensurados e poderiam se tornar um fator importante para avaliar o valor relativo de investir na alfabetização. O custo de não se fazer nada a respeito pode ser equivalente aos investimentos necessários. Há estudos na Holanda, Suíça e Filipinas sobre essa questão (ver fontes abaixo) – o estudo holandês alega que uma abordagem estrutural ao baixo nível de alfabetização geraria para o país uma economia de 537 milhões de Euros por ano. O estudo suíço calculou a renda perdida e o aumento dos custos sociais e do desemprego, chegando a um custo anual para a economia estimado em mais de 800 milhões de euros, percebido pelo estudo como uma estimativa conservadora. Nas Filipinas, as estimativas mostraram que o governo poderia economizar US\$285 milhões por ano se investisse em um programa de alfabetização para os mais pobres, o que aumentaria as habilidades, a empregabilidade e a capacidade de geração de renda a um nível acima da linha da pobreza. Dois outros estudos estão sendo conduzidos atualmente (2008) na América Latina, um pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), e outro pelo *Programa Estado Nación* na Costa Rica. Outros países estão mostrando cada vez mais interesse em estudos desse tipo.

## De onde poderia vir mais financiamento?

A partir dos exemplos dados, alguns governos estão dedicando esforços no sentido de aumentar seus orçamentos para alfabetização, juntamente com compromissos com outros aspectos da educação. O *benchmark* de 3% do orçamento da educação ser destinado à alfabetização é uma meta razoável e viável. Entretanto, em alguns países com grande número de analfabetos e um orçamento relativamente pequeno para a educação, pode ser que os 3% não sejam suficientes. Embora um *benchmark* seja útil como ponto de referência, as necessidades reais de financiamento e provisão orçamentária irão depender do contexto. O apoio por parte de doadores internacionais tem sido muito baixo atualmente – tanto os objetivos da Década para a Alfabetização quanto os objetivos de EPT relacionados à alfabetização continuam a ser relativamente negligenciados pela comunidade internacional. A Associação para o Desenvolvimento da Educação na África (Adea) em 2006, o Chamado à Ação de Abuja (2007), e as Conferências de Apoio à Alfabetização Global (2007-2008), todos pediram que a Iniciativa

*Fast Track* da EPT aumentasse o escopo de seu Fundo Catalítico de modo a incluir consistente e explicitamente a alfabetização de jovens e adultos. Até o momento, o financiamento de EPT-FTI para a alfabetização tem sido a exceção e não, a regra.

Os potenciais financiadores da alfabetização, governamentais e internacionais, frequentemente questionam o impacto dos programas de alfabetização ou mencionam sua baixa qualidade. No entanto, a baixa qualidade na educação primária nunca leva a relutância em investir; ao contrário, a maiores investimentos. Um compromisso similar com a alfabetização é essencial. Em 2006, o Relatório de Monitoramento Global da EPT estimou que a consecução do objetivo da alfabetização de EPT custaria US\$2,5 bilhões por ano durante vários anos.

**Em 2006, o Relatório de Monitoramento Global EPT estimou que a consecução do objetivo de alfabetização da iniciativa EPT custaria US\$2,5 bilhões por ano, ao longo de vários anos.**

## Fontes e leitura adicional

Groot, W. and Maassen van den Brink, H. (2006) *Stil vermogen, een onderzoek naar de maatschappelijke kosten van laaggeletterdheid*. Stichting Lezen & Schrijven. (Silent power, a study of the social costs of low literacy)

Guggisberg, J., Detzel, P. and Stutz, H. (2007) *Volkswirtschaftliche Kosten der Leseschwäche in der Schweiz. Eine Auswertung der Daten des Adult Literacy & Life Skills Survey (ALL)*. Büro für Arbeits- und Sozialpolitische Studien BASS AG. (Economic costs of weak reading levels in Switzerland: an evaluation of the data from the Adult Literacy and Lifeskills Survey (ALL))

Philippines Social Watch. 2008. *Missing Targets: an Alternative MDG Midterm Report*.

Ravens, van J. R. and Aggio, C. (2007) *The Costs and the Funding of Non Formal Literacy Programmes in Burkina Faso and Uganda*. Background Paper for the African Inter-Ministerial Conference on Adult Literacy, June 2007. UNESCO Institute for Lifelong Learning.

UN General Assembly. 2008. *Implementation of the International Plan of Action for the United Nations Literacy*

Decade [http://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=A%2F63%2F172&Submit=Search&Lang=E](http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A%2F63%2F172&Submit=Search&Lang=E)

# Parcerias para a alfabetização

*As oportunidades de alfabetização precisam de apoio de diferentes instituições, não apenas do sistema educacional.*

**Os governos** têm a responsabilidade de assegurar o acesso de todos à alfabetização, mas devem incluir diferentes parceiros. **A sociedade civil** tem sido sempre um parceiro crucial na alfabetização de jovens e adultos, elaborando programas flexíveis para grupos específicos no nível comunitário e defendendo os interesses das populações vulneráveis. É dentro das próprias **comunidades** que a alfabetização é realizada e mantida – o engajamento da comunidade é, portanto, fundamental para a apropriação e o desenvolvimento de um ambiente letrado relevante. **O setor privado** tem interesse particular em uma força de trabalho

qualificada e tem desenvolvido programas de alfabetização e treinamento no local de trabalho. Até o momento, as universidades e institutos de pesquisa têm tido interesse limitado na alfabetização e precisam assumir um papel mais ativo, fornecendo evidências de pesquisas sólidas para a boa formulação de políticas e analisando boas práticas.

Os exemplos de parcerias frutíferas em diferentes regiões do mundo, e internacionalmente, servem para destacar o grande potencial para intensificação da cooperação.

## Cooperação Sul-Sul

Contextos similares enfrentam desafios similares. A cooperação entre países do Sul tem a vantagem de aplicar experiências recentes aos programas de alfabetização em situações comparáveis. Como parte de sua cooperação com os países lusófonos da África, o Brasil apoia o desenvolvimento de capacidades (também no Haiti) por intermédio de oficinas de monitoramento, avaliação, coleta de dados, treinamento de facilitadores, desenvolvimento de materiais, uso de línguas locais, e financiamento da alfabetização e da NFE. Essa sólida base para troca de experiências também contribuirá para a Sexta Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos (CONFINTEA VI), que o Brasil sediará em 2009.

Cuba coopera com vários países, latino-americanos e de outras partes, na aplicação de seu método de alfabetização *Yo sí puedo*, baseado em vídeo e em uma abordagem fônica estruturada. Com orientação técnica cubana, os programas variam de campanhas nacionais, como na Venezuela, a programas experimentais, como em alguns países africanos.

### Parceiros da alfabetização: reais e potenciais

- Ministérios relevantes
- Parlamentares
- Organizações não governamentais
- Organizações comunitárias
- Famílias, clans e povoados
- Municípios e governos locais
- Agências nacionais e internacionais de desenvolvimento
- Setor privado
- Fundações
- Organizações religiosas
- Sindicatos
- Escolas
- Universidades e faculdades
- Organizações de jovens
- Clubes

A Academia Africana de Línguas (ACALAN) incentiva a cooperação na África no desenvolvimento de políticas para o uso das línguas, tanto na sociedade quanto na educação. Isso deve incluir cada vez mais a troca de experiências de abordagens multilíngues, que é uma estratégia chave para a aquisição e uso eficaz da alfabetização na África.

## Engajando universidades na alfabetização e na educação básica

A Declaração de Talloires de 2005 expressou um novo compromisso por parte de instituições de educação superior para a promoção de seus papéis cívicos e responsabilidade social. Para tanto, foi criada a Rede Talloires, que agora envolve mais de 50 grandes universidades no mundo, com foco especial em promover a alfabetização (ver quadro). Em 2006, foi criado o Consórcio Educacional Global de Faculdades e Universidades, como um grupo de interesse envolvendo mais de 125 empreendimentos acadêmicos no apoio à Educação para Todos (EPT). Ambas as redes trabalham com a UNESCO colaborando para o desenvolvimento de capacidades, desenvolvimento do currículo, em programas de orientação à alfabetização pelas universidades, e em uma agenda de pesquisa que enfatiza as necessidades dos formuladores de políticas.

### Projeto Global da Rede Talloires

O foco deste projeto de universidades é alfabetização: o Cerne da Educação para Todos. Essa causa é compartilhada pelos membros da rede como parte de suas responsabilidades com a comunidade a seu redor e com a comunidade global.



## Parceria com organizações internacionais

**UNFPA** (Fundo de População das Nações Unidas): apoia o acesso de mulheres à alfabetização; acesso à informação e educação sobre saúde reprodutiva.

**UNICEF** (Fundo das Nações Unidas para a Infância): apoia programas de alfabetização de adultos (mulheres) e em alguns contextos, programas não formais de equivalência para adolescentes fora da escola, que incluem alfabetização e domínio das operações matemáticas básicas.

**FAO** (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação): com foco em populações rurais e alfabetização para produtores e pescadores em associação com habilidades técnicas básicas.

**UNHCR** (Alto-Comissariado das Nações Unidas para Refugiados): facilita o acesso de refugiados ao sistema escolar local, por exemplo em ambientes urbanos, e coopera com ONGs em programas de aprendizagem para adultos.

**OMS** (Organização Mundial da Saúde) e **OIT** (Organização Internacional do Trabalho) em situações em que a alfabetização tem um papel no acesso às oportunidades de informação e trabalho.

**O Banco Mundial** é o maior financiador externo da educação, com foco na educação primária universal. Seu envolvimento com a alfabetização de jovens e adultos é menos desenvolvido, com algum compromisso fundamentado no papel instrumental da alfabetização de adultos para a expansão da educação primária, e nos processos de redução da pobreza e crescimento econômico.

A Década das Nações Unidas para a Alfabetização só atingirá seus objetivos com a intensificação da formação de redes e parcerias que alavanquem as vantagens comparativas.

## Parceria de trabalho na Noruega

Dependendo de como são interpretadas as estatísticas, pelo menos 400.000 adultos (entre 16 e 65 anos) na Noruega, em termos de leitura e domínio das operações matemáticas básicas, estão abaixo do nível considerado mínimo para funcionar de maneira satisfatória no mundo do trabalho e na vida social.

O programa Habilidades Básicas para o Trabalho começou em 2006 para enfrentar esses desafios. A sua finalidade é financiar e monitorar projetos de aprendizagem básica em empresas, ou projetos que visam preparar as pessoas para o trabalho em cooperação com a Administração Norueguesa de Trabalho e Bem-Estar. É financiado pelo Orçamento Nacional, tornando financeiramente viável para empresas privadas e públicas introduzir esquemas de desenvolvimento de habilidades básicas para seus empregados e candidatos a postos de trabalho. A cooperação entre as diferentes entidades do governo e o setor privado foi um elemento essencial para o sucesso.

De forma a aumentar a qualidade do ensino e para assegurar uma educação adequada às necessidades de cada indivíduo, um marco nacional de habilidades básicas para adultos foi desenvolvido como um projeto secundário dentro do programa. O marco compreende descrições dos níveis de competência, diretrizes para provedores, mapeamento de ferramentas e testes, e um modelo para treinamento de professores.

## Mobilizando parceiros no Brasil

A AlfaSol é uma ONG ligada à alfabetização no Brasil, e uma de suas abordagens inovadoras é a formação de um conjunto de parcerias sem precedentes. Desde sua criação, a AlfaSol estabeleceu parcerias com 212 instituições de educação superior, 182 empresas privadas, governos estaduais, prefeituras, organizações internacionais, ONGs e indivíduos.

As instituições de educação superior colaboram no desenvolvimento de projetos pedagógicos e adaptação de materiais de ensino, além de fornecer treinamento continuado para professores de alfabetização locais. Participam também em atividades de monitoramento e avaliação durante os cursos.

Outros parceiros e seus papéis:

- As empresas privadas financiam cursos de alfabetização em alguns municípios e apoiam outras atividades da AlfaSol.
- Os governos estaduais são responsáveis pelo financiamento parcial de cursos de alfabetização em alguns municípios.
- As prefeituras apoiam a mobilização das comunidades, além de oferecer infraestrutura básica para os cursos, transporte para os professores, e suprimentos para suplementação nutricional. Os governos locais são incentivados a criar ou aumentar a disponibilidade de classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA).
- As organizações internacionais fornecem cooperação técnica, não apenas nos campos da alfabetização e da educação de jovens e adultos, mas também em atividades transversais, como gênero, raça e saúde, que são incluídas no conteúdo dos cursos de alfabetização. Além disso, fornecem os fundos que apoiam os projetos de cooperação técnica implementados em países em desenvolvimento.
- As ONGs mobilizam as comunidades e fornecem infraestrutura para os cursos de alfabetização.
- Indivíduos podem contribuir por meio da campanha Adote um Aluno, e assim financiar o processo de alfabetização de um estudante. Os cidadãos locais são agentes importantes na mobilização de suas comunidades, promovendo a sustentabilidade das atividades da AlfaSol.

---

## Websites:

AlfaSol: [www.alfabetizacao.org.br](http://www.alfabetizacao.org.br)

Rede Talloires: [www.talloiresnetwork.blogspot.com](http://www.talloiresnetwork.blogspot.com)

Método Yo sí puedo: [www.alfabetizacion.rimed.cu](http://www.alfabetizacion.rimed.cu)

CONFINTEA VI: [www.unesco.org/uil/en/focus/confintea.htm](http://www.unesco.org/uil/en/focus/confintea.htm)

Academia Africana de Línguas: [www.acalan.org](http://www.acalan.org)

Agências da ONU: [www.acrônimo.org](http://www.acrônimo.org)

# Chamado à ação

*A alfabetização é meio essencial para o aprendizado inicial e ao longo da vida.*

*A alfabetização é um parâmetro chave para o desenvolvimento.*

*A alfabetização é um indicador crucial do bem-estar humano.*

## *E assim...*

- É inaceitável que quase um em cada cinco adultos ainda não saiba ler e escrever e que milhões não tenham níveis de alfabetização adequados às necessidades de suas vidas e de seu trabalho.
- Com o crescimento populacional, a estimativa é que, até 2015, o número absoluto de adultos não alfabetizados (com mais de 15 anos de idade) cairá de 774 milhões para 706 milhões, progresso que é demasiadamente lento para a consecução dos objetivos da EPT ou dos ODMs.
- É urgente a oferta de educação de qualidade para todos os jovens e adultos, assim como para crianças na escola, a fim de que tenham as competências básicas de que necessitam para continuar aprendendo.
- Investimentos mais volumosos e consistentes nas capacidades necessárias para programas de alfabetização de alta qualidade constituem um imperativo urgente.

## *À luz desses desafios...*

*Precisamos de uma nova agenda para a alfabetização – uma agenda que inclua alfabetização, de maneira sólida, no direito à educação e no objetivo do desenvolvimento sustentável.*

*A segunda metade da Década – de 2008 até o final de 2012 – oferece oportunidade para um novo ímpeto que precisa se estender para além do fim da Década. Embora estejamos trabalhando com toda dedicação possível para o cumprimento dos prazos de consecução dos objetivos da Década e da EPT (2015), devemos planejar com a devida antecedência.*

*Para dar forma à agenda da alfabetização, há necessidade urgente de um momentum renovado, com ideias novas e inovadoras e uma visão claramente articulada. No nível global, três ações fundamentais são necessárias:*

- 1) Mobilizar um compromisso maior com a alfabetização.
- 2) Reforçar a efetividade da provisão de programas de alfabetização.
- 3) Explorar novos recursos para a alfabetização.

## **1) Maior compromisso**

Jovens e adultos sem habilidades de leitura e escrita, embora heterogêneos em suas características, constituem um grupo que precisa de mais atenção, especialmente no que diz respeito ao tratamento de questões de gênero, juventude, pobreza e marginalização. É necessário que haja muito mais consciência sobre a injustiça educacional sofrida por esses jovens e adultos. Além disso, é preciso evidências mais fortes sobre os benefícios da alfabetização e os custos do analfabetismo, a fim de convencer os responsáveis pelas decisões a investirem na alfabetização. Além disso, a mudança das políticas exigirá:

- *Advocacy* em escala muito maior, envolvendo uma ampla gama de partes interessadas, com base no direito à educação básica, no direito ao desenvolvimento, na necessidade essencial da alfabetização para as economias de conhecimento da atualidade e na importância da aprendizagem ao longo da vida.
- Maior vontade política e políticas mais sólidas visando à provisão de alfabetização de alta qualidade com *benchmarks* internacionais que sirvam como ponto de partida.
- Uma visão mais clara sobre as necessidades reais e o que funciona para o atendimento dessas necessidades por intermédio de melhorias no diagnóstico, monitoramento e avaliação da alfabetização para melhor planejamento e formulação de políticas.
- Parcerias mais dinâmicas nos níveis comunitário, nacional, regional e internacional, baseadas em uma visão comum do valor da alfabetização.

## **2) Maior efetividade da provisão na ponta**

A elaboração de programas de alfabetização relevantes e eficazes requer o direcionamento do apoio nacional e internacional para as necessidades e características das comunidades. O investimento mais crítico para bons programas é o desenvolvimento de capacidades – em todos os níveis e em todas as áreas da provisão da alfabetização. Isso exigirá:

- Aumento da oferta e da qualidade na provisão, ao mesmo tempo atendendo a contextos diversos.
- Fortalecimento do desenvolvimento de capacidades dos atores da alfabetização como parte integrante de todos os programas de alfabetização;

- Enriquecimento do ambiente letrado por meio da promoção da produção e autoria de materiais escritos, impressos e eletrônicos, publicação e distribuição, com oportunidades contínuas para o uso da alfabetização e aprendizagem futura.
- Atenção mais focada no domínio das operações matemáticas básicas como um conjunto de habilidades distintas, mas relacionadas, e como iniciativa específica conduzida pela UNESCO.
- Maior troca de informações sobre o que funciona.
- Pesquisa, com plena participação de universidades, para fornecer dados confiáveis e alternativas baseadas em evidências aos formuladores de políticas.

### **3) Novos recursos para a alfabetização**

De acordo com estimativas atuais, para se fornecer educação básica de qualidade para todos seria necessário um incremento de aproximadamente \$11 bilhões aos recursos disponíveis atualmente. Nesse contexto, no momento, os recursos para a alfabetização de jovens e adultos são mínimos. Financiamento adicional para a alfabetização deve ser parte do aumento de recursos para a Educação para Todos. Isso exigirá:

- Mais informações sobre custos de programas de alfabetização e sobre o custo de oportunidade do analfabetismo em relação ao enfrentamento do desafio representado por necessidades e contextos diversos.
- Orçamentos mais substanciais – pelo menos 3% do orçamento nacional para a educação deve ser destinado à alfabetização de adultos.
- Maior apoio financeiro por parte dos doadores, com um compromisso claro de incluir investimentos para a alfabetização de adultos na Iniciativa *Fast Track* de EPT, Abordagens Setoriais e assistência para a redução da pobreza.

## **Para mais informações**

[literacy@unesco.org](mailto:literacy@unesco.org)

### **UNESCO Sede**

Unidade de Coordenação da DNUT  
Divisão para a Coordenação  
das Prioridades das Nações Unidas na Educação  
7, place de Fontenoy – 75352 Paris 07 SP – França

### **Representação da UNESCO no Brasil**

SAS, Quadra 5 Bloco H,  
Lote 6, Ed. CNPq/IBICT/UNESCO 9º andar  
– 70070-914 – Brasília – DF – Brasil

*A alfabetização faz parte do pleno potencial individual, do aprendizado para o crescimento e a mudança, da comunicação entre e dentro das culturas, e da participação em oportunidades sociais e econômicas.*

*Ser alfabetizado na língua materna e usar a alfabetização de maneira significativa ampliam os horizontes globais.*

*Em um mundo onde o conhecimento e o processamento de informações representam cada vez mais o meio para a mobilidade social e o progresso econômico, a aprendizagem ao longo da vida é a norma, e a alfabetização é a chave.*



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura

**Setor de Educação**

Divisão para a Coordenação das Prioridades  
das Nações Unidas na Educação